

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ALYNNE FONSECA DE OLIVEIRA

**“SOU MELHOR QUE A MINHA FAMA”:
A PRESENÇA DE SCHILLER EM PERIÓDICOS DO BRASIL DOS OITOCENTOS**

NATAL/RN
2022

ALYNNE FONSECA DE OLIVEIRA

**“SOU MELHOR QUE A MINHA FAMA”:
A PRESENÇA DE SCHILLER EM PERIÓDICOS DO BRASIL DOS OITOCENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem, na área de concentração Literatura Comparada, e linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier.

NATAL/RN
2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Oliveira, Alynne Fonseca de.

"Sou melhor que a minha fama" : a presença de Schiller em
periódicos do Brasil dos oitocentos / Alynne Fonseca de
Oliveira. - Natal, 2023.

127 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier.

1. Imprensa histórica brasileira - Dissertação. 2. Memória
cultural estrangeira - Dissertação. 3. Schiller, Friedrich von -
Dissertação. I. Xavier, Wiebke Röben de Alencar. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 070"18" (81)

ALYNNE FONSECA DE OLIVEIRA

**“SOU MELHOR QUE A MINHA FAMA”:
A PRESENÇA DE SCHILLER EM PERIÓDICOS DO BRASIL DOS OITOCENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

BANCA EXAMINADORA DE DEFESA

Presidenta da Banca Examinadora - Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier

Examinador Externo - Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Examinadora Interna - Profa. Dra. Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

Dedico esse trabalho a Deus, à minha mãe e à minha orientadora pelo incentivo e apoio para realizá-lo.

“Sê tão feliz quanto for grande a tua misericórdia!”
SCHILLER, Friedrich
(Trecho de *Os Bandoleiros*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos(as) que contribuíram para a realização deste trabalho até aqui. Sou grata e dedico este trabalho:

Primeiramente a Deus, por me permitir realizar esse sonho e seguir firme nesse propósito.

À minha mãe, que nunca mediu esforços para que eu tivesse acesso à melhor educação possível, e porque sem ela eu não chegaria até aqui.

Ao meu esposo, pelo seu apoio e carinho inestimáveis.

Ao meu irmão, por sempre me incentivar.

Aos meus familiares, pelo amparo.

À minha orientadora, professora Wiebke, para quem não tenho palavras para agradecer o apoio, a paciência e por acreditar tanto em mim, desde a iniciação científica.

Ao estimado professor Marciano Furukava (UFRN), pelo seu estímulo.

Às minhas amigas Gabriella e Gisely, pelo valioso auxílio.

Aos amigos que me escutaram e me ampararam em diversos momentos.

Aos professores do PPgEL que compartilharam os seus ensinamentos.

À coordenação e aos secretários(as) do PPgEL, que sempre responderam minhas mensagens e me orientaram.

À Natal.

À CAPES.

E à UFRN, por me proporcionar tantas experiências acadêmicas preciosas e por me auxiliar a construir a pessoa que sou hoje.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a presença de Friedrich Schiller na imprensa oitocentista brasileira, contribuindo para novos olhares nas áreas de Literatura Comparada, História da Imprensa e Estudos Germanísticos no Brasil. Os jornais assumiram, essencialmente no período oitocentista, um papel significativo: além de informar, exerceram a função de formar novos leitores. O contexto social e histórico da época proporcionou um aumento significativo da circulação transatlântica de ideias e bens culturais, fazendo com que autores estrangeiros como Schiller, Goethe, Schlegel e muitos outros chegassem até os leitores brasileiros. Utilizando o acervo de dados da Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital) – Fundação Biblioteca Nacional, são investigadas as conjunturas e argumentos que envolvem a circulação, tradução e a construção imagética do autor alemão, representante do movimento Tempestade e Ímpeto e do Classicismo de Weimar. Destacamos os seguintes jornais: o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Jornal de Recife* e o *Publicador Maranhense*, no intervalo que compreende de 1822 a 1890, para exemplificar as ocorrências de Schiller nos periódicos brasileiros de língua portuguesa na fase inicial da sua formação sociocultural e identitária. Schiller é introduzido no país, primeiramente, a partir de apresentações teatrais e, posteriormente, o seu nome figura entre as páginas dos jornais brasileiros. Entre os seus tradutores estão o poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias, o professor gaúcho Bernardo Taveira Júnior, o pernambucano João Carlos de Souza Machado e o escritor sergipano Tobias Barreto. As publicações jornalísticas sobre Schiller demonstram uma heterogeneidade de estratégias de informação e divulgação do referido autor. Considerado referência na Alemanha, Schiller é incluído via dinâmicas de tradução e circulação de periódicos como parte de um cânone universal de homens e mulheres de letras que serviram como referência ou modelo no contexto de discursos nacionais. Entendemos a presença schilleriana como mosaico relevante na formação da memória cultural estrangeira da literatura brasileira. Tratamos o nosso *corpus* – as ocorrências jornalísticas que envolvem Schiller e as suas obras – por análises quantitativas e qualitativas. Para a análise quantitativa, apoiamos-nos no trabalho de Lima (2010) e, para a qualitativa, baseamos-nos no conceito teórico-metodológico de Transferências Culturais, de Michel Espagne (2017), somadas às pesquisas apresentadas na coletânea “Trânsitos, trocas e transferências culturais” de Xavier, Augusti e Mollier (2019), além do conceito de Antropofagia como procedimento cultural relativo ao estrangeiro, através dos estudos de Berman (2002), Schwarz (2006) e Bernd (2008). Para a abordagem socioeconômica, recorremos a Casanova (2002) e Bourdieu (2002). Utilizamos como referencial os periódicos brasileiros presentes na BNDigital, enfocando a presença de Schiller a partir da perspectiva transatlântica da história dos impressos aplicada nas coletâneas de Granja e Luca (2018), Poncioni; Levin (2018), Abreu (2016), Guimarães (2012) e Barbosa (2007). Destacamos, numa perspectiva transatlântica, o potencial ainda pouco explorado dos jornais históricos brasileiros e as suas contribuições para além da história da imprensa periódica.

Palavras-Chave: Imprensa Histórica Brasileira. Friedrich von Schiller. Transferências Culturais. Memória Cultural Estrangeira.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the presence of Friedrich Schiller in the Brazilian nineteenth-century press, contributing to new insights in the Comparative Literature, History of the Press, and German Studies areas in Brazil. During the nineteenth century, periodicals essentially assumed a significant role: in addition to informing, they formed new readers. The social and historical context of the period provided a significant increase in the transatlantic circulation of ideas and culture, which made foreign authors such as Schiller, Goethe, Schlegel, and many others to reach the Brazilian readers. Using the data collection of Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital) – Fundação Biblioteca Nacional, it is possible to investigate the conjunctures and arguments involving the circulation, translation, and imagetic construction of the German author, representative of the Sturm und Drang movement and of Weimar Classicism. We highlight the following periodicals: *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal de Recife* and *Publicador Maranhense*, between 1822 and 1890, to exemplify the occurrences of Schiller in the Brazilian periodicals in Portuguese during the initial phase of their socio-cultural and identity formation. Schiller is first introduced in Brazil from theatrical performances, and later his name figures among the pages of national periodicals. Among his translators are the poet Antônio Gonçalves Dias from Maranhão, Professor Bernardo Taveira Júnior from Rio Grande do Sul, João Carlos de Souza Machado from Pernambuco and the writer Tobias Barreto from Sergipe. The journalistic publications about Schiller demonstrate the heterogeneity of strategies for information and dissemination of this German author. Considered a reference in Germany, Schiller is included via the translation dynamics and periodicals circulation as part of an universal canon of men and women of letters who served as a reference or model for the context of national discourses. We understand the Schillerian presence as a relevant mosaic in the formation of foreign cultural memory in Brazilian literature. We treat our *corpus* – the journalistic occurrences involving Schiller and his works – by quantitative and qualitative analysis. For the quantitative analysis we will rely on Lima's work (2010) and for the qualitative analysis we base on the theoretical-methodological concept of Cultural Transfers by Michel Espagne (2017), added to the research presented in the collection “Transits, exchanges and cultural transfers” by Xavier, Augusti and Mollier (2019), as well as the concept of Anthropophagy as a cultural procedure concerning the foreign, through the studies of Berman (2002), Schwarz (2006) and Bernd (2008). For the socioeconomic approach we resorted to Casanova (2002) and Bourdieu (2002). We used Brazilian periodicals as a reference, present in BNDigital focusing on the presence of Schiller from the transatlantic perspective of the printed history, used in the collections of Granja and Luca (2018), Poncioni; Levin (2018), Abreu (2016), Guimarães (2012) and Barbosa (2007). This work highlights in a transatlantic perspective the under-explored Brazilian's potential of historical periodicals and their contributions beyond the History of the Periodical Press.

Keywords: Brazilian Historical Periodicals. Friedrich von Schiller. Cultural Transfers. Foreign Cultural Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1	Trecho de uma notícia publicada no <i>Correio Official: In Medio Posita Virtus</i> (RJ), Ano 1834\Edição 00017.....	20
Figura 2	Portal da Hemeroteca Digital.....	35
Figura 3	Trecho de um artigo publicado em 1830, edição 00604 no <i>Astrea</i> (RJ).....	52
Figura 4	Capa de uma edição do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ).....	55
Figura 5	Nota publicada no <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ) edição 00066 (1), ano 1838, Sessão Leilões: Leilão extraordinario na Rua da Misericordia, nº 27.....	57
Figura 6	Capa de uma edição inaugural do <i>Jornal do Recife</i> (PE).....	60
Figura 7	Nota sobre a conclusão da tradução da <i>Noiva de Messina</i> , <i>Jornal do Recife</i> (PE), de 1865\Edição 00087.....	62
Figura 8	Nota publicada no <i>Jornal do Recife</i> (PE) sobre o monólogo de Schiller encenado por Adelaide Amaral.....	63
Figura 9	Capa de uma edição do <i>Publicador Maranhense</i> (MA).....	64
Figura 10	Poema de Schiller publicado em 1886 edição 00111 do <i>Jornal do Recife</i> (PE).....	71
Figura 11	Trecho da “Crítica literária” de José de Alencar presente no <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ) ano 1858\Edição 00173 (1).....	72
Figura 12	Trecho da Nota na seção Exterior, publicada em 1853\Edição 00320 (1) no <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ).....	73
Figura 13	Trecho da publicação do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ), Ano 1855\Edição A00079 (1) citando o gênio literário de Schiller e outros.....	74
Figura 14	Parte da publicação do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ), Ano 1853\Edição 00200 (1) citando os gostos alimentares do poeta.....	75
Figura 15	Nota do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ) - Ano 1840\Edição 00116 (1) - Sessão Leilões.....	76
Figura 16	Folhetim “O Rio de Janeiro”, do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ) Ano 1857\Edição 00281 (1).....	77
Figura 17	Trecho da publicação do <i>Publicador Maranhense</i> na edição 00013 (1), ano 1868, intitulada <i>Revista Bibliographica "Eloá"</i> Traducção	86

	paraphrastica de Flávio Reimar.....	
Figura 18	Nota publicada no <i>O Diário Novo</i> (PE) (1842-1848) de 1844/Edição 00161 (1).....	92
Figura 19	Trecho de uma publicação do <i>Diário de Pernambuco</i> (1860-1869) de 1861/Edição 00268.....	93
Figura 20	Crítica de Tobias Barreto ao escritor d'Escragnolle Taunay publicado pelo <i>Jornal do Recife</i> (PE) de 1880\Edição 00086 (1).....	95
Figura 21	Segundo Trecho da crítica de Barreto sobre Taunay que cita Schiller publicado pelo do <i>Jornal do Recife</i> (PE) de 1880\Edição 00086 (1).....	96
Figura 22	Trecho de um artigo de 1849\Edição 00001 (1) de autoria não registrada intitulado “Os Saltheadores, Schiller - Verdi”, do <i>O Artista: Publicação semanal sobre theatros (RJ)</i>	100
Figura 23	Nota sobre o monumento em bronze para homenagear Goethe e Schiller do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ) de 1857\Edição 00147 (1), seção: Revistas dos jornais estrangeiros – Monumentos.....	104
Figura 24	Trecho da nota sobre a falsificação dos autógrafos de Goethe e Schiller da nota do <i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ) (Ano 1855\Edição 00160).....	105
Figura 25	Trecho da publicação do <i>Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal</i> (RJ) - Ano 1858\Edição 00238 (1) - Sessão não mencionada: Do illm. Sr. Manoel de Araújo Porto Alegre.....	106
Figura 26	Trecho da notícia publicada no <i>Diário Novo</i> (PE) de Ano 1847\Edição 00056 (1) intitulada <i>Physiologia do nariz</i>	106
Figura 27	Artigo do <i>Publicador Maranhense</i> (MA) Edição 00143 (1) ano 1865 intitulada “O Sr. Joaquim Serra”.....	107
Figura 28	Trecho do artigo publicado no <i>Despertador (RJ)</i> do Ano 1838, edição 00168 (1) intitulada <i>Theatro Allemão</i>	108

GRÁFICOS

Gráfico 1	Quantitativo sobre as ocorrências de Schiller em periódicos por estado.....	33
Gráfico 2	Presença de Schiller no <i>Diário do Rio de Janeiro</i> apresentados por década.....	69
Gráfico 3	Presença de Schiller no <i>Jornal do Recife</i> apresentados por década.....	69
Gráfico 4	Presença de Schiller <i>Publicador Maranhense</i> apresentados por década.....	70

Gráfico 5	Quantitativo das ocorrências sobre <i>Os Bandoleiros</i> por seção.....	99
-----------	---	----

TABELAS

Tabela 1	Gêneros jornalísticos com ocorrências sobre Schiller.....	53
Tabela 2	Análise quantitativa das ocorrências de Schiller por assunto e periódico...	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS.....	26
2.1	Transferências Culturais e a Antropofagia Cultural.....	26
2.2	O papel didático dos periódicos históricos para a literatura brasileira.....	32
2.3	O suporte jornal, tradução e circulação dos periódicos no século XIX.....	38
3	“SOU MELHOR QUE A MINHA FAMA”: A CHEGADA DE SCHILLER NA IMPRENSA BRASILEIRA.....	43
3.1	Schiller e suas amigadas em meados do século XIX.....	43
3.2	A importância dos periódicos para o Brasil oitocentista e a primeira ocorrência de Schiller.....	47
3.3	Schiller na imprensa oitocentista do Brasil: panorama sob o recorte dos periódicos escolhidos.....	53
3.3.1	<i>Diário do Rio de Janeiro</i>	54
3.3.2	<i>Jornal do Recife</i>	58
3.3.3	<i>Publicador Maranhense</i>	64
3.4	Categorização sistemática das ocorrências de Schiller nos três periódicos brasileiros selecionados.....	66
4	AS MULTIFACETAS DE SCHILLER TRADUZIDAS VIA IMPRENSA E O PAPEL DOS TRADUTORES.....	80
4.1	O papel das traduções nos jornais.....	80
4.2	<i>A Noiva de Messina, ou Os irmãos inimigos</i> : as circunstâncias infelizes da tradução do drama schilleriano por Antônio Gonçalves Dias.....	84
4.3	A balada schilleriana <i>O Mergulhador</i> e o tradutor Bernardo Taveira Júnior	90
4.4	<i>Cabala e Amor</i> na tradução de João Carlos de Souza machado: um desafio de financiamento.....	93
4.5	Tobias Barreto e o Germanismo.....	95
4.6	Moral e amoral de <i>Os Bandoleiros</i> em resenhas de apresentações cênicas.....	99
4.7	Monumentos biográficos de Schiller.....	105
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
	ANEXOS.....	127

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a história da imprensa no Brasil é pensar concomitantemente na sua construção enquanto Estado nacional independente. O surgimento dessa nação está intrinsecamente atrelado à historiografia do jornalismo brasileiro, que desde o seu início não apenas serviu como um registro histórico das transformações socioculturais, políticas e históricas perpassadas pelo Brasil, como também estampou e fomentou algumas das ideias sobre a Independência em suas páginas. Utilizando-se de um contexto favorável, decorrentes da chegada da Corte real portuguesa ao Brasil em 1808 e das inovações trazidas por eles, a imprensa periódica brasileira encontrou um cenário propício para o seu desenvolvimento.

Conforme Fadul (1994), com o aumento significativo do fluxo de informações e de um crescente público leitor, os periódicos tornam-se o principal veículo de comunicação em massa da época e, assim, constituem uma representação do cotidiano brasileiro. A imprensa também demonstra o seu papel essencial para o desenvolvimento da literatura brasileira de diversas formas: desempenhando o papel de mediadora cultural e institucional; estampando em suas páginas nomes relevantes do cânone universal; divulgando autores e obras estrangeiras e nacionais e trazendo discussões críticas sobre essas divulgações, contribuindo para o processo da formação da literatura e cultura brasileira nessa fase inicial.

Buscando um entendimento mais amplo do papel exercido pela imprensa periódica e suas associações com o estrangeiro, o presente trabalho objetiva o mapeamento da presença do autor alemão Friedrich Schiller, representante do movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) e do Classicismo de Weimar, e uma análise da construção imagética na imprensa brasileira. Para tanto, focamos nas ocorrências de Schiller encontradas em três periódicos brasileiros de língua portuguesa no século XIX, especificamente durante o período entre 1822 e 1890. Esse intervalo compreende desde a inauguração dos primeiros jornais em solo brasileiro ao redor da independência até o início da consolidação da imprensa periódica no Brasil, interligando-se ao maior período de funcionamento comum entre os periódicos estudados.

O *corpus* da pesquisa é composto pelo *Diário do Rio de Janeiro* (1821-59/1860-78), o *Jornal de Recife* (1859-1938) e o *Publicador Maranhense* (1842-1885). A escolha por esses jornais ocorreu para exemplificar de forma significativa e mais plural possível o panorama da

presença de Schiller, envolvendo três centros culturais essenciais no Brasil dos Oitocentos: Rio de Janeiro, Recife e São Luís.

O *Diário do Rio de Janeiro*, fundado em 1821, foi o primeiro jornal diário do Brasil e apresentava um papel relevante na historiografia do jornalismo brasileiro. A partir da chegada da Corte real portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, em 7 de março de 1808 ao Rio de Janeiro, após uma permanência de quase um mês na Bahia (LEMOS, 2018, p. 35), a cidade torna-se capital do Império passando por importantes transformações sociais, políticas e históricas que impactam o Brasil até hoje. Entre essas ações, citamos: criação do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, da Biblioteca e do Teatro Real e a fundação da instituição da Impressão Régia, “[...] uma tipografia oficial instaurada no dia 13 de maio de 1808 para publicar os despachos e atos governamentais do Príncipe Regente [...]” (Souza, 2020, p. 312). Doravante à Impressão Régia vamos ter a inauguração do primeiro jornal diário, coincidindo com o ano da partida da Corte real (1821).

O *Jornal do Recife*, fundado em 1858, obteve importância não somente na cidade do Recife, mas alcançou uma dimensão nacional de circulação, tendo em vista o seu objetivo de defender a ciência e a modernidade. O *Jornal do Recife* figurava entre os jornais liberais, destacando-se desde a sua primeira edição por trazer em sua equipe mulheres, como a colunista Francisca Peixoto, e uma tradutora, Maria Lacerda (Cf. Santana, 2007, p. 82). Entre os seus colaboradores estava também o sergipano Tobias Barreto (1839-1889), que atuou como jornalista, escritor, tradutor, sendo uma das maiores figuras da Escola do Recife. Barreto tornou-se um importante divulgador de obras alemãs e um defensor do germanismo no Brasil em sua época.

Já o *Publicador Maranhense*, no que lhe concerne, foi inaugurado em 1842 como um órgão governamental e exercia o papel de propagar e informar a população das atividades realizadas pelo Império. Como explica Souza (2018, p. 40), “[...] era uma folha noticiosa que se encarregava, dentre outras coisas, do expediente do governo e dos debates da Assembleia Provincial. Circulava três vezes por semana até 1862, quando se tornou diário [...]”. Divulgava-se também conhecimento cultural e literário, objetivando, além de informar, a formação dos leitores. Com um viés divulgador e educativo, o *Publicador Maranhense* teve como um dos seus colaboradores Antônio Gonçalves Dias, poeta, escritor e tradutor, responsável pela tradução do drama *Die Braut von Messina* (A Noiva de Messina), de Schiller. Dias, pertencente ao movimento do Romantismo brasileiro, escreveu também o poema *Canção do Exílio*, tornando-se muito famoso no contexto do discurso nacional

oitocentista e que também dialogava com a literatura alemã, especificamente com o poema *Mignon*, de Johann Wolfgang von Goethe, cuja obra Dias conheceu durante a sua estadia prorrogada em Portugal e Alemanha. “[...] Esse conteúdo emocional foi reconhecido desde cedo e fez do poema, como a ‘Canção do Exílio’ para sua região, o epítome da saudade alemã do Sul[...]” (Fransbach, 1965, p. 126). Fransbach destaca que o *Mignon* de Goethe “[...] encontrou o brasileiro Gonçalves Dias como encarnação popular de um poema de saudade” (*Ibid.*, p. 126).

Johann Christoph Friedrich von Schiller nasceu na cidade de Marbach am Neckar em 10 de novembro de 1759 e atuou em diversas áreas como filosofia, medicina, história e literatura. Era, como dito anteriormente, um dos principais representantes do movimento Tempestade e Ímpeto e do Classicismo de Weimar, em conjunto com Goethe, Herder e Wieland. Pela historiografia romanística, Schiller é classificado frequentemente – e até hoje – como um dos precursores do Romantismo alemão, visão iniciada na época por causa das encenações teatrais e musicais com adaptações de obras pré-românticas schillerianas por grupos estrangeiros de teatro e de ópera. Essa visão foi consolidada posteriormente com os inícios dos estudos da Literatura comparada na base de abordagens teóricas e estudos de caso de Paul Van Tieghem e Fernand Baldensperger sobre autores do pré-romantismo alemão. Na base dessa fundamentação teórica, em seu país de origem Schiller e Goethe também eram considerados pré-românticos, como também precursores do romantismo do século XIX.

Schiller e Goethe foram contemporâneos, residiam em Weimar e comumente eram vistos nos mesmos ambientes e ciclos sociais. Houve um período de afastamento e de uma espécie de competição entre eles. Segundo Sússekind (2007, pp. 78-79), após uma breve troca de cartas formais relacionados a revista *Die Horen* (As Horas), ambos tiveram um encontro em uma sociedade de estudos naturais, o qual fora citado por Goethe como um momento significativo que possibilitou a amizade entre eles. Em sua época, Schiller já era um autor famoso e considerado “escandaloso” da literatura alemã, conseguindo colher em vida alguns frutos de suas obras, mas atraindo também muitas polêmicas. Entretanto, com a sua morte prematura – Schiller morreu em 1805 – sua fama ganhou maiores proporções. Ele foi considerado pela recepção histórico-literária nacional, assim como no contexto universal, um dos grandes homens da Literatura alemã do século XVIII. Além disso, obteve ampla repercussão em outras literaturas europeias via traduções e adaptações das suas obras, incluindo-o como parte de um cânone universal de autores e criando repercussões literárias, históricas e jornalísticas, a exemplo de monumentos biográficos circulando sobre Goethe,

Shakespeare, Victor Hugo, Rousseau, Dostoiévski e outros. Na base dessa sua presença midiática, ele chegou a ser incluído nas discussões europeias e transatlânticas sobre história, filosofia, moral e literatura na fase inicial de formação das culturas e literaturas nacionais.

Foram essas dinâmicas de um biografismo transcultural ao redor da sua produção literária, a polêmica ao redor dele e a sua amizade com Goethe que tornaram Schiller interessante para a imprensa e o público leitor do Brasil dos Oitocentos. A sua presença nos impressos brasileiros vai revelar as multifaces com as quais ele foi apresentado a esse público leitor e sob quais aspectos ele entrou na memória cultural estrangeira da recém-formada nação.

As obras de Schiller que já possuíam uma ampla recepção nos países europeus desembarcaram no Brasil com a biblioteca da Corte real portuguesa, em 1808. Inicialmente, a circulação de suas obras se concentrava em sua maior parte nos poucos espaços culturais, como os do teatro, ópera, livraria, Gabinete Português de Leitura e bibliotecas particulares. Mesmo nesses ambientes, as barreiras linguísticas certamente foram um empecilho. Havia a circulação das obras schillerianas e suas adaptações em alemão, francês, italiano e português, mas, segundo Guimarães (2011, p. 11), “[...] certamente o francês era o idioma preferido nas livrarias públicas, depois do português”.

Podemos partir da premissa de que o início de Schiller no Brasil é intrinsecamente ligado às traduções, no sentido mais amplo possível: seja por apresentações de suas obras adaptadas para o teatro e ópera, seja pela circulação de traduções francesas e portuguesas, compondo as primeiras bibliotecas ou sendo comercializadas nas livrarias do Rio de Janeiro, Recife, São Luís e outros centros urbanos. Um dos primeiros tradutores portugueses de Schiller, Alexandre Herculano (1810-1877), passa a se dedicar em sua juventude aos estudos da língua alemã, descobrindo, assim, autores como Schiller e Goethe. De acordo com Volobuef (2005, p. 81), ele foi responsável pela tradução da obra schilleriana *Der Geisterseher* (O Aparicionista), de 1789.

Dentre os primeiros tradutores brasileiros nos Oitocentos, destacamos: o maranhense Antônio Gonçalves Dias, responsável, como já mencionado, pela tradução da obra schilleriana *A Noiva de Messina*, de 1863; Taveira Júnior, tradutor de *Guilherme Tell* e do poema *O Mergulhador*; João Carlos de Souza Machado, que traduziu *Cabala e Amor*, de 1783 e também o já mencionado Tobias Barreto. Um canal muito importante para a presença de Schiller na imprensa brasileira é a sua apresentação por outros autores e autoras estrangeiras ou nacionais. Eles relatam, por exemplo, a perspectiva de Goethe sobre Schiller

ou apresentam trechos e ideias schillerianas a partir da obra *De l'Allemagne* (Da Alemanha), de 1813, da autora franco-suíça Germaine de Staël-Holstein, conhecida como Madame Staël e traduzida por Edmir Missio em 2016, referência multicitada pelos autores brasileiros nos jornais da época.

As traduções e abordagens sobre ele e sua obra são realizadas muitas vezes em traduções de segunda mão, via tradução francesa, como neste trecho do jornal *O Despertador* (RJ) que traz, em 1838, creditado a Madame de Staël, a seguinte interpretação sobre a obra *Wilhelm Tell* (Guilherme Tell, 1803), uma tragédia de Schiller:

Tell passa adiante deste chapéu sem conforma-se com a vontade do governador astriaco, não se sujeitando entretanto a ella por pora inadvertencia: que não era do seu character, daquele ao menos que lhe deo Schiller, manifestar opinião alguma política: selvagem e independente, como os cabritos das montanhas, vivia livre, mas não se occupava com o direito que tinha de o ser (O Despertador, 1838, p. 2).¹

A partir do século XX surgem mais traduções de Schiller por autores brasileiros. Entre eles, destacamos o modernista Manuel Bandeira que traduziu a obra “Maria Stuart” (1955) para o teatro. Buscando apresentar ao grande público obras afamadas do teatro universal, o empresário italiano Franco Zampari inaugurou o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e encarregou Bandeira a tradução da obra schilleriana.

Em 1955 encomendou-se a Manuel Bandeira a tradução de Maria Stuart para encenação pelo TBC sob direção de Ziembinski. A tradução foi publicada e encenada pela primeira vez em setembro desse mesmo ano e teve um sucesso arrebatador de público e crítica, cumprindo assim seu papel de obra clássica no repertório eclético do TBC (Martineschen, 2021, p. 164).

Há, também, o trabalho de Roberto Schwarz, que traduziu as obras estéticas de Schiller como as “Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade” (1963). Flávio Meurer traduziu, logo em seguida, a obra schilleriana *Teoria da Tragédia* (1964); Silvio Meira retraduziu o *Guilherme Tell* (1974), e Márcio Suzuki realizou uma tradução da *Poesia ingênua e sentimental* (1991). Entre as traduções mais recentes, evidenciamos os trabalhos de Marcelo Backes, responsável pela tradução da obra-prima de Schiller, *Os Bandoleiros* (2001); Ricardo Barbosa por *Kallias ou sobre a Beleza: A correspondência entre Schiller e Körner* (2002), e Mário Luiz Frungillo, que retraduziu o drama *Intriga e Amor* (2005). Ricardo

¹ Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil em sua edição 00183 do ano 1838. Para a presente pesquisa, optamos por manter as características dos suportes estudados, incluindo a ortografia das citações e transcrições dos jornais históricos.

Barbosa traduziu mais um texto schilleriano – dessa vez, *Cultura estética e liberdade* (2009). Saiu também, em português, *Correspondência* (2010), na tradução de Cláudia Cavalcante, e *Do sublime ao trágico* (2011) por Pedro Sússekind e Vladimir Vieira.

A partir da metade do século XX, Schiller, notadamente reconhecido pelas suas contribuições em diversas áreas do conhecimento, passa a ser também objeto de pesquisas acadêmicas, especificamente nas áreas de História e Letras. Um dos primeiros artigos catalogados no banco de periódicos da Capes foi o texto “Schiller e a História”, de Pedro Moacyr Campos. Publicado em 1957, Campos faz um resgate enfocando no trabalho de Schiller como historiador e resume: “Não sem motivo, deveras, foi Schiller altamente estimado pelos contemporâneos e invocado em nossos dias em virtude de seus trabalhos como historiador [...]” (Campos, 1957, p. 397).

Muitos outros pesquisadores brasileiros direcionaram seus estudos, em partes, para o autor alemão. As temáticas, em sua maioria, estão relacionadas aos eixos da literatura, moral, liberdade, estética, filosofia e nas interações com outros autores. Podemos citar: Ricardo Barbosa (2004), Karin Volobuef (2005), Renato de Miranda Marques (2005), Magali Moura (2006), Marina Clemence Bicalho (2016), Vladimir Menezes Vieira (2018) entre outros.

Entre os eixos temáticos que se utilizam de Schiller, os mais frequentes são sobre o sublime, questões filosóficas e estéticas, como abordado nos já mencionados trabalhos de Marques (2005), Barbosa (2004), Vieira (2018) e Bicalho (2016). Vieira e Moura (2006) também abordam em suas pesquisas a relação de Schiller e Goethe, enquanto Volobuef (2005) trata das influências de Schiller sobre Gonçalves Dias. Encontramos, no total, mais de 600 pesquisas relacionadas a Schiller nos três portais destinados a pesquisas: Portal da Capes, Google Acadêmico e Lattes.

Em relação ao estado da arte de Schiller, hoje percebemos o escasseamento das publicações nos veículos de comunicação brasileiros a respeito do autor. Entretanto, há um bom número de traduções e produções acadêmicas abordando conceitos schillerianos e as suas obras, ainda que faltem estudos sobre a sua presença no Brasil dos Oitocentos. Buscamos, então, com o presente trabalho apresentar uma nova perspectiva sobre as contribuições de Schiller, enfocando sua presença nos periódicos históricos brasileiros do século XIX.

Mediante outros suportes documentais factíveis, optamos, nesta pesquisa, pelos periódicos como recurso histórico e informacional, por proporcionar ao pesquisador um olhar mais ampliado sobre os contextos políticos, históricos, culturais e sociais que envolvem o

determinado período. A partir das páginas dos jornais e revistas, podemos inferir sobre os assuntos populares da época e entender, por exemplo, quais tendências estavam em alta, quais autores eram mais lidos – isto é, atuando com fontes valiosíssimas para um entendimento amplo do imaginário da época.

Ao longo deste trabalho usaremos frequentemente os termos “jornal”, “revista” e “periódico”, tornando-se conveniente circunstanciar os seus usos. No dicionário Houaiss, amplamente utilizado no Brasil, consta, como definição, que o termo “revista” é usado para “[...] publicações direcionadas para um público específico, que traz matérias jornalísticas sobre diversas áreas como beleza, moda, economia [...]” (Houaiss, 2022)². Para o “jornal”, o aspecto temporal, neste caso, a publicação diária e as informações factuais são características diferenciadoras. O uso dessa terminologia variou ao longo dos anos. No início da fundação da imprensa periódica brasileira, os formatos estilísticos entre eles eram semelhantes. A distinção ocorre apenas a partir da República quando há uma censura impactando a imprensa diária, como explica Martins (2008, p. 126): “A despeito da legislação de imprensa servir ao jornal e à revista, o periodismo pautou-se por uma quase tácita divisão, que delimitou os programas de ambos os periódicos: aos jornais, a matéria política; às revistas, a literatura, as modas, o entretenimento [...]”.

Essas ações e o próprio processo de desenvolvimento do jornalismo resultaram em uma consolidação de estilos próprios entre as revistas e jornais. A professora Kátia Camargo (2005) detalha em seu artigo “A Revista como fonte de pesquisa” os formatos e as distinções entre livro, revista e jornal da seguinte forma:

O jornal, cotidiano, factual, restringe-se às informações obtidas ao longo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência é, a priori, um espaço de confrontação de autores, de homens, de um pensador com seu tempo. O artigo de revista procura apreender a atualidade para fazer dela seu objeto de reflexão, e também de ação. De outro lado está o livro, expressão da personalidade de seu autor e que relata, em geral, uma trajetória ímpar, singular [...] (Camargo, 2005, p. 81).

Para nosso estudo, seguimos a posição apresentada na plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital) – Fundação Biblioteca Nacional, que define jornais e revistas também como produtos distintos, e que aglutina o termo “periódicos” para ambos. “[...] Portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas”³. Criados

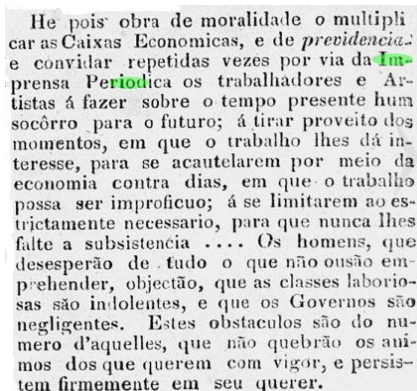
² Para a presente pesquisa foi consultada a versão online do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss, disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo>.

³ Utilizamos o trecho presente na plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital), disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

com propósitos distintos, todavia, ambos, jornal e revista, possuem o mesmo coletivo e usualmente o mesmo sinônimo: hemeroteca e periódico, respectivamente, conforme a Língua Portuguesa.

Já no século XIX, a terminologia “Imprensa Periódica” apareceu citada nos jornais e revistas da época como referência no foco de uma definição de seu papel didático, informativo e político numa notícia de autoria anônima do *Correio Official: In Medio Posita Virtus*, em 1834, sob o título “Instituições úteis – Extracto de hum Art. Do Jornal dos Conhecimentos uteis, do mez de Agosto”, publicando o extrato de outro jornal.

Figura 1 - Trecho de uma notícia publicada no *Correio Official: In Medio Posita Virtus* (RJ), Ano 1834|Edição 00017



He pois obra de moralidade o multipliar as Caixas Economicas, e de *previdencia*: e convidar repetidas vezes por via da *Imprensa Periodica* os trabalhadores e Artistas á fazer sobre o tempo presente hum socôrro para o futuro; á tirar proveito dos momentos, em que o trabalho lhes dá interesse, para se acautelarem por meio da economia contra dias, em que o trabalho possa ser improficuo; á se limitarem ao estritamente necessario, para que nunca lhes falte a subsistencia . . . Os homens, que desesperão de tudo o que não ousão emprehender, objectão, que as classes laboriosas são indolentes, e que os Governos são negligentes. Estes obstaculos são do numero d'aquelles, que não quebrão os animos dos que querem com vigor, e persistem firmemente em seu querer.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Além de englobar em um mesmo grupo revistas e jornais, o artigo destaca o papel da imprensa periódica para a comunicação entre os indivíduos na sociedade, contribuindo, portanto, para a necessidade da fluidez da informação em todas as classes sociais e destacando, nessa notícia, o papel dos trabalhadores e artistas.

Nesse sentido, como ressalta Camargo (2005), não cabe aos jornais um estudo aprofundado sobre as questões apresentando soluções práticas (Cf. Camargo, 2005, p. 81). Eles, como destaca Barbosa (2007), narram o cotidiano de uma sociedade e constituem uma representação relevante das práticas da época (Cf. Barbosa, 2007, p. 77).

O presente trabalho se insere nas pesquisas sobre a imprensa brasileira realizadas no contexto de um projeto anterior desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC, 2018), pertencente ao projeto de pesquisa “A circulação transatlântica de autores alemães no Brasil e autores brasileiros na Alemanha e o papel da França”, desenvolvida por Wiebke Röben de Alencar Xavier (Universidade Federal do Rio

Grande do Norte). Durante o projeto PIBIC, o foco era um mapeamento quantitativo geral da presença de autores de língua alemã na imprensa histórica brasileira dos Oitocentos.

No decorrer do PIBIC (2018) foram mapeados mais de 100 periódicos brasileiros com menções a Schiller, desde a década de 1830. Como demonstrativo da significativa representação do autor alemão na imprensa periódica brasileira, foram identificadas mais de 400 ocorrências relacionadas a ele e suas obras nos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital – Fundação Biblioteca Nacional). Para este estudo, ainda que a plataforma não abranja a totalidade dos periódicos publicados no Brasil no intervalo pesquisado entre 1822 e 1890, o seu acervo representa uma concentração significativa de materiais primos.

Focalizando, então, nos três jornais estudados, foram reunidas mais de 140 ocorrências de Schiller e/ou de suas obras, a partir das quais são reveladas a múltipla presença desse autor em diversos gêneros textuais: em anúncios de vendas de livros; notícias biográficas; ensaios sobre literatura e cultura; críticas sobre apresentações no teatro e publicações de traduções parciais de seus poemas.

Conforme o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, a primeira inserção de Schiller na imprensa brasileira é datada do ano de 1830. Trata-se de uma ocorrência no jornal fluminense *Astrea* (1826), na qual o autor transcorreu sobre obras que tratavam da história das revoluções no mundo, utilizando, como exemplo, a obra schilleriana “Guilherme Tell”, que versa sobre a emancipação da “Suíça”⁴ [sic].

Entre as temáticas encontradas sobre Schiller, durante o período estudado, destacamos os dados biográficos, discursos temáticos e críticos sobre moral, liberdade, reflexões filosóficas, estéticas e literárias, além de comentários críticos acerca da subjetividade moral de seus personagens – especialmente sobre o “problemático” herói Karl Moor, protagonista do drama da juventude de Schiller *Os Bandoleiros* [*Die Räuber*] (1781). O drama circulava já na época em adaptações teatrais e musicais na base de versões em francês, italiano e português europeu. A obra apresenta o protagonista como um ladrão elevado ao *status* de herói, acendendo uma discussão sobre a inversão de valores, banditismo, problemas familiares e referência religiosa. O drama circulava sob títulos diversos e similares, usando a terminologia “salteadores”, “bandoleiros” e “ladrões”.

Apesar das críticas em relação à obra da sua juventude, Schiller entrou no cânone universal de autores considerados modelos, sendo utilizado como inspiração para outros autores, intelectuais e agentes literários que o reverberavam sob os mais diversos argumentos.

⁴ A publicação completa está disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749700&Pesq=suissa&pagfis=2531>.

Salientava-se na imprensa dos Oitocentos a sua fama. Ela estava relacionada a atributos como: erudição, pioneirismo e genialidade, a exemplo do seguinte trecho de uma nota publicada no jornal fluminense *Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras*, de 1843: “Eis ali Weimar, a Ferrara da Allemanha, onde vivêrão e morrêrão os seus maiores gênios, Schiller, Goethe, Wieland e Herder [...]” (*Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras*, 1843).

A obra *De l'Allemagne* (1813), de Madame de Staël, era uma fonte importante para a divulgação jornalística de Schiller. A autora da obra dedica o capítulo oito para analisar a trajetória de Schiller, enaltecendo-o como um gênio, entre outros grandes autores do Classicismo de Weimar (Staël, trad. por Missio, 2016, pp. 163-167). Muito do que se sabia sobre Schiller, na época, vinha dos olhares de outras pessoas, como da própria Madame de Staël ou de Goethe. Entretanto, guiada pela frase que intitula esta pesquisa, atribuída a Schiller, já se indicava o seu desconforto a respeito do que supunham sobre ele, associando, muitas vezes, as temáticas polêmicas e revolucionárias abordadas em suas produções literárias à sua personalidade.

Tendo os periódicos como suporte de veiculação e divulgação de informações sobre Schiller, este estudo buscou compreender sob quais estratégias argumentativas escritores, jornalistas e intelectuais apropriam-se das ideias do escritor alemão e as ressemantizam em seus textos e contextos temáticos. Utilizamos, para tanto, como base teórico-metodológica o conceito de Transferências Culturais (*Transferts Culturels*), enfocando as dinâmicas de deslocamentos e circulação de bens culturais entre dois ou mais contextos geográficos e culturais.

Nesse sentido, de acordo com Espagne (2017), o interesse está nos mecanismos de transmissão e recepção, de partida e chegada que podem transformar e assim ressemantizar o autor e as suas obras no novo contexto cultural. O dossiê *Trânsitos, trocas e transferências culturais* (2019), organizado por Wiebke Röben de Alencar Xavier (UFRN), Valéria Augusti (Universidade Federal do Pará) e Jean-Yves Mollier (Université de Versailles Saint-Quentin em-Yvelines – França) também norteia esta pesquisa. Utilizamos, ainda, para ampliar os olhares sobre os processos de assimilação/recepção, a concepção de Antropofagia como procedimento cultural relativo ao estrangeiro, através dos estudos de Berman (2002), Schwarz (2006) e Bernd (2008).

Para o contexto da imprensa periódica e as circulações de bens culturais, utilizamos como base as pesquisas de Tânia Regina de Luca e Valéria Guimarães, no contexto do projeto

coletivo Transfopress-Brasil (Grupo de Estudos da Imprensa em Língua Estrangeira Publicada no Brasil)⁵; além das coletâneas *Romances em movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)* (2016), organizado por Márcia Abreu; *Suportes e mediadores – A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)* (2019), organizado por Lúcia Granja e Tânia Regina de Luca, e *Deslocamentos e Mediações: A circulação transatlântica dos impressos (1789 – 1914)* (2018), organizado por Claudia Poncioni e Orna Messer Levin.

As coletâneas supracitadas elucidam práticas sociais, políticas e culturais que ocorriam entre os séculos XVIII e início do século XX, trazendo abordagens sobre o crescimento da presença estrangeira no país e as interações decorridas do encontro desses dois mundos. Na última coletânea, por exemplo, as organizadoras apresentam o panorama da aparição estrangeira desde Ferdinand Denis até a chegada das companhias teatrais estrangeiras que desembarcaram no Brasil e que trouxeram em sua bagagem repertórios como os dramas de Schiller. Granja e Luca (2018) tratam do espaço interação, composto pela França, Portugal, Inglaterra e Brasil, sendo convencidas de que ficam “[...] evidentes as complexas redes, em seus diversos suportes e atores, estabelecidos entre o Brasil, Portugal, França e Inglaterra, que compunham parte significativa da vida cultural do mundo atlântico” (Granja; Luca, 2018, p. 31). Trata-se também da circulação de pessoas, informações, produtos, serviços e ideias, enfatizando o trânsito dos impressos no Brasil dos Oitocentos e o papel desempenhado pelos mediadores culturais.

A noção de circulação assume centralidade e se fez acompanhar da problemática das transferências, trocas e mestiçagens, tomadas em diferentes direções e sentidos, o que convida a revisitar o processo de produção, mediação e recepção de objetos culturais (Granja; Luca, 2018, p.17).

Algumas teorias sobre a chegada das obras de Schiller ao Brasil são analisadas por pesquisadores; entretanto, é unânime entre eles a provável vinda pela França ou Portugal, como explana Karin Volobuef (2005): “Seu estímulo, ideias e criações sem dúvida deram um impulso fundamental para o Romantismo de muitos países – inclusive do Brasil. Aqui suas reverberações chegaram via França ou Portugal [...]” (Volobuef, 2005, p. 78). Já a pesquisadora Sílvia Maria Azevedo (1996) cita os fluxos intensos entre França e Brasil,

⁵ Coordenado por Valéria dos Santos Guimarães (UNESP) e Tânia Regina de Luca (UNESP), o TRANSFOPRESS Brasil – Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira reúne pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras num espaço que agrega projetos individuais ou coletivos. Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/>.

destacando o papel do “Grupo Paris”, formado pelos escritores Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, Manuel de Araújo, Sales Torres Homem e Azevedo Coutinho e pelas páginas da revista *Niterói* que reverberam elementos da cultura francesa no país (Cf. Azevedo, 1996, p. 223).

Neste trabalho utilizaremos os registros dos três impressos – *Diário do Rio de Janeiro* (RJ), *Jornal do Recife* (PE) e *Publicador Maranhense* (MA) – na Hemeroteca Digital Brasileira, utilizando as palavras-chave concatenadas e as identificando. Foram utilizados o nome de Schiller, sobrenome e as suas principais obras, além de termos correlatos como: Gonçalves Dias, Taveira Júnior, João Carlos de Souza Machado, Tobias Barreto e Karl Moor. Após a reunião do material encontrado, passamos por um processo de aglutinação em categorias de descrição quali-quantitativas. A categorização do material primo foi elaborada para contemplar todas as menções a Schiller que foram divididas por temáticas, sendo elas: Obras (traduções), Obras e Críticas (Menções), Informações biográficas, Autor (Menções), Vendas e aquisições, Schiller e outros autores, e Teatro.

A partir da visualização do material analisamos sob quais argumentos e em quais espaços Schiller e suas obras foram utilizadas no Brasil, incluindo também a análise dos intervalos de sua recorrência.

Partindo dessa introdução mais ampla do assunto, discutimos no segundo capítulo, de forma mais detalhada, os aspectos teórico-metodológicos que norteiam este trabalho. Foram abordados, portanto, o conceito de Transferências Culturais, a função dos jornais como suporte, a questão da tradução e a circulação dos periódicos nos Oitocentos. Também apresentamos, de modo a se encontrar com as Transferências Culturais, o conceito da antropofagia cultural no contexto social de chegada em relação à ressemantização.

O capítulo 3 trata da recepção de Schiller no Brasil e vislumbra o papel da imprensa para a circulação de suas obras e da sua imagem, bem como suas amizades e como elas foram abordadas nos periódicos da época, já que foi um tema bastante recorrente quando se investiga sobre a vida de Schiller é a sua amizade com Goethe. Considerados os maiores escritores da Alemanha do século XIX, as interações entre eles foram assunto de destaque também nas publicações dos periódicos brasileiros. Os contemporâneos, durante muitos anos, compartilharam de um clima de “competitividade”. Analisaremos a importância dos periódicos sob o olhar da primeira ocorrência de Schiller e dos jornais escolhidos para o presente estudo: *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Recife* e *Publicador Maranhense*. A partir do material encontrado nos periódicos, iniciamos, tomando como ponto de partida nosso levantamento

quantitativo e uma análise qualitativa, uma categorização temática das ocorrências de Schiller encontradas nesses veículos da imprensa.

No capítulo 4, foi realizado um mapeamento dos atores que intermediaram a presença de Schiller nesses periódicos, como eram apresentadas as traduções e qual era o papel das atividades tradutórias. Entre os tradutores do século XIX mais conhecidos de Schiller estão, como anteriormente mencionado, o maranhense Gonçalves Dias, o sergipano Tobias Barreto, o gaúcho Taveira Júnior e o pernambucano João Carlos de Souza Machado. Ainda no capítulo 4, abordamos as apresentações jornalísticas de aspectos da moral e amoral com referência à obra-prima do autor alemão, o drama *Os Bandoleiros*, e qual foi o impacto dessa obra tão polemizada no Brasil dos Oitocentos. Discorremos também sobre a tendência literária universal do biografismo e os seus modelos histórico-literários presentes na imprensa brasileira.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 Transferências Culturais e a Antropofagia Cultural

A chegada de Schiller ao Brasil no século XIX foi possível através das dinâmicas de deslocamentos e transferências culturais. A base teórico-metodológica que norteia essa pesquisa versa, portanto, pelo conceito de Transferências Culturais. Todavia, buscando abranger a perspectiva sobre os mecanismos de recepção, utilizamos também a Antropofagia como procedimento cultural relativo ao estrangeiro, baseando-se em Berman (2002), Schwarz (2006) e Bernd (2008).

O conceito de *transferts culturels*, traduzido para português como “transferências culturais”, foi desenvolvido em meados de 1980 pelo germanista Michel Espagne e pelo historiador Michael Werner no contexto de pesquisas ao redor da edição histórico-crítica dos manuscritos das obras de Heinrich Heine em arquivos parisienses. O foco inicial eram as dinâmicas de processos de transferências literárias e culturais bilaterais entre a França e o espaço de língua alemã a partir do século XVIII. Depois, as pesquisas foram mais trilaterais, como aponta Espagne (2017):

Uma transferência cultural nunca ocorre somente entre duas línguas, dois países ou duas áreas culturais: quase sempre há terceiros envolvidos. Portanto, deve-se representar antes as transferências culturais como interações complexas entre vários polos, diversas áreas linguísticas. (Espagne, 2017, p. 139)

O historiador inglês Peter Burke (2009) tem uma perspectiva crítica em relação ao conceito de transferências. Para ele, o termo “trocas culturais” se aplicaria melhor; todavia, mesmo o conceito de “troca” ainda não seria suficiente para contemplar todos os pontos relacionados a esses processos. Ele indica que pesquisas nas áreas de Literatura e Sociologia articulam que o bem cultural sofre “influências externas” na sua recepção, ou seja, ela não ocorre de maneira passiva quando sai de um espaço cultural para outro (Cf. Burke, 2009, p. 1).

Para o nosso estudo, o artigo “*Transferts culturels et histoire du livre*” (2009) de Espagne, traduzido por Valéria Guimarães, em 2012, é essencial, pois enfoca a versão “revisada” do conceito de processos de transferências culturais após 1999 e reflete sobre as suas implicações com a história do livro. Seguindo as abordagens de Xavier (Cf. 2021a, pp. 198-228), sobre o conceito de *transferts culturels* no Brasil, esse artigo foi traduzido por Guimarães no contexto das suas pesquisas sobre a imprensa brasileira de língua francesa.

Numa entrevista concedida a Alexandre Fontaine em 2018, Espagne destaca que a ênfase do seu conceito está interligada ao caminho percorrido pelos textos, às assimetrias de recepção e às novas contextualizações na cultura receptora. “O conjunto da teoria das transferências, [ao contrário] está centrado sobre a ressemantização” (Espagne, 2018, p.14).

O autor salienta que esse método não presume um observador neutro que analisará objetos de pesquisa invariantes e dissociados de sua própria origem, sendo essa uma perceptível busca pelo distanciamento entre a metodologia das Transferências Culturais em relação ao comparatismo clássico, que parte de uma cultura eurocêntrica em relação às demais culturas e seus produtos. Segundo Espagne (2017), a observação passa a estar nos trajetos percorridos pelo produto cultural desde a sua origem até o contexto de sua recepção.

Toda passagem de um objeto cultural de um contexto para outro tem por consequência uma transformação de seu sentido, uma dinâmica de ressemantização, que só se pode reconhecer plenamente se levarmos em conta os vetores históricos da passagem (Espagne, 2017, p. 136).

Para o teórico, não se trata de simplificar as dinâmicas de transferências no sentido de um intercâmbio cultural corriqueiro, pois

Transferência, não é transportar, mas sim metamorfosear, e o termo não se reduz de modo algum à questão mal circunscrita e bastante banal dos intercâmbios culturais. É menos a circulação de bens culturais que sua reinterpretação que está em jogo (Espagne, 2017, p. 137).

Durante a entrevista concedida, Espagne (2018) fala do histórico do conceito, destacando que foi consolidado como um conceito teórico-metodológico com um grupo de estudiosos do *Labex Transfers*⁶, onde era diretor, dando ênfase no contexto sociocultural, político e histórico das obras em questão. Ele utiliza, como exemplo, a sua própria pesquisa sobre a obra do escritor alemão Heinrich Heine, na França do século XIX (Espagne, 2018). No seu artigo “Transferência de saberes: modalidades e possibilidades”, a historiadora brasileira Helenice Rodrigues (2010), na conjunção de abordagens sobre como escrever uma história dos intelectuais brasileiros, também discorre acerca da importância dos estudos dos processos de transferências culturais, especificamente para a área de Ciências Humanas.

Investigar os processos e os mecanismos de transposição, de apropriação, de readaptação de valores e de modos de pensar estrangeiros que eu proponho, em seguida, exigiu a apreensão de uma “verdadeira” área de pesquisa das ciências humanas: as “transferências culturais” (Rodrigues, 2010, p. 234).

⁶ O Labex – Laboratórios de Excelência, iniciou suas atividades em 2010. Eles se reúnem em torno da questão das transferências culturais e objetivam o estudo a longo prazo sobre as formas de ressemantização que acompanham a circulação de textos, modelos intelectuais, objetos materiais, artísticos ou cotidianos entre culturas. Disponível em: <http://www.transfers.ens.fr/>.

Rodrigues destaca que a teoria das Transferências Culturais favorece as pesquisas interdisciplinares, envolvendo “[...] processos de inter-relações: intercâmbios, exportações, importações, apropriações, recepções de ideias, de modelos, de valores, etc. [...]” (Rodrigues, 2010, p. 203).

É possível de aplicar essa perspectiva também à análise do reflexo da presença de Schiller nos periódicos brasileiros de língua portuguesa para identificar as ressemantizações, ou seja, as apropriações das suas ideias e obras que porventura ocorreram no contexto da imprensa, em formatos de textos, citações, ideias. Essas traduções, no sentido mais amplo possível, são considerados novos originais no novo contexto cultural. Como explica Espagne: “Uma tradução não tem menos legitimidade ou originalidade que seu modelo. A transposição dos objetos culturais não significa uma perda” (Espagne, 2012, p. 23).

As contextualizações de Schiller nos três jornais escolhidos para compor o *corpus* vão indicar, de forma exemplificada, como ele estava presente na memória cultural estrangeira da literatura brasileira naquele período dos Oitocentos. Foram Espagne e Werner (1994), que realizaram e incentivaram, desde o final dos anos 80 do século XX, múltiplas análises de casos de *transferts culturels* para revelar não somente as dinâmicas da formação da memória cultural estrangeira entre diversas culturas, como também para mostrar que a formação de uma literatura nacional está intrinsecamente interligada com elementos de culturas estrangeiras. (Cf. Espagne, Werner, 1994, p. 34).

De acordo com Helenice Rodrigues (2010, p. 206), baseando-se em Espagne e Werner, para entender os mecanismos de transmissão de conhecimento, “[...] as ‘transferências culturais’ substituíram as antigas análises das relações ou das influências entre o Brasil e a Europa pela abordagem das imbricações e de seus hibridismos (cruzamentos de gêneros diferentes)”. Ela diz que as transferências culturais preencheram uma lacuna, principalmente no que diz respeito à acareação de elementos vindo do exterior; “Nesse sentido, essa nova área de pesquisa preencheu um déficit teórico nas áreas culturais e nas literaturas comparadas, quando confrontadas a elementos exteriores à tradição nacional” (*Ibid.*, p. 206).

Para o contexto histórico brasileiro, desde o movimento modernista, e em conjunto com abordagens dos Estudos da Tradução, é também relevante refletir o aspecto da interação com o estrangeiro a partir da ideia do antropofagismo cultural no processo de assimilação/apropriação de uma cultura estrangeira. A antropofagia cultural entende os processos de interação e influências com o outro (estrangeiro) através da alegoria tupinambá.

A ideia da transculturação devoradora, apresentada pela antropofagia cultural, trata sobre o processo de acessar o legado cultural universal, devorá-lo e transformá-lo.

Tivemos um sentido agudo dessa necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialógico e dialético com o universal. A “Antropofagia” oswaldiana [...] é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e reconciliada do “bom selvagem” [...], mas segundo o ponto de vista desabusado do “mau selvagem”, devorador de brancos, antropófago. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma “transvaloração” (Campos, 1992, p. 234).

Essa transformação apresenta como resultado um produto único, distanciando-se da ideia da cópia e de sua inferiorização. Roberto Schwarz também se opõe a ideia de que “[...] a cópia é secundária em relação ao original, depende dele, vale menos etc. Esta perspectiva coloca um sinal de menos diante do conjunto dos esforços culturais do continente [...]” (Schwarz, 2006, p. 35). Com foco no interesse de escritores canadenses pelo Brasil e sua formação cultural mestiça, Zilá Bernd (2008) sublinha, em seu artigo “Mobilidades teóricas interamericanas”, como esse processo de mestiçagem tornou-se importante para a autonomia cultural do país.

A gênese dos processos de autonomização cultural, entre eles a antropofagia e a origem da mestiçagem cultural e literária, deslocando clichês acerca da dependência cultural latino-americana em relação aos “modelos” hegemônicos (Bernd, 2008, p. 14).

No contexto dos Estudos da Tradução, Antoine Berman, tradutor de literatura alemã e latino-americana, defendeu também uma perspectiva antropofágica já na sua obra “A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica” (2002), traduzida por Maria Emília Pereira Chanut. Berman utiliza metaforicamente elementos relacionados a um ato de canibalização para explicar como ocorre o processo tradutório. Para ele o texto original está vivo dentro do contexto linguístico primário do autor e, com a tradução, o texto é apropriado e desconstruído, ou seja, devorado.

Entendendo, então, a tradução como uma atividade antropofágica, Berman se refere a Goethe para reiterar a sua visão, destacando que “[...]a força de uma língua não está em rejeitar o estrangeiro, mas em devorá-lo” (2002, p. 29). Uma indubitável alegoria à nutrição de um corpo através do outro, associando tradução e antropofagia como uma relação visceral entre dois ou mais corpos, é uma ideia também compartilhada e estudada pela crítica e escritora brasileira Leyla Perrone-Moisés.

O que prova a força particular de uma cultura é exatamente esta capacidade de assimilar sem se perder. Um tipo de receptividade crítica e criadora era o que defendia o modernista brasileiro Oswald de Andrade, em sua proposta de antropofagia cultural: devorar (metaforicamente) os aportes estrangeiros para nos fortalecermos, como faziam (literalmente) os índios tupinambás com os primeiros colonizadores do Brasil. (Perrone-Moisés, 2007, p. 24).

A perspectiva da antropofagia cultural pode ampliar a interpretação das transformações e ressemantizações na cultura de chegada, acrescentando a ideia da intencionalidade de uso consciente de elementos culturais estrangeiros para “desenvolver” ou “fortalecer” o desenvolvimento da própria cultura (Santos, 2022, p. 50).

Entre os modernistas brasileiros está o dramaturgo Oswald de Andrade que, com a pintora Tarsila do Amaral, fundou em maio de 1928 o "Movimento Antropófago". Eles foram inspirados pelos costumes antropofágicos de algumas etnias indígenas brasileiras que literalmente comiam a carne dos seus oponentes após uma batalha visando adquirir as habilidades do outro.

Conforme Bitarães (2004), os modernistas propunham que a cultura estrangeira fosse metaforicamente digerida e assimilada pelos brasileiros, de onde surgiria uma cultura melhorada. “A antropofagia apontou como o Brasil era um corpo enfermo devido à incapacidade de assimilar, de maneira crítica, a cultura europeia” (Bitarães, 2004, p. 16). Ou seja, a ideia oswaldiana de antropofagia desde cedo não sugere a cópia da cultura do outro – nesse caso, a europeia –, e sim a assimilação das ideias através da canibalização dos textos. Com isso, o processo aproveitaria apenas o que fosse relevante da cultura do estrangeiro para a nossa.

Essa perspectiva antropofágica já é aplicável também em algumas práticas literárias e culturais realizadas por alguns autores, jornalistas e intelectuais do século XIX, como no caso da “tradução” e “apropriação” de Schiller no contexto cultural brasileiro. Pode-se dizer, em geral, que eles já se apropriaram de textos e ideias estrangeiros para compor os seus artigos críticos e as suas produções literárias. Na perspectiva de Volobuef (2005), de certa maneira, Gonçalves Dias utilizou-se dessa prática a partir do drama *Wallenstein* (1800), de Schiller, utilizando-se da obra como inspiração estética e para obtenção de informações sobre a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), no trecho “[...] a importância de Schiller para a obra de Gonçalves Dias pode ser percebida com maior clareza na peça ‘Patkull’, que se ampara em *Wallenstein*” (Volobuef, 2005, p. 78).

Em seu livro *História da Literatura Brasileira*, editado pela primeira vez por H. Garnier, no Rio de Janeiro, em 1902, o historiador Sílvio Romero já discutia como os processos de mestiçagens estão intrinsecamente inseridos na cultura brasileira desde seus primórdios. “Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias”. (Romero, 1980, p. 54). Ele discorre sobre a importância do diálogo do nacional com o estrangeiro para a construção do Brasil enquanto pátria independente.

Essa abordagem da antropofagia cultural aplicada nos processos de traduções culturais, no sentido mais amplo possível, em combinação com aspectos do conceito de transferências culturais, tem o seu início no Brasil a partir do contexto de correntes da área de Literatura Comparada de meados dos anos 90 (Xavier, 2021a, p. 200).

Nesse período pós-moderno, a Literatura Comparada tradicional passou, no Brasil, em geral, por modificações, buscando a heterogeneidade, a pluralidade e a descentralização e rompendo cada vez mais com a ideia dicotômica de comparação entre dois produtos literários ou duas culturas, como esclarece Tânia Franco Carvalho (2017) em seu artigo “Literatura Comparada e literaturas estrangeiras no Brasil”, publicado na *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Para ela, com um olhar no histórico da disciplina, a fundação da Literatura Comparada no século XIX era um dos resultados do positivismo de Auguste Comte aplicado pelo historiador francês Hippolyte Taine. “Daí a incidência, no paradigma comparatista tradicional, do determinismo tainiano, do primado das relações causais, da tendência à classificação científica [...]” (Carvalho, 2017, p. 60).

Para Carvalho, estudar a Literatura Comparada hoje é buscar um olhar imparcial em relação a si e aos outros. Carvalho (2003) formula-a como uma “[...] prática intelectual, que sem deixar de ter no literário o seu objeto central, confronta-o com outras formas de expressão cultural [...]” (Carvalho, 2003, p. 48). O próprio verbo “comparar” contido no termo Literatura Comparada, segundo ela, não contempla na totalidade o seu conceito, pois estabelece uma ideia de valor, visto que, gramaticalmente, apenas se pode existir uma comparação de superioridade, igualdade ou inferioridade.

Com base nisso, poderíamos concluir que a Literatura Comparada objetiva construir relações, interações e refletir sobre as trocas e os diálogos entre as culturas. Analisando o fator diferenciador entre elas, a Literatura Comparada estuda as diferenças sobre unidade. Na perspectiva da Literatura Comparada tradicional, segundo Carvalho (2017), o conceito de influência era comumente atrelado ao conceito de semelhança. Ela aponta, ao contrário, que o processo de influência se fazia muito mais complexo e a reflexão comparatista traz aspectos inovadores e de renovação – todavia, respeitando a tradição e as produções advindas dos seus antecessores. Portanto, “Admitir a possibilidade de constituição de um repertório ativo, por sua vez, implica reconhecer que todo ato de recepção pressupõe uma escolha, e uma parcialidade com relação à tradição” (Carvalho, 2017, p. 59).

O desenvolvimento atual das pesquisas na área de Estudos Comparados está progressivamente dando espaço para os diálogos sobre a forma pertinente de articular as

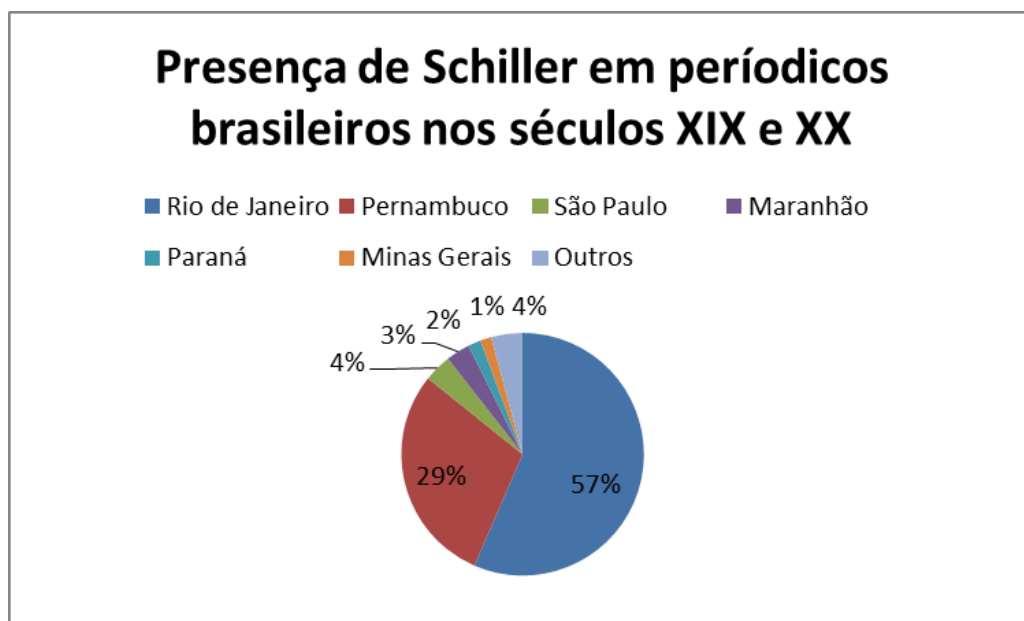
perspectivas do comparatismo e das transferências culturais. O tradutor Maurício Mendonça Cardozo (2009) aplica essa perspectiva também aos processos de tradução, destacando “[...] que toda tradução é também um modo de equacionar a relação entre autor e leitor e, conseqüentemente, um modo de equacionar a relação entre duas obras, duas línguas, duas culturas” (Cardozo, 2009, p. 105). Romper com um olhar centrado apenas na relação entre o texto original e sua tradução implica trazer à margem elementos sociológicos pertinentes ao papel das traduções: os mediadores, os suportes e o contexto de recepção. Sobre eles também se pode inferir aspectos restritos de caráter econômico e político.

Esse conjunto de abordagens teórico-metodológicas, ou seja, a análise dos processos das transferências culturais com as suas transformações e ressemantização, em combinação com aspectos dos estudos da tradução e da perspectiva de uma antropofagia cultural no contexto da cultura de chegada, forma a base para a análise quanti-qualitativa e da interpretação das dinâmicas que envolvem a presença de Schiller no Brasil dos Oitocentos, através da imprensa brasileira.

2.2 O papel didático dos periódicos históricos para a literatura brasileira

De acordo com Morel (2005), o formato da imprensa periódica no Brasil foi, inicialmente, assimilado pelos modelos portugueses. Os primeiros jornais que circularam em terras brasileiras, como o jornal português *Gazeta de Lisboa*, refletiam os interesses de Portugal. A imprensa brasileira própria teve seu início somente após a transferência da Corte real portuguesa para o Rio de Janeiro. Os primeiros periódicos publicados em solo brasileiro datam somente a partir de 1821. Esse ano marca a fundação do primeiro jornal diário em solo brasileiro, o *Diário do Rio de Janeiro*. De modo geral, os jornais do Rio de Janeiro figuram entre os jornais brasileiros de língua portuguesa com a maior concentração de ocorrências sobre Schiller, como demonstram os dados do Gráfico 1, utilizando-se da base do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira:

Gráfico 1 - Quantitativo sobre as ocorrências de Schiller em periódicos por estado



Fonte: Pesquisa direta, 2022, na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Um dos motivos que justifica uma porcentagem expressiva de 57% no Rio de Janeiro é a consolidação da cidade como capital do Império, a qual se torna centro social, cultural, político e educativo, reunindo a maioria dos órgãos públicos e instituições. Pernambuco, com 29% do montante, sublinha também o papel muito importante do Recife para a presença de Schiller no Brasil. Nos últimos dez anos, foram desenvolvidas diversas pesquisas relacionando periódicos históricos, a historiografia da literatura nacional e as especificidades regionais da imprensa. Destacam-se, aqui, as historiadoras Valéria Guimarães, Tânia Regina de Luca, Lúcia Granja, Socorro de Fátima Pacífico Barbosa entre outros. Destarte, cada vez mais o suporte periódico conquista espaço nas pesquisas em História, nos Estudos da Tradução e nas pesquisas interdisciplinares de Literatura Comparada.

Tânia Regina de Luca (2007) apresenta, na coletânea *Fontes Históricas* (2007), organizada por Carla Bassanezi Pinsky, uma perspectiva cronológica da evolução dos periódicos entre os séculos XIX e XX desde uma inicial descredibilização até seu reconhecimento como um registro histórico pertinente aos estudos socioculturais e políticos. No ano anterior a publicação de Luca, Barbosa, em seu livro *Jornal e Literatura; a imprensa brasileira no século XIX* (2007), já mencionava o fato que durante muito tempo os Estudos em História traziam publicações sobre a imprensa periódica, mas foram subestimados por não possuir uma “qualidade literária” (Barbosa, 2007, p. 24). Dines, em seu livro *O papel do jornal* (1986), liga essa subestimação às próprias características do gênero, como o imediatismo ou a pretendida objetividade, por exemplo. Ele retrata: “Nossos jornais,

banhando-se na experiência da objetividade e dependendo diretamente do noticiário telegráfico, apreenderam um novo estilo, seco e forte, que já não tinha qualquer ponto de contato com o beletrismo [...]” (Dines, 1986, p. 26).

Acreditava-se, então, que não existia espaço para a literatura no jornal. Hoje, todavia, fica cada vez mais evidente que os jornais, pelo seu formato versátil e dinâmico, constituíam uma importante representação do exercício jornalístico, das práticas editoriais e tradutórias, além de refletir os costumes culturais e sociais da época.

Ainda que a concepção dos modelos dos jornais históricos brasileiros no século XIX tenha vindo da Europa, especialmente de Portugal, sua constituição foi galgada em contato com o seu público leitor. Existia entre os jornalistas e intelectuais que produziam para os periódicos uma preocupação de um conteúdo voltado para a formação moral e intelectual. Um dos intelectuais preocupados com a erudição da população brasileira, que a julgava como deficitária, era José de Alencar, um dos representantes do Romantismo brasileiro (Cf. Soares, 2003, p. 12).

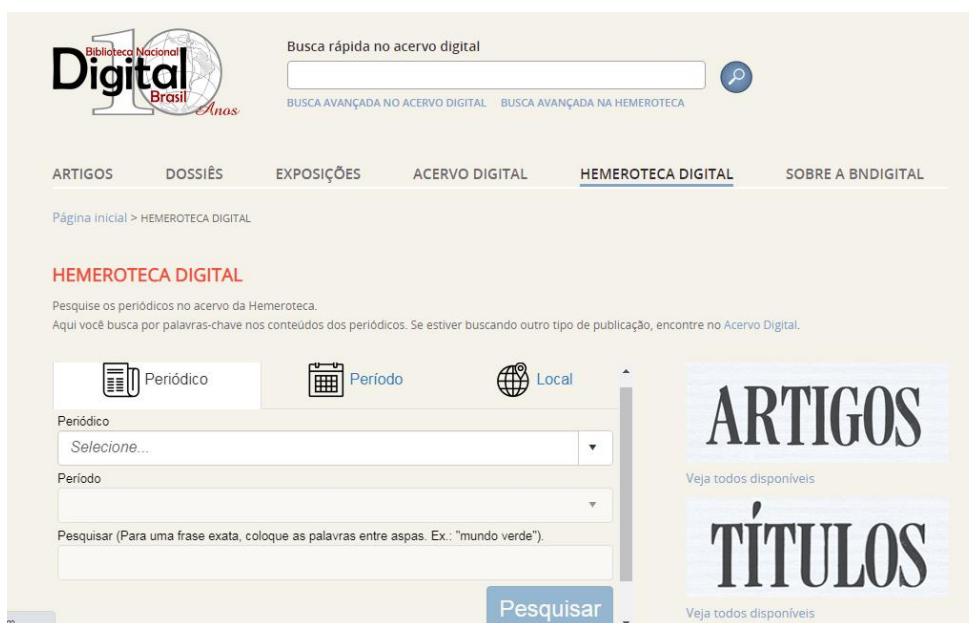
Com base nisso, observa-se que há uma busca por temáticas que agradassem ao gosto desse leitor que, simultaneamente, demandava entretenimento, informação e instrução. O objetivo era oferecer o melhor da literatura nos periódicos. De acordo com Sales e Barbosa (2014), os conteúdos e os gêneros eram diversificados e buscavam atender a todo tipo de leitor. “‘Romance-folhetim’, ‘romance’, ‘romance de cavalaria’, ‘novela’, ‘conto’, ‘crônica’, ‘crônica religiosa’, ‘crônica política’, ‘crônica humorística’, ‘crônica de viagem’, ‘poesia’, ‘farsa’, ‘lenda’ e ‘texto reflexivo’” (Sales; Barbosa, 2014, p. 51).

Podemos confirmar essas observações ao analisarmos a presença de Schiller nos jornais do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. A plataforma permite o acesso a muitos jornais e contempla o maior acervo de periódicos históricos brasileiros.

O acesso livre aos arquivos nos permitiu uma ampla pesquisa em um período relativamente curto de tempo e possibilitou a construção de uma análise quantitativa e qualitativa das ocorrências de Schiller. Elas foram classificadas conforme o periódico, período e local de publicação. Como Schiller era conhecido, utilizamos correlatos a fim de ampliar ainda mais nossas pesquisas, sendo elas: “Schiller”, “Friedrich Schiller”, “salteadores” (maiúsculo e minúsculo), “Schiller e Gonçalves Dias”, “Schiller e Tobias Barreto”, “Schiller e Taveira Júnior”, “Schiller e João Carlos de Souza Machado”, “Karl Moor”, “Noiva de Messina”, e “Guilherme Tell”. O portal é bem estruturado, didático e de fácil manuseio; o

trabalho realizado pela equipe da Hemeroteca é consentâneo, visto que a maioria dos jornais que tivemos acesso estava com uma boa visualização (Figura 2).

Figura 2 - Portal da Hemeroteca Digital



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Os periódicos tiveram um papel didático-formativo fundamental para a sociedade brasileira que estava em desenvolvimento, junto à literatura. Como afirma Socorro Barbosa (2007, p. 12), havia a “[...] cumplicidade entre o jornal enquanto meio e a literatura enquanto fim, no Brasil do século XIX”. As leituras dos periódicos eram tão frequentes que, a partir da análise das ocorrências, percebeu-se, que alguns textos encenavam a apropriação dos modos jornalísticos de leitura e conteúdo.

O formato do jornal era semelhante ao de um livro (Cf. Lustosa, 2003, p. 15). Eles apresentavam muitas referências ao livro: tamanho, paginação e ilustrações. O que extrapolava era a “[...] mera reprodução do saber [...]” (Barbosa, 2007, p. 28), justificando o caráter formativo dos jornais. Com a ampliação da imprensa mais jornais foram abertos, o que proporcionou um alcance mais simplificado às obras. Os periódicos, além de atuarem como suporte para a literatura, apresentavam, em suas páginas, diversos gêneros literários e contribuíram para a difusão deles. Um exemplo era o sucesso dos romances-folhetins e da prosa ficcional, muito presente nos jornais da época (Cf. Abreu *et. al.*, 2005).

Uma atividade cultural muito importante nesse contexto era a prática sistemática de anunciar a venda de romances que estavam disponíveis no mercado livreiro da época para ajudar na sua popularização, como apontam Queiroz e França (2017). “Com o intuito de

anunciar os livros à disposição do público leitor em suas lojas, esses livreiros publicaram diversos anúncios de jornal – ora longos ora curtos – contemplando desde lançamentos até edições mais antigas” (Queiroz; França, 2017, p. 451).

As questões de cunho nacionalista adquiriram grande apelo na época. O contexto social remetia a um período pós-independência – existia uma grande mobilização por parte dos intelectuais, políticos, jornalistas e da elite para a definição dessa nação recém-surgida, com características próprias, rompendo, assim, com os modelos portugueses. Poncioni e Levin (2018, p. 74) assinalam que “[...] no século XIX, o reconhecimento do Brasil como ‘nação civilizada’ era um objetivo primordial das elites que seguiam de perto tudo aquilo que a respeito do Brasil fosse publicado na Europa [...]”, sendo assim, eles almejavam não apenas uma consolidação, mas o reconhecimento como uma nação desenvolvida.

É salutar entender a importância dos jornais históricos como suporte para a literatura nacional. A imprensa periódica, como reflexo da sociedade vigente, se posiciona como um meio de divulgação e consolidação dessa nação recém-independente. Esse ambiente favorável à circulação e difusão de informações impactou também a literatura, através do estímulo à venda de livros. De acordo com Ribeiro (Cf. 2008, p. 18), os jornais eram uma espécie de termômetro da opinião pública, no qual se poderia mensurar o sucesso de um autor. Era comum que os autores publicassem seus escritos primeiramente nos jornais e, a partir da aceitação positiva do público, eles eram publicados em formato de livros.

A ideia de utilizar o suporte da imprensa para a formação de leitores era comum desde a época do Iluminismo europeu. Schiller é um notório exemplo, pois vislumbrou o potencial dos impressos utilizando-os como estratégia para a divulgação das suas obras e para a promoção da instrução do seu público-leitor. A intenção era consolidar uma audiência – o que atrairia um grupo de consumo para as suas produções –, incluindo-se o objetivo de ganhos econômicos para ele, o que, na maioria dos casos, não se realizou.

Em 1784, Schiller criou a revista *Rheinische Thalia*, mas ela foi encerrada logo após o seu primeiro exemplar. Dez anos depois, Schiller tentou novamente a criação de um periódico, agora com um projeto mais audacioso que os anteriores: a revista *Die Horen* (As Horas). Publicada de 1795 a 1798, ela tornou-se referência em periódicos do Classicismo de Weimar. Além de Goethe, outros nomes conhecidos colaboraram para a revista, como: A.W Schlegel, Herder, e os irmãos Humboldt. Ele não mede esforços para selecionar os melhores colaboradores para *Die Horen* (Cf. Bell, 2005, p. 93; Boyle, 2000, p. 271), além de promover

a revista por meio de resenhas e anúncios em outros veículos de comunicação, buscando impulsionar críticas positivas para ela.

Importantes obras estéticas schillerianas também chegaram a ser publicadas na *Die Horen*, como os tratados: *Über Anmut und Würde* (Sobre a graça e a dignidade) e *Kallias oder über die Schönheit* (Sobre a beleza), de 1793, e *In einer Reihe von Briefen* (A educação estética do homem numa série de cartas), de 1795. Kestler destaca que o tratado de Schiller, *Poesia ingênua e sentimental*, publicado entre 1795 e 1796, nessa mesma revista, “[...] tornou-se um marco fundamental da reflexão estética da modernidade literária” (2008, p. 92).

O projeto *Die Horen* também possibilitou a aproximação entre Schiller e Goethe. Antes de 1794, havia “[...] um estranho mecanismo de atração e repulsão que caracteriza as relações entre ambos[...]” (Moura, 2006, p. 126). Posteriormente, segundo Moura, com a escrita do “Senhor Conselheiro Secreto” (1794) em Weimar, Schiller desenvolve um texto elogioso a Goethe e, a partir de julho do mesmo ano, quando ambos se encontram em uma reunião da Sociedade de Pesquisa da Natureza, em Jena, pode-se falar do início da amizade entre eles.

Mesmo mantendo uma relação amistosa com Schiller, Goethe tecia críticas contundentes sobre ele, principalmente pelo seu conceito de liberdade, como relata Johann Peter Eckermann nas suas *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida. 1823-1823*. Como Xavier explica, o foco da sua crítica era o drama *Os Bandoleiros* da sua juventude, porque devido à

[...] múltipla recepção e tradução da peça *Die Räuber* no contexto da Revolução Francesa, sua reputação, ou melhor, seu descrédito, como peça revolucionária, sua aura de rebelião e desordem, esteve na frente da interpretação crítica e recepção contemporânea, e assim também no foco dos comentários de Goethe sobre o conceito de liberdade de Schiller nas *Conversações* (2021b, p. 330).

O periódico *Die Horen* encerrou o seu funcionamento já em 1797, pois tornou-se uma espécie de vitrine estético-literária das produções schillerianas e de seus colaboradores, o que acabou por fadar o seu empreendimento ao fracasso.

Schiller, que morreu em 1805, enquanto autor estrangeiro, chega nas publicações jornalísticas brasileiras com a recepção europeia da sua obra e biografia com o *status quo* de um escritor de grande renome no contexto de um cânone universal de autores. Ou seja, jornalistas e intelectuais que produziam para a imprensa periódica brasileira utilizavam Schiller e trechos das suas obras ou ideias muitas vezes para fundamentar ou até “legitimar” os próprios escritos, ideias ou argumentações.

2.3 O suporte jornal, tradução e circulação dos periódicos no século XIX

Os caminhos dos autores nacionais e estrangeiros nos jornais se cruzam a partir da popularização jornalística. Para que uma obra estrangeira se torne popular em outro país, são necessários caminhos e estruturas de circulação no mercado editorial e a sua tradução para atingir um público maior. Com os entraves linguísticos comuns a um idioma tão distante do nosso, poucas eram as pessoas fluentes em alemão na época – exceto os imigrantes do espaço de língua alemã; entretanto, eles estavam reunidos em determinadas regiões do país. Uma língua franca na época, além do português, era a língua francesa. Existiam muitos jornais franceses circulando no Brasil, além do teatro francês, cujas encenações e óperas poderiam ser em francês ou em italiano.

Desde cedo havia também o interesse das companhias estrangeiras de apresentar autores locais brasileiros em tradução, como explica Levin: “Já as trupes estrangeiras em excursão pelo país tinham por hábito homenagear escritores locais, levando à cena títulos de sua autoria vertidos para a língua da companhia, geralmente o francês ou o italiano.” (2008, p. 45). Dessa forma, um dos primeiros canais utilizados para apresentar aos brasileiros as obras de Schiller foram as apresentações teatrais, fossem em português europeu ou em francês. Entretanto, a acessibilidade a esses locais restringiu-se a uma minoria da população, devido ao domínio do francês e recursos financeiros para frequentar as casas de espetáculos.

Concomitantemente às encenações teatrais e operísticas, autores brasileiros, como Gonçalves Dias, Taveira Júnior, João Carlos de Souza Machado e Tobias Barreto, entre outros, acessaram as obras de Schiller em alemão ou francês, para tradução. Pedro Theobald enfatiza a relevância desses pioneiros na tradução de Schiller, porque suas traduções reverberam em outros suportes, como os jornais, e possibilitaram a propagação em maior escala do legado schilleriano (Cf. Theobald, 2008, p. 8). Todavia, o presente trabalho mostra que o jornal não somente reflete o interesse para o autor, mas enfatiza também o interesse do público leitor, com notícias biográficas, ensaios e traduções do mesmo.

Um exemplo da contribuição dos periódicos, enquanto suporte para o caminho e para a divulgação de um autor alemão e sua obra no Brasil dos meados do século XIX, é o caminho transatlântico da obra *Conversações de Goethe com Eckermann* (Cf. Xavier, 2021b, pp. 319-337). A autora mostra o caminho de uma resenha sobre a obra com citações via imprensa de língua inglesa, francesa e, posteriormente, brasileira, apontando não somente o papel dos

agentes culturais como autores, tradutores e jornalistas nessa complexa rede de ressemantização, mas também (re)descobrimo o caminho de um texto e as suas diversas apropriações consoantes aos interesses da cultura de chegada, do interesse do agente cultural e do suporte, levando-se em consideração, especificamente, um objetivo didático-formativo do periódico brasileiro.

Foi igualmente investigada a importância de revistas com circulação transatlântica na mediação da obra com as suas transformações em cada contexto cultural, para revelar de forma exemplar as dinâmicas de formação da memória (inter-) e (trans) cultural estrangeira de uma literatura nacional (Xavier, 2021b, p. 335).

Os jornais possuíam um formato específico e consolidado: ainda que alguns se aproximassem da estética de um livro, eles não eram livros. Com isso, eram necessárias algumas adaptações para que as produções literárias pudessem se acomodar de uma maneira satisfatória. Entre os autores que escreviam para a imprensa, estava Machado de Assis, autor, tradutor e jornalista que muitas vezes precisava adaptar seus contos aos diversos periódicos onde eram publicados, obrigando-o a realizar diversas manobras editoriais (Cf. Fernandes, 2020, p. 27). Nesse sentido, certas circulações periódicas podem parecer regidas principalmente pela lógica de mercado.

Foram utilizadas diversas estratégias editoriais para atrair os leitores, entre elas as menções de autores e obras estrangeiras como um instrumento de valorização, referência e legitimação daquilo que era abordado. Tomando como exemplo as ocorrências de Schiller nos periódicos brasileiros do século XIX, notamos uma intencionalidade da escolha de algumas publicações que tratavam de curiosidades sobre o autor, sua vida pessoal e seus gostos. Entendemos isso como uma ferramenta para aproximar Schiller de seu leitor brasileiro. A tática de apresentar grandes literatos nos periódicos brasileiros possibilitou o encurtamento das fronteiras e a chegada não apenas de Schiller, mas de autores alemães, como: Goethe, Novalis, Schlegel entre outros também citados nos impressos, com as suas respectivas obras.

Os tradutores, dentro da metodologia de transferências, possuem um importante papel de mediadores. Existia um forte apelo ao papel dos tradutores, que, além de acumular capital simbólico, eram reverenciados por suas funções de formar a construção identitária de um povo, no caso, de um público leitor. A tradução propicia aos agentes envolvidos uma respeitabilidade em seu meio literário: sendo ao autor traduzido a consagração e ao autor que o traduziu o *status* de tradutor, o que é apontado por Casanova: “[..] a tradução é por si só valorização ou consagração [...]” (Casanova, 2002, p. 39). A autora reitera o seu argumento citando o conceito de “enriquecimento” literário do poeta e escritor francês Valery Larbaud (1881-1957).

A relevância da tradução ocorre através dos mecanismos de mediação que impactaram a literatura brasileira, considerando “[...] a tradução como protagonista das transformações da literatura e da cultura literária, no Brasil, especialmente a partir do século XIX, em que era praticada nas peças teatrais e folhetins que chegavam no País, no idioma francês [...]” (Alencar, 2016, p. 21). A pesquisadora Márcia Abreu (2008, p. 18) ainda sublinha, nesse contexto, que uma tradução “[...] não se resumia, de forma alguma, à passagem de um texto de uma língua a outra, e se desenvolvia numa zona incerta no interior da criação [...]”.

Casanova (2002, p. 24) explica que essa valorização não se baseava apenas na língua, mas que havia uma hierarquização no valor da tradução, uma vez que “[...] o valor da tradução não depende apenas da posição das línguas, mas também da posição dos autores traduzidos e dos tradutores, tanto no campo literário nacional, quanto no espaço literário mundial”. Os países mais antigos, principalmente os europeus, detinham um notório reconhecimento e prestígio internacionais, através do acúmulo de capital literário das suas obras declaradas como canônicas.

Cabe aos tradutores a ressemantização das obras nesse novo contexto de recepção. Nesse sentido, são utilizadas diversas estratégias textuais nas quais estão envolvidos os aspectos estilísticos, as escolhas gramaticais e lexicais. Além dos ajustes realizados para que o texto seja adaptado ao suporte escolhido, elencaríamos: linha editorial, contexto sociocultural do público leitor, legitimidade da obra, entre outros. Uma das estratégias comumente utilizadas para promover a introdução de produtos culturais em novos cenários está na assimilação de características dessa cultura receptora. Essa é uma das estratégias tradutórias defendidas por teóricos como Schleiermacher (1768 – 1834), com a "naturalização", como explica Yamagaki (2013, p. 18): "[...] no caso da naturalização, o tradutor obriga o autor a perder sua estranheza para se tornar familiar ao leitor [...]".

Para entender como ocorre o processo de transferência de uma obra e o produto da sua tradução, precisamos deter conhecimento sobre os contextos e imbricações que incidem sobre ela. O modo de circulação das obras submete-se às circunstâncias político-sociais e à compreensão do espaço cultural nacional. A intenção é identificar se aquela produção atende os interesses intelectuais e econômicos daquele contexto de recepção. Bourdieu (2002, p. 4) analisa que “[...] os textos circulam sem seu contexto, sendo-os inseridos e interpretados em função da estrutura do campo de recepção [...]”.⁷

⁷O texto original *Les conditions sociales de la circulation internationale des idées* (As condições sociais da circulação internacional de ideias), da revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, tradução de Fernanda Abreu, está disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12679/8870>.

Os critérios de seleção da importação de uma obra e sua transferência de um espaço nacional para o outro são norteadas por questões como: o que se traduz? O que se publica? Quem traduz? Quem publica? Essa seleção acaba por restringir a um ponto de vista: o do agente cultural. Eles optam pela atividade tradutória de grandes obras da literatura mundial, conforme Cunha (2004, n.p.) assim explica: o escritor Júlio Cortázar “aconselhava aos novos poetas que praticassem a tradução de bons poetas, pois este exercício, ao propiciar o contato com o alheio, acabaria por gerar o encontro do seu próprio caminho (texto)”. Ou seja, além do aspecto de assimilação de capital literário pela tradução de uma renomada obra, há também as influências que possam surgir e que poderiam impactar a escrita do autor/tradutor.

Ademais, o aspecto econômico também é um aspecto relevante e que norteiam essas escolhas (Rodrigues, 2010, p. 209). A mensuração se a obra será consumida e aceita pelo público se torna, nesse contexto, um aspecto importante. E, neste caso, a lei da oferta e procura não surge de um vazio: ela é construída e produzida socialmente para uma classe específica.

As traduções favorecem as interações entre autores de diferentes espaços geográficos, contribuindo para as transferências literárias no contexto internacional, como bem comentam Abreu e Mollier (*Cf.* Abreu, 2016) sobre como as fronteiras nacionais nunca serviram de barreira para o livre trânsito de ideias e, como cita Guimarães (2011, p. 5), “[...] a imprensa era a única instituição capaz de promover uma integração sistemática entre o Brasil e o resto do mundo [...]”.

A partir da chegada da obra em um novo contexto de recepção, invariavelmente ocorrem alterações. Elas podem ocorrer devido ao processo tradutório, como nos lembra Souza: “O modo de conceituar a tradução varia, de acordo com a polissemia do termo e com as diferentes perspectivas dos teóricos da tradução. Existem diversas posturas teóricas, algumas bastante radicais e outras que são frontalmente opostas” (Souza, 1998, p. 51).

Entre os métodos de tradução, alguns tradutores optam por uma tradução palavra por palavra ou por uma mais generalista, adaptando a obra ao contexto de recepção, podendo gerar, a partir dos processos de ressemantização, um distanciamento da intencionalidade do autor da obra original, o que é chamada “tradução estrangeirizadora” ou “tradução domesticadora”. Isso se justificaria pelos desafios que envolvem a reconstrução do espaço de origem, as diferenças linguísticas e culturais (*Cf.* Freitas, 2016, p. 17).

Vemos isso com Schiller, na Alemanha. O autor é reconhecido como representante do movimento Tempestade e Ímpeto e do Classicismo de Weimar, que traz em seus textos

discussões políticas, filosóficas e morais. Na sua chegada ao Brasil, o teor político de suas obras foi deixado majoritariamente de lado. O “Schiller brasileiro” continua polêmico; entretanto, suas ideias são mais eufemizadas – semelhante ao que ocorreu na Espanha, como assinala Siguan (2005). Schiller é considerado um autor romântico no Brasil e essas diferenças são resultados de uma leitura mediada.

A figura de Schiller e suas obras, recepcionadas no contexto nacional brasileiro do século XIX, são muitas vezes repercussões da sua tradução, no sentido mais amplo possível, em outros espaços, como Portugal e França. Todavia, é graças a essas circulações literárias e traduções que o autor chegou ao Brasil, virou parte da memória cultural estrangeira da literatura brasileira e tanto escritores quanto historiadores brasileiros começaram a dialogar de forma crítica com as suas obras e ideias.

3 “SOU MELHOR QUE A MINHA FAMA”: A CHEGADA DE SCHILLER NA IMPRENSA BRASILEIRA

3.1 Schiller e suas amizades em meados do século XIX

Schiller, que nasceu na cidade de Marbach am Neckar em 1759, atuou em diversas áreas como filosofia, medicina, história e literatura. Ainda na tenra infância mudou-se com a família para o vilarejo de Lorch, onde o seu pai, que atuava como um cirurgião militar, passou a prestar serviços ao Duque Karl Eugen de Wurttemberg (1728-1793).

Posteriormente, por pertinácia de Wurttemberg, Schiller passou a integrar a Academia Militar (Cf. Cadengo, 2016, p. 27). O período na instituição marcou profundamente a vida do autor alemão. Foi nesse período que ele desenvolveu a sua concepção de liberdade, como Eckermann apresenta nas suas *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823-1832* (2016). Seguindo Eckermann, a

[...] atitude rebelde de Schiller, presumivelmente em alusão indireta à peça “Die Räuber”, é explicada por Goethe com as experiências de Schiller na juventude, na qual ele, devido à educação militar e outras circunstâncias, estava mais preocupado com a liberdade física (Xavier, 2021b, pp. 330-331).

O movimento pré-romântico do *Sturm und Drang* [Tempestade e Ímpeto] recebeu influências dos princípios iluministas. O seu conjunto temático, chamado de *Aufklärung* não era análogo. No próprio movimento coexistiam diversas outras linhas como: materialistas, empiristas, idealistas entre outros; no entanto, sobressaem os eixos sobre a busca pela razão, a crítica e a liberdade. Esse novo período, iniciado na metade do século XVIII até meados do século XIX, moldou a forma do pensamento iluminista, o que refletia em obras de caráter antropológico, filosófico e estético. A concepção é desenvolvida a partir de uma conscientização histórica por um seleto grupo de pensadores, críticos, filósofos e escritores, entre eles Friedrich Schiller.

Considerado um dos grandes homens da literatura alemã do século XVIII, Schiller iniciou a sua carreira literária em 1782 e escreveu diversas obras, entre elas a famosa *Os Bandoleiros*, escrita ainda na sua juventude (aos 18 anos), inspirado pelo contexto da Revolução Francesa, no qual obteve um estrondoso êxito. Mesmo diante do sucesso, a obra era vista com cautela por alguns grupos durante a sua vida, sobretudo pelos poetas românticos. Uma das justificativas seria o conceito de liberdade presente na obra. Araújo (2019, p. 9) defende que “*Os Bandoleiros* é expressão direta do projeto de compreensão – em

termos antropológicos – das totalidades integradas do homem e da história da humanidade”. Goethe também comenta sobre a obra, contrapondo-se à ideia schilleriana de liberdade contida no drama, como aponta a obra *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida (1823-1832)*, de Johann Peter Eckermann (Cf. Xavier, 2021b, p. 330).

De modo geral, essas obras refletem a própria jovialidade de Schiller. Os arroubos juvenis, o tom revolucionário e as discussões sobre moral e liberdade marcam essa primeira fase do autor. A partir dos seus 25 anos é perceptível uma mudança em suas produções literárias, um certo “amadurecimento” nas temáticas abordadas, relacionadas naquele momento, à estética e à filosofia. Caldas (2018, p. 296) ressalta a importância de Schiller nessas áreas: “Schiller foi um grande dramaturgo e um filósofo decisivo para os estudiosos de estética”.

Posteriormente, desiludido diante do regime de violência em Paris e com o caminho seguido pelos ideais da Revolução Francesa, Schiller rompe com ela e passa a utilizar a arte como meio para alcançar a liberdade. Em uma carta escrita para o duque Augustenberg, o autor se questiona sobre o contexto histórico e se ainda cabiam reflexões meramente estéticas e poéticas ante aos acontecimentos, ao invés de ações mais assertivas no âmbito político. Esse período marcou o poeta e, sobre ele, reflete em suas Cartas e no poema *Die Künstler* (Os artistas). Schiller também é influenciado pelas ideias kantianas, o que acaba sendo refletido em suas obras. “O especulativo Schiller, muito influenciado pelo estudo de Kant, tenta se aproximar do artista intuitivo, do naturalista defensor da objetividade acima de tudo [...]” (Süssekind, 2007, p.79).

Discorrendo um pouco sobre sua vida profissional, além da sua atuação nas áreas já mencionadas, Schiller, aproveitando-se dos seus amplos conhecimentos, começa a lecionar História na Universidade de Jena, por indicação de Goethe, como cita o pesquisador Felipe Vale da Silva:

O cuidado de benfeitores permitiu-lhe sobreviver e publicar algumas das grandes obras da década, até que Schiller finalmente se consolidou profissionalmente, por intermédio do colega Johann Wolfgang von Goethe, que lhe arranjava um cargo não-remunerado de professor de História na Universidade de Jena. (Silva, 2019, p. 219)

O discurso proferido nos dias 26 e 27 de maio de 1789, direcionados às duas aulas que inauguraram a sua atividade docente na universidade e intitulado “O que significa e com que fim se estuda a história universal?”, foi, posteriormente, publicado e tornou-se objeto de estudo, inclusive do artigo produzido por Silva (2019).

O culto a Schiller e a Goethe era comumente encontrado já no século XIX. Eram considerados referências da literatura alemã e mundial, idolatrados pelas suas produções

literárias, considerados, enquanto autores do Classicismo de Weimar, monumentos literários. Esse aspecto é utilizado pelos periódicos brasileiros, onde há muitas menções biográficas aos dois autores universais e à sua amizade.

Friedrich Schiller e Johann Wolfgang von Goethe foram autores contemporâneos. Ambos residiram uma parte da vida em Weimar, uma importante cidade e centro cultural no Sacro Império Romano-Germânico. Pela proximidade territorial, regularmente, ambos frequentavam os mesmos ambientes e ciclos sociais. Entretanto, existiam diferenças significativas que os repeliam, à primeira vista pelo menos, como: origem social, condição financeira, faixas etárias bem distantes e, é claro, a própria personalidade de cada autor.

Somado a isso, o jovem Schiller, como já foi dito anteriormente, possuía poucos recursos financeiros e não tinha permanentemente padrinhos influentes que poderiam alavancar a sua carreira no cenário literário alemão, o que lhe obrigava a desenvolver outras atividades, além da escrita, para manter o seu sustento como dar aulas na área de História na Universidade de Jena. Esse cargo, a princípio, não era remunerado; somente em 1790 que ele passa a receber uma gratificação da Corte local. Além das diferenças já mencionadas, a produção intelectual de Goethe foi mais longeva, pois o autor viveu quase o dobro da idade de Schiller. Goethe morreu aos 83 anos em 1832, e Schiller morreu em 1805 aos 45 anos.

Por se tratar de dois grandes escritores, inevitavelmente havia uma espécie de disputa, o que ocasionou um distanciamento entre eles. Goethe acreditava que a atitude rebelde, inspirada pelo movimento Tempestade e Ímpeto [*Sturm und Drang*] encontrada no drama *Os Bandoleiros* ainda permanecia nas obras de Schiller, mesmo após a sua transição para o Classicismo de Weimar. Sobre o movimento literário, Süssekind (2007, p. 77) explica que “O período de colaboração entre Goethe e Schiller, de 1794 a 1805, foi chamado pelos historiadores da literatura de Classicismo de Weimar [...]” e aponta, ainda, a respeito do apelo exacerbado pela liberdade que Goethe recusava essa forma excessiva de ‘liberdade’, porque ela não iria conduzir “[...] a nada de bom [...]” (*ibid.*, p. 77), creditando a educação recebida por Schiller durante o período que esteve na Academia militar por essa posição mais radical.

Esse tom crítico iria apenas mudar após o convite de Schiller para que Goethe escrevesse na revista *Die Horen*, editada pelo primeiro. O apelo de amigos em comuns, também foi um forte impulsionador para que os dois maiores nomes da literatura clássica

alemã mantivessem contato, inclusive por meio de suas correspondências, que ocorreram durante mais de uma década (Cf. Cavalcante, 2010)⁸.

A partir das trocas de cartas, foram transmitidas contribuições, ideias e dicas entre Schiller e Goethe, a exemplo da obra *Xênias* (1796) escrita por eles. Em um trecho das suas correspondências, Schiller comenta com Goethe sua angústia sobre a construção da sua obra *Wallenstein*:

Tenho diante de mim as cenas de amor do segundo ato de do *Wallenstein*, então posso deixar de pensar, angustiado, no palco e na concretização teatral da peça. Pois a organização do conjunto exige que o amor se oponha não somente através da ação, mas, muito mais através da sua tranquila insistência em si [...] (Schiller, 2010, p. 160).

Goethe chegou a desenvolver um pequeno ensaio a partir das cartas trocadas entre eles, teorizando sobre poemas épicos. Nas correspondências, Goethe também comenta que voltará a trabalhar no *Fausto*, o que ocorre também por insistência de Schiller. Ademais, eles tratavam sobre a teoria das cores que muito interessava a Goethe na época, marcavam encontros e comentavam sobre a saúde já debilitada de Schiller.

Junto a Goethe, com quem é frequentemente associado, representam não apenas uma determinada época ou movimento literário, mas a literatura alemã em geral. Schiller foi um dos mais bem-sucedidos autores do movimento Ímpeto e Tempestade e do Classicismo de Weimar. Além dos movimentos literários já citados, os contemporâneos Schiller e Goethe também contribuíram para o helenismo alemão, como cita Moura (2006, p. 187):

Ao desligar do movimento europeu do Renascimento, a Alemanha deixará de se alimentar de uma das suas fontes de cultura ocidental, o que é a cultura romana, que por sua vez se acha estreitamente ligada à cultura grega. A religação com a cultura grega é iniciada por Winckelmann, o que propicia o desenvolvimento de um helenismo alemão, cujo apogeu é alcançado no período de intensa colaboração entre Goethe e Schiller (Moura, 2006, p. 187).

Outros autores, a exemplo de Madame de Staël, também foram responsáveis por divulgar as obras de cânones da literatura alemã no Brasil, incluindo a do próprio Schiller. Na imprensa brasileira, espelham-se relatos sobre ela e a sua estadia na Alemanha.⁹ Lia-se por exemplo, como ela fora enviada para o exílio por Napoleão Bonaparte, como viajava para Berlim, conhecendo a cultura alemã, e como ela creditava a sua amizade com Schiller e Goethe. Essas experiências no solo alemão entraram posteriormente na sua obra *De*

⁸ Vide as correspondências entre Schiller e Goethe em *Correspondência* (2010) organizado por Cláudia Cavalcanti que reúne 136 cartas trocadas entre Goethe e Schiller de 1794 a 1803.

⁹ Na imprensa brasileira oitocentista há ocorrências, inclusive creditadas a Madame de Staël como no *O Despertador* (RJ) de 1838\Edição 00183 e no *Jornal do Recife* de 1890\Edição 00240 (1) sobre Schiller.

l'Allemagne (1813), multicitada também na imprensa brasileira. Staël dedica um capítulo a Schiller nessa obra, reconhecendo sua trajetória literária grandiosa:

Não há carreira mais bela do que a das letras, quando é seguida tal como Schiller o faz. É verdade que há tanta seriedade e lealdade em tudo, na Alemanha, que somente ali o caráter e os deveres de cada vocação podem ser conhecidos de uma maneira completa. Não obstante, dentre todos, Schiller era admirável tanto pelas virtudes quanto pelos talentos. A consciência era sua Musa: ela não tem necessidade de ser invocada, pois uma vez ouvida é sempre escutada. Ele amava a poesia, a arte dramática, a história, a literatura por si mesmas, tendo o mesmo cuidado com suas obras, ainda que decidisse não publicá-las [...] (Staël, trad. por Missio, 2016, p. 163).

A abordagem imagológica, na literatura, diz respeito ao estudo das imagens que um determinado espaço faz do outro e como isso é aplicado nas variadas literaturas. Os estudos são iniciados na Alemanha com Lessing, Goethe, os irmãos Schlegel e Madame de Staël. Eles acreditavam que através da investigação das obras representativas de uma determinada literatura poderíamos conhecer o “espírito” daquele povo. Considerada uma das mais antigas práticas comparatistas, a imagologia foi anexando elementos teórico-críticas ao longo dos anos, como: identidade, teoria da tradução e recepção de obras literárias (Cf. Sousa, 2004, p. 9).

O interesse nessas representações está interligado ao desejo de apresentar/conhecer o outro. A obra *De l'Allemagne* (1813) é um exemplo de obra desenvolvida a partir de um olhar imagológico. Ela não se detém em uma análise da literatura alemã: sua busca será para entender qual a imagem da psicologia daquela nação e as características que determinam sua identidade. Através dessa obra, Madame de Staël apresenta na sua época o país germânico aos franceses. O elemento estrangeiro, como nesse caso, é o indicador da fase da cultura de cada um dos envolvidos.

3.2 A importância dos periódicos para o Brasil oitocentista e a primeira ocorrência de Schiller

Durante o Brasil colonial não existiam tipografias no Brasil. Alguns historiadores defendem haver uma proibição portuguesa, assim como foi proibida a instalação de outros órgãos como os correios e universidades, como afirma o jornalista Benedito Juarez Bahia: “O governo metropolitano coibiu o estabelecimento da imprensa no Brasil, fazendo da circulação da palavra impressa um crime contra a coroa” (Bahia, 2009, p. 18).

Todavia, José Marques de Melo refuta essa assertiva, pois, segundo ele, “[...] não existiu uma legislação expressamente restritiva à instalação de tipografias no Brasil [...]”, (Marques de Melo, 2003, p. 99), o que é seguido também pelo jornalista Matías Molina (2015, p. 36) em *A história dos jornais no Brasil*. A documentação a respeito é muito escassa, porém não havia sido encontrado nenhum documento comprobatório nos arquivos de Lisboa proibindo a instalação de tipografias no Brasil no início do período colonial. Proibidas ou não, de acordo com Lustosa, até 1808, o Brasil “[...] era também um dos únicos países do mundo, excetuados os da África e da Ásia, que não produzia palavra impressa [...]” (2003, p. 7). Esse cenário começa a transmutar somente com a chegada da Corte real portuguesa.

A Impressão Régia no Rio de Janeiro, fundada em 13 de maio de 1808, objetivava inspecionar todos os impressos que eram enviados para publicação, a fim de deter o controle sobre as temáticas abordadas. Não se poderiam imprimir produções que fossem contrárias ao governo vigente, à Igreja, à moral e aos bons costumes. Como aborda Armitage, “[...] a única typographia permitida no Rio de Janeiro, estava debaixo da censura immediata das Autoridades [...]” (Armitage, 1837, p. 14). O primeiro jornal impresso totalmente no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808, quatro meses após o surgimento da Impressão Régia.

O veículo supracitado trazia em suas páginas apenas conteúdos de interesse da Corte real, utilizando-se de uma linguagem semelhante à linguagem dos atuais diários oficiais. A provável ampliação da malha jornalística resultou em uma ausência de fiscalização, expondo as fragilidades e brechas dos mecanismos de censura, pois, a partir de 1821, surgem jornais com diretrizes liberais:

A partir de 1821 surgem novos jornais, boa parte deles ligada aos liberais e à maçonaria, e após a Independência e ao longo do Império, a imprensa brasileira não só se ampliou como se diversificou com a publicação de dezenas de pequenas folhas, panfletos e pasquins, em geral de vida intermitente e breve (Azevedo, 2006, p. 93).

Com a saída da Corte real portuguesa no ano de 1821, o Brasil passa por transformações em seu contexto sociopolítico. Arregimentaram-se as articulações, fruto de um clamor em prol da Independência que ocorreria apenas no ano seguinte, em 7 de setembro de 1822. Por se tratar de um meio de comunicação de massa mais utilizado da época, os periódicos foram usados também como suporte para a circulação de conteúdo a favor da Independência.

Após esse período, vemos um aumento significativo da publicação de periódicos. De acordo com Granja e Luca (2018), também houve uma ampliação quantitativa do público

leitor relacionada às questões de crescimento populacional, elevação da concentração de pessoas em zonas urbanas e a expansão dos sistemas educacionais. As melhorias realizadas na instrução da sociedade brasileira foram essenciais, visto que, durante o Brasil colonial, vivenciava-se um baixo letramento da população (Cf. Gagliardo, 2015, p. 129).

Outras iniciativas também contribuíram, como a navegação a vapor, que possibilitou o encurtamento das viagens facilitando os intercâmbios entre os países, as atividades comerciais e de serviços, promovendo uma variedade até então desconhecida que favorecia e demandava os fluxos de informações. Esses aspectos foram aproveitados pelos agentes literários, empresários culturais e jornalistas para ampliar o seu público consumidor, desenvolvendo o chamado comércio cultural. Como esclarece Xavier (2021b, p. 322), ele “[...] ocorre sobretudo através de contatos pessoais e institucionais, em redes de correspondências, em atividades tradutórias e mercantis, assim como pela disseminação de literatura em jornais e revistas.”.

Após a consolidação do Brasil Império, oportunizou-se a utilização dos periódicos também como ferramenta educativa, aliando literatura e jornalismo para a formação intelectual desse novo público leitor. Isso se explica pela intrínseca relação entre eles, como descrevem Martins e Luca (2008, p. 37): “[...] havia uma relação estreita dos livros com os jornais periódicos, até porque ambos podem ser definidos como imprensa [...]”. A própria função jornalística, por vezes, se interseccionava com a escrita literária, como identifica Freitas (2002), a partir de estudos sobre o jornalismo e a literatura:

Jornalista, colaborador literário e escritor eram difíceis de separar e, muitas vezes, trabalhavam uma mesma matéria para os jornais e para os romances, sem que esta acumulação lhes levantasse problemas. Captavam o realismo dos acontecimentos e romaneavam em torno deles (Freitas, 2002, p. 15).

Houve a mobilização de uma camada da população que buscava a conservação de valores próprios e a união dos brasileiros em favor de um espírito nacionalista, como infere Molina (2015, p. 134), quando aponta que os jornais “[...] foram fundamentais para definir o futuro político do Brasil e contribuíram decisivamente para a formação da nacionalidade e a preservação da integridade territorial.” Essa busca por legitimar os aspectos nacionais perpassou pela imprensa pela sua interligação com a formação da identidade nacional de um povo.

Os periódicos, então, tornam-se vitrines para a divulgação desses novos valores, como trata Machado de Assis (1873), em seu artigo sobre o “Instinto de Nacionalidade”, no qual ele constata existir um desejo coletivo de criar uma literatura própria (Assis, 1873, p. 31). Todavia, não era apenas a literatura, mas todo o contexto sociocultural e político. Nesse

sentido, há uma ampla divulgação de características e ideias para essa nova sociedade que surge independente do domínio português. Como discorre Morel (2013):

Os jornais do período inicial constituíram-se, em alguns casos, através de várias redes de sociabilidade, dentro das condições da época, formadas no Brasil recém-independente que buscava se constituir como nação. Não se deve negligenciar dentro desses laços que se articulavam (criavam, mantinham ou refaziam), com densidades desiguais, uma forma de associação bastante específica em suas características, embora articulada com as demais: as redes de sociabilidade pela imprensa periódica. Essa pode ser considerada um palpável agente histórico, com sua materialidade no papel impresso e efetiva força simbólica das palavras que fazia circular, bem como dos agentes que a produziam e dos leitores/ouvintes que de alguma forma eram receptores e também retransmissores de seus conteúdos (Morel, 2013, p. 41).

A busca pela criação de uma literatura genuinamente brasileira gerava uma preocupação de cunho nacional, isto é, com o desenvolvimento de uma identidade própria, como comentou Machado de Assis (1873). Havia, nessa perspectiva, uma preocupação editorial com os temas abordados nos periódicos.

Os jornalistas e intelectuais passaram a disputar o interesse do público, pois, além de entreter e informar, visavam a formação intelectual e moral do público leitor. De acordo com Sodré, existia uma estratégia editorial de publicações mais didáticas para possibilitar uma maior compreensão dos assuntos por todos e para “[...] facilitar a compreensão do desenvolvimento de qualquer processo ou fenômeno” (2000, p. 6). A importância dos jornais para a vida intelectual brasileira é inegável.

De acordo com Sales e Barbosa, foi a partir das publicações jornalísticas que as pessoas começaram a se inteirar dos “[...] acontecimentos, os fatos políticos e os culturais [...]” (2014, p. 43). Dessa forma, “[...] esses impressos, durante o século XIX, se constituíram como elementos fundamentais para a vida intelectual da época no que se refere à transmissão de informações e atualizações [...]” (*Ibid.*, p. 43).

Nesse sentido, os jornais exerceram a função de formar, moldar e divulgar esse novo contexto social através de suas publicações. Também começam a ser utilizadas obras e informações de literatos estrangeiros, colocando-os em lugar de referência e inspiração para essa nova literatura que estava surgindo. E aqui quando se fala de referencial, não se trata de sobrepujar uma literatura sobre a outra, ao contrário; é uma forma de desenvolver seu próprio modo de criar a literatura, ou seja, ter a liberdade de perpetuar ou romper, transformar ou expandir, esquecer ou negar aquilo que já havia sido produzido através da herança literária.

O apelo do cânone e suas colaborações à literatura universal exerce um papel pertinente, como aborda Casanova (2002), sobre a relevância de textos internacionalmente conhecidos:

Desse modo, seria necessário opor as línguas de “grande cultura” – isto é, as línguas de forte literalidade – à línguas de ‘grande circulação’. As primeiras são lidas não apenas por aqueles que as falam, mas também por aqueles que acham que os que escrevem nessas línguas ou são traduzidos para elas merecem ser lidos (Casanova, 2002, p. 38).

Os nomes de autores notoriamente reconhecidos pelo cânone universal, como Goethe, Cervantes, Shakespeare, Hugo, Dumas Schiller, Voltaire, entre outros, resumem concomitantemente a grandeza da herança literária universal e a legitimidade e a referência histórico-literária conferida a eles pelas suas produções, que ultrapassaram os territórios dos seus países. Portanto, como analisa Zilberman (1994), havia uma dicotomia entre o desenvolvimento de uma literatura genuinamente brasileira e o acompanhamento das escolas e estilos europeus.

No século XIX, instalou-se e cresceu um dualismo que se enraizou na vida brasileira: o conflito entre a busca da expressão autenticamente nacional, livre da possível influência europeia (português, em primeiro plano; francesa no plano de fundo), e o acompanhamento das escolas e estilos mais avançados, elaborados e difundidos naquela mesma Europa por outro lado rejeitada (Zilberman, 1994, p. 63).

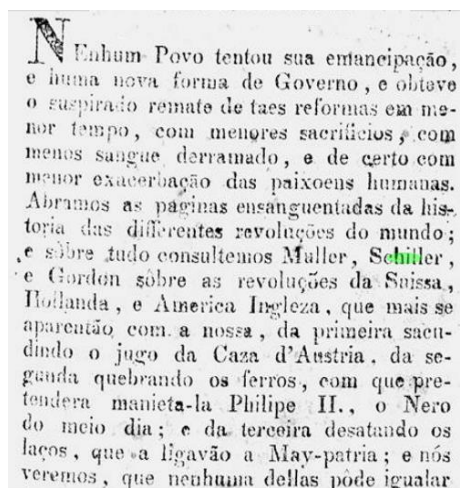
Comumente encontram-se textos de autores renomados da literatura universal presentes nas páginas dos periódicos: trechos de obras, poesias, análises críticas e sugestões de leitura. O objetivo era legitimar os conteúdos abordados através do referencial desses grandes autores, como elucida Silva (2016), com as menções a autores notadamente reconhecidos. Os supracitados autores eram utilizados como estratégia comercial para atrair os leitores. Frequentemente eram usadas táticas para atrair o público leitor, pois ouvir a sua audiência era fundamental para a continuação do funcionamento dos periódicos, visto que a ausência de um público consumidor geraria o encerramento das atividades, o que era recorrente na época (Cf. Silva, 2016, p. 12).

Por um lado, ocorria a citação de autores estrangeiros, referenciando-os nas páginas dos jornais; por outro, existia a contribuição do veículo de comunicação para a disseminação desses autores e de suas obras fora dos seus eixos territoriais, em uma tentativa de aproximar os brasileiros de obras de grandes clássicos, referências atemporais para a literatura universal, haja visto a escassez de acessibilidade aos livros e, quando ocorria, geralmente era por gabinetes de leituras, como aponta Augusti (1998):

O acesso aos livros é, por sua vez, regulado das mais diversas maneiras: algumas bibliotecas só o permitem aos sócios e acionistas, como é o caso do Gabinete Português; outras permitem a leitura, mas não a retirada do livro, sendo esta um privilégio dos associados, como é o caso do Museu Escolar Nacional; outras permitem que grupos específicos de pessoas retirem os livros sob determinadas condições (Augusti, 1998, p. 4).

A importância dos periódicos para a divulgação de Schiller no Brasil é considerável, visto a ampliação do seu público-leitor, de frequentadores de espaços culturais como teatros, óperas e bibliotecas, e toda pessoa possível leitora de jornais. Os méritos dessa empreitada incidem sobre os jornalistas e intelectuais que atuaram como agentes culturais através dos mecanismos de circulação – nacional e transatlântica – dos jornais. Segundo Barcelos (2016, p. 96), “[...] diante da carência de livros e informações, cabia ao jornal o papel de educar e instruir [...]”. Os frutos dos trabalhos desenvolvidos por esses mediadores culturais promoveram a circulação das ideias e as transferências culturais entre as sociedades, a exemplo da interligação entre as literaturas brasileira e alemã promovida a partir das ocorrências de Schiller nos impressos oitocentistas, a exemplo da Figura 3.

Figura 3 - Trecho de um artigo¹⁰ publicado em 1830, edição 00604 no *Astrea* (RJ)



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A primeira ocorrência de Schiller em jornais brasileiros, rastreada na Hemeroteca Digital Brasileira, data de 1830. Trata-se do artigo intitulado “Mandamentos dos brasileiros – Os mandamentos brasileiros se encerram em dous: União e olho bem vivo” no periódico *Astrea* (1826), jornal do Rio de Janeiro. O texto assinado por M.F.R. d’A é uma continuação da terceira parte da resposta dada ao deputado G.P. Ferreira sobre a situação do Brasil e o seu processo emancipatório. O autor considera o caso do Brasil menos “sacrificante”, trazendo exemplos de outras nações, no qual suas batalhas foram narradas através de obras como a da

¹⁰ Transcrição: Nenhum Povo tentou sua emancipação e huma nova forma de Governo, e obteve o suspirado remate de taes reformas em menor tempo, com menores sacrificios, e com menos sangue derramado, e de certo com menor exacerbação das paixoes humanas. Abramos as paginas ensanguentadas da historia das differentes revoluções do mundo; e sobre tudo consultemos Muller, Schiller, e Gordon sobre as revoluções da Suissa, Hollanda, e America Ingleza, que mais se aparentão com a nossa, da primeira sacudindo o jugo da Caza d'Austria, da segunda quebrando os ferros, com que pretendera manietar-la Philippe II., o Nero do meio dia; e da terceira desatando os laços, que a ligavão a May-patria; e nós veremos, que nenhuma dellas pôde igualar [...].

emancipação da Suíça [sic], em uma clara referência a obra schilleriana *Wilhelm Tell* (Guilherme Tell), escrita em 1804. Destacamos nessa primeira ocorrência o fato de as pessoas já possuírem acesso às obras de Schiller, e a uma das suas obras menos conhecidas se pensarmos, por exemplo, em *Os Bandoleiros*. Isso poderia sinalizar que a introdução de Schiller no Brasil não ocorreu apenas através da sua obra-prima, mas em uma difusão mais ampla, atingindo mais obras do seu legado literário.

Para continuar a entender como aconteceram os desdobramentos da chegada de Schiller e suas obras no Brasil, iremos apresentar no próximo subcapítulo um panorama das suas ocorrências a partir dos periódicos estudados.

3.3 Schiller na imprensa oitocentista do Brasil: panorama sob o recorte dos periódicos escolhidos

Realizamos uma primeira análise quantitativa das ocorrências de Schiller por gêneros textuais e fizemos uma divisão posterior das menções a partir dos jornais analisados *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Recife* e *Publicador Maranhense*. Entre os gêneros identificados, estão: notas, notas de anúncios, artigos, folhetins, críticas, cartas e traduções (Tabela 1).

Tabela 1 - Gêneros jornalísticos com ocorrências sobre Schiller

	<i>Diário do Rio de Janeiro</i>	<i>Jornal do Recife</i>	<i>Publicador Maranhense</i>
Nota	23	30	0
Nota (Anúncio)	0	2	0
Crítica	1	0	0
Artigo	12	55	5
Folhetim	6	4	1
Carta ao leitor	0	0	1
Tradução	0	3	0

Fonte: Pesquisa direta (2022) na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A partir de 1836, percebemos, em geral, uma ampliação na diversidade temática dos gêneros das ocorrências de Schiller nos jornais brasileiros. O autor passa a ser referencial em folhetins, como “A judia no Vaticano” (*Diário do Rio de Janeiro*, ano 1852\Edição 08897); há traduções parciais, como a da balada *Der Taucher/OMergulhador (O Sete d' Abril*, ano 1838\Edição 00633); notas de leilão (*Diário do Rio de Janeiro*, ano 1840\Edição 00115); catálogo de obras (*Anuario politico, historico e estatistico do Brazil*, ano 1847\Edição

00002); cânticos (*Revista Nacional e Estrangeira*, ano 1839\Edição 00002); crítica literária (*Sentinella da Monarchia: periodico politico e litterario*, ano 1847\Edição 0089); notícias biográficas (*Museo Universal: Jornal das Familias Brasileiras*, ano 1840\Edição 00038); e artigos sobre Schiller (*Diário do Rio de Janeiro*, ano 1847\Edição 07588).

A partir das pesquisas iniciais em mais de dezessete jornais históricos com ocorrências sobre Schiller, elencamos, entre eles, como *corpus* a ser analisado três periódicos que representassem três regiões distintas de um país tão diverso como o Brasil. Eles possuem relevância para a historiografia jornalística do seu estado e país, e são estes: *Diário do Rio de Janeiro* (RJ), *Jornal do Recife* (PE), e *Publicador Maranhense* (MA), com os quais buscamos apresentar um mosaico pertinente da construção da memória cultural estrangeira da literatura e cultura brasileira em sua fase de formação.

3.3.1 *Diário do Rio de Janeiro*

Publicado no Rio de Janeiro, o *Diário do Rio de Janeiro* abrigou a maior parte das transformações sociais, políticas e históricas a partir do século XIX. Ou seja, ele possibilitou à sua equipe acompanhar *in loco* as mudanças no panorama da capital do Império, como a fundação do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, das bibliotecas, da construção de teatros, museus, universidades, pavimentação e a abertura de livrarias e tipografias, sendo fundamental para a subscrição, venda e circulação de livros e periódicos, entre outros.

Demonstra-se, então, a importância desse periódico como reflexo de toda essa transmutação cultural, social, econômica e política por que passava o Brasil e se pode entender através das suas atividades institucionais de mediação jornalística como ocorriam as relações comerciais, as trocas e as interações com o próprio público leitor e com o estrangeiro, além de como era conduzido um tema, a escolha lexical, suas nuances e intencionalidades. Essas características constroem um caráter singular de cada jornal como o do *Diário*.

No período de 1830 a 1858, encontramos quantitativamente mais de 40 ocorrências a Schiller, com várias temáticas, como: leilões, citações de suas obras, ficcionalização da leitura schilleriana, Schiller e Goethe e curiosidades de caráter biográfico.

O *Diário do Rio de Janeiro* iniciou suas atividades a partir de 1821 (ANEXO A), sendo o primeiro jornal informativo diário do Brasil (Cf. Marendino, 2016, p. 11). Ele se

estabeleceu como um periódico de grande alcance, atingindo um público leitor de diversas classes sociais. Um dos seus diferenciais era a publicação de anúncios gratuitos, estratégia pensada pelo seu proprietário e primeiro redator, Zeferino Vitor de Meireles. Ele era “[...] português nascido em Lisboa, personagem que havia anteriormente integrado parte do cenário das tipografias brasileiras, trabalhou na Imprensa Régia desde a sua fundação [...]” (Marendino, 2016, p. 15). Os anúncios publicados gratuitamente pelo impresso geralmente eram notas de leilão, vendas e aquisições. Essa estratégia tornou-se motivo de rivalidade com outro jornal, *O Spectador Brasileiro* (1824-1827), do editor francês Pierre Plancher, que cobrava 40 réis por linha publicada (Cf. Barbosa, 2022, p. 85).

De acordo com Sodré (1966) durante os seus primeiros meses, o *Diário* foi impresso na Tipografia Régia; todavia, só a partir de 1822, passa a possuir prensa própria, a Typographia do *Diário do Rio de Janeiro* (Cf. Sodré, 1966, p. 42). O *Diário* funcionou entre os anos de 1821 e 1858 (Figura 4), porém, há poucas pesquisas sobre os seus anos iniciais. Anteriormente, apenas os jornais *A Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso do Brasil (Marques de Melo, 2003) e o *Correio Brasiliense*, primeiro jornal com notícias sobre o Brasil a circular livre de censuras em Portugal (Mello, 2009, p. 82), circulavam no Brasil.

Ambos os jornais citados tiveram sua edição inaugural em 1808, porém, com uma diferença de dois meses entre eles. O *Correio* foi publicado primeiro e era destinado aos habitantes da Corte real, entretanto era impresso em Londres (Inglaterra).

Figura 4 - Capa de uma edição do *Diário do Rio de Janeiro*



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

O *Diário do Rio de Janeiro*, nos primórdios das suas atividades, apresentava-se como um jornal puramente informativo, ou seja, não possuía um viés político. Nas suas páginas era possível encontrar, além dos anúncios, notícias sobre o governo imperial, países estrangeiros,

novidades científicas e literárias. A partir de 1850, o *Diário* intensificou a divulgação da literatura nacional, tendo como um dos seus colaboradores o escritor romântico cearense José de Alencar (Cf. Marendino, 2016). O veículo foi responsável pela publicação de vários clássicos do autor, como *O Guarani* e *A viúva*, que se tornaram sucesso primeiramente via imprensa, como constatado na obra *Reminiscências* por Afonso d’Escragnolle Taunay (1932, pp. 85-86)

Em 1857, talvez 56, publicou *O Guarani* em folhetim no *Diário do Rio de Janeiro* e ainda vivamente me recordo do entusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue às exclusivas preocupações do comércio e da bolsa, entusiasmo particularmente acentuado nos 69 currículos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeitas ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político. O Rio de Janeiro em peso para assim dizer, lia *O Guarani* e seguia comovido e enlevado os amores tão puros e discretos de Ceci e Peri e com estremecida simpatia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principais personagens do cativante romance (Taunay, 1932, pp. 85-86).

O *Diário do Rio de Janeiro* tornou-se um veículo muito popular em sua época. Entre os motivos, estava o seu preço baixo – inicialmente, o valor de 40 réis (Cf. Neto; Ulhôa, 2014), tornando-o acessível a uma parcela significativa do público-leitor. Esse viés popular lhe rendeu a alcunha de “[...] Diário do Vintém – por seu baixo preço – ou Diário da Manteiga – por publicar os preços da manteiga [...]” (Souza, 2014, p. 11). Outros fatores foram: a quantidade de anúncios e a busca por temas relevantes para o dia a dia na colônia e, posteriormente, para o Império brasileiro, como desenvolve Marendino (2016):

[...] é nosso objetivo demonstrar que, sendo um jornal marcadamente informativo, ele contribuiu para a vida cotidiana da população da corte, na medida em que trazia ao público uma ideia da vida em sociedade ao reunir em suas páginas grande quantidade de anúncios variados, notícias oficiais do governo imperial, notícias dos países estrangeiros, invenções, novidades das ciências, da medicina, da literatura e tudo o mais que considerava útil ao público leitor. (Marendino, 2016, n.p.)

Por volta da década de 1830 há uma mudança editorial: o jornal passa a abordar conteúdos com viés político, deixando de lado a linha editorial meramente informativa que era, até então, desenvolvida. Estamparam em suas páginas publicações com temáticas notadamente políticas relacionadas a um grupo específico: os “caramurus”. Eles eram partidários da volta da Coroa portuguesa. Como infere Morel (2003, p. 38): “[...] é oportuno lembrar que um dos nomes mais conhecidos desses restauradores era caramurus. Agrupavam-se na Sociedade Conservadora, posteriormente transformada em Sociedade Militar, e tinham jornais como *O Caramuru*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Carijó*, entre outros”.

O *Diário do Rio de Janeiro* foi um dos primeiros jornais brasileiros a mencionar Schiller, ainda na década de 1830, com uma nota sobre um leilão, em 1838 (Figura 5). A nota

citava obras do autor alemão, intitulada “Leilão extraordinario na Rua da Misericordia, nº 27”. Nessa época era comum o trânsito entre Brasil e Portugal, e mudanças como a do senhor Guilherme Braun eram frequentes. Ele já havia partido para a Europa, provavelmente para as terras alemãs, apontando uma saída em definitivo do Brasil.

Figura 5 - Nota publicada¹¹ no *Diário do Rio de Janeiro* edição 00066 (1), ano 1838. Sessão Leilões: Leilão extraordinario na Rua da Misericordia, nº 27

L E I L Õ E S.

Leilão extraordinario na rua da Misericordia n. 27.

A LAWRIE & comp., participão, que amanhã sabbado 24 do corrente, farão leilão de toda a mobilia, mulla, carrinho, livros &c. &c., pertencentes ao Illm.º Sr. Guilherme Braun, rua da Misericordia n. 27, que se retirou para a eurepa, constando de cadeiras, sofás, mesas redondas, apparadores, mesas de jogo, piano forte, jogo de bagatella, mesa elastica de jantar para 24 pessoas, apparador de sala de jantar (side board) camas de ferro, banheira muito superior de nova construcção, guarda-vestidos, commodas, rico lustre grande, relógio de cima de mesa com corda para 12 dias, e musica, grande espelho, dito romano, quadros, soberba toalha de mesa, de damasco, grande e rica, cadeiras de repouso com mollar, louça, christaes, porcelanas, casquinhas, prata, ouro, trem de cozinha &c. &c., a livraria com as obras de Goethe, Schiller, Clauren, Hoffmaum, Spindler, Lord Boyron, Walter, Scott, Joan Paul, de la Motte, Fougue, Seume, Vander Veld, Wieland; uma mulla mansa, e valente, e carrinho de 4 rodas com arreios.

Principiará ás 10 horas e meia, na rua da Misericordia 27.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

¹¹ Transcrição: Leilões – Leilão extraordinario na rua da Misericordia, n.27 A Lawrie & comp., participão, que amanhã sabbado 24 do corrente, farão leilão de toda a mobilia, mulla, carrinho, livros &c. &c., pertencentes ao Illmº Sr Guilherme Braun, rua da Misericordia n. 27, que se retirou para a europa, constando de cadeiras, sofás, mesas redondas, apparadores, mesas de jogo, piano forte, jogo de bagatella, mesa elastica de jantar para 24 pessoas, apparador de sala de jantar (side board), camas de ferro, banheira muito superior de nova construcção, guarda-vestidos, commodas, rico lustre grande, relógio de cima de mesa com corda para 12 dias, e musica, grande espelho, dito romano, quadros, soberba toalha de mesa, de damasco, grande e rica, cadeiras de repouso com mollar, louça, christaes, porcelanas, casquinhas, prata, ouro, trem de cozinha &c. &c., a livraria com obras de Goethe, Schiller, Glauren, Hoffmaum [Hoffmann], Spindler, Lord Boyron [Byron], Walter, Scott, Joan [Jean] Paul, de la Motte, Fougue [Fouqué], Seume, Vander Veld [Van der Velde], Wieland; uma mulla mansa e valente, o carrinho de 4 rodas com arreios. Principiará às 10 horas e meia, na rua da Misericordia, n.27.

O que se destaca nesse anúncio é a miscelânea de itens a serem leiloados, espelhando muito bem o doméstico de uma casa burguesa daquela época: de mula mansa a itens decorativos, passando por ouro e prata e livros de autores estrangeiros na biblioteca à venda, incorporando obras entre o movimento iluminista, o classicismo de Weimar até os vários movimentos europeus de romantismo. Sobressai também a linguagem estratégica utilizada para oferecer a venda dos itens, adicionando os adjetivos avaliativos “rico”, “manso”, “forte” e “soberbo”, por exemplo. A exemplo dessa ocorrência, também encontramos outras evidenciando o caráter informativo e prático do *Diário*, atuando como mediador, buscando incentivar e enriquecer a vida cultural e social dos seus leitores com anúncios de vendas e eventos culturais.

3.3.2 *Jornal do Recife*

Em 1841, ao assumir a presidência da província pernambucana, Francisco do Rego Barros, único Conde da Boa Vista, instaurou uma nova política de obras públicas e ofícios úteis à comunidade. De acordo com Araújo (2010, p. 4), ele “[...] tinha o objetivo pessoal de configurar a Província como um local de prosperidade [...]”, implementando “[...] uma transformação estilística que gerou uma mudança social na cidade a partir da renovação cultural por meio do hábito social [...]” (*Ibid.*, p. 10). Em fevereiro deste mesmo ano, Rego Barros acorda com o desembargador Jeronymo Martiniano Figueira de Mello o desenvolvimento de um levantamento sobre as estatísticas da região, como apontam Prado e Martins (2000):

A proposta de estatística apresentada por Figueira de Mello é diferente do modelo de estatística hoje corrente. Ela não deveria apenas dar conta do levantamento e coleta de dados numéricos para serem organizados; sua função era bem mais abrangente, pois deveria levantar informações que compusessem inicialmente um quadro regional e, num segundo momento, um quadro nacional, apresentando-o de forma organizada e seguindo os protocolos científicos da época (Prado; Martins, 2000, p. 338).

A partir da segunda metade do século XIX há uma busca pelo entendimento “[...] sobre a nação e de justificativas para a ação do Estado com base na compreensão da dinâmica da população brasileira [...]” (Botelho, 2005, p. 334) e os dados apresentados no “Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco” (1852) auxiliaram nisso.

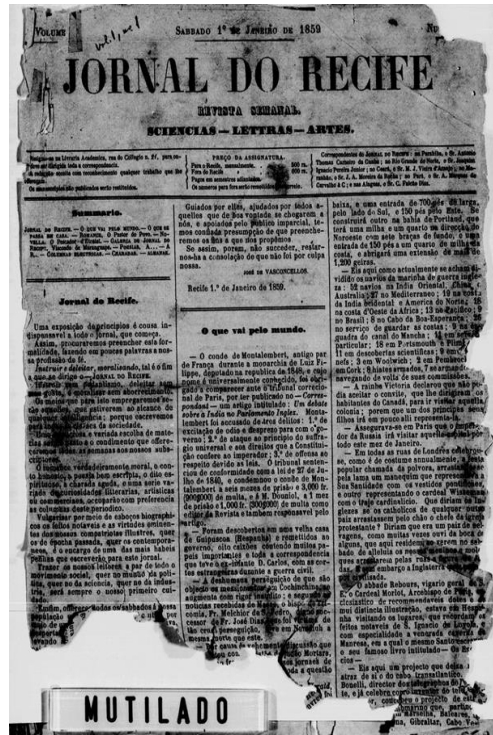
Conforme o documento, no final da década de 30, a população da província de Pernambuco estava estimada em mais de 600 mil habitantes.

Como, porém, não é possível supor que essa população tivesse ficado estacionária, por assim dizer, no espaço de quase vinte cinco anos, atento o que já era em 1815, em um país onde os meios de subsistência são tão fáceis, e os casamentos multiplicados consequentemente, força é concluir, segundo os nossos cálculos, que se a população em 1815 era de 340,000 habitantes, como vimos, em 1839 deveria ser de 620,000 (Mello, 1979, p. 272).

Nesse ínterim, Recife se consolidava como a capital da província de Pernambuco, com uma população prevista entre 60 a 70 mil habitantes (Cf. Mello, 1979, p. 283). Todavia, as informações apresentadas por Carvalho (1998) em seu livro *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850* refutam esses números, denotando que a população recifense chegava a um pouco mais de 40 mil habitantes. Independente da exatidão dos dados, é consenso que a capital da província pernambucana passou por um significativo aumento populacional durante o período dos Oitocentos.

No campo da educação, este crescimento não foi expressivo, refletindo-se no baixo letramento da população. Oliveira (2013, p. 634) explica isso com a pouca oferta de escolas no Recife, porque em 1850, “[..] a cidade contava com apenas 22 aulas públicas [...]”. Diante dessa realidade, e em conjunto com o aumento populacional em um período curto, tornou-se necessária a criação e/ou fomentação de veículos de comunicação para a difusão de informações para a sociedade.

Figura 6 - Capa de uma edição inaugural do *Jornal do Recife*



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

O *Jornal do Recife: Revista Semanal: Ciências, Letras e Artes* foi inaugurado em 1º de janeiro de 1859 (Figura 6). Ele era um periódico secular, que, devido ao seu liberalismo, defendia a ciência e a modernidade. O jornal era impresso pela Tipografia Acadêmica, pertencente a José de Vasconcelos (1829-1895), sendo considerado um dos jornais mais duradouros da imprensa pernambucana, circulando até meados de 1938. Publicado semanalmente, aos sábados, em seu anúncio de abertura traz os seus principais objetivos (ANEXO B):

Instruir e deleitar, moralizando, tal é o fim a que se dirige o *Jornal do Recife*. Instruir sem pedantismo, deleitar sem mal gosto e moralizar sem aborrecimento. Os meios que para isto empregaremos serão aqueles que estiverem ao alcance de qualquer inteligência; porque escrevemos para todas as classes da sociedade. Uma minuciosa e variada escolha de matérias será o pasto e o condimento que oferecemos todas as semanas aos nossos subscritores. O romance verdadeiramente moral, o conto honesto, a poesia bem escrita, o dito espirituoso, a charada agudam e uma série variada de curiosidades literárias, artísticas ou comerciais ocuparão com preferência as colunas deste periódico. (Jornal do Recife, 1 de janeiro de 1859, p. 1)¹²

¹² Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20185&pesq=Jornal%20do%20recife&pagfis=2>.

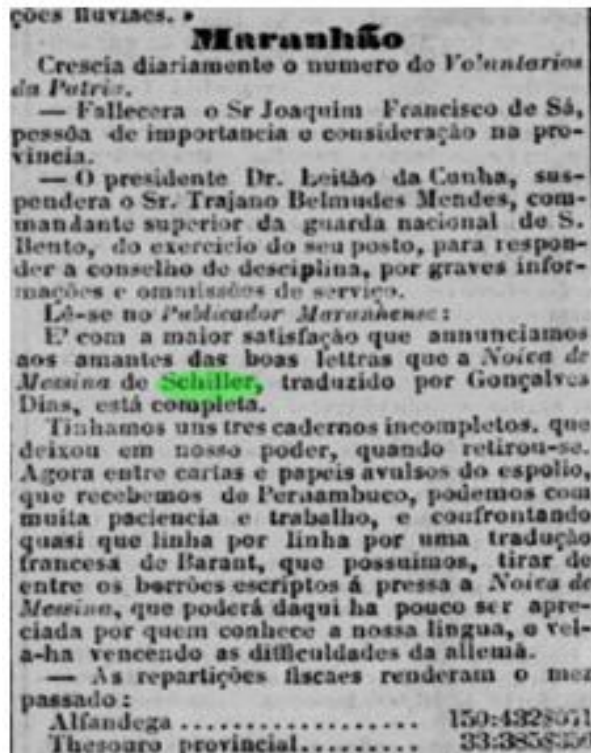
De acordo com Santana (2007), o *Jornal do Recife*, após um período inicial de publicação semanal, adota o formato de jornal diário, trazendo seções fixas em seus impressos. Destacamos, dentre elas, o “Romance”, o romance-folhetim, que esteve presente desde o seu primeiro exemplar. Os pesquisadores Nelson Schapochnik (2008), Márcia Abreu (2008) e Fátima Barbosa (2007) tratam sobre a forte presença dos romances na capital pernambucana, o que acabou refletindo nas páginas do *Jornal do Recife*. Evidenciam-se, também, outras seções como a coluna de variedades e, posteriormente, o jornal recebeu a adição do “Folhetim”, uma parte onde os leitores encontrariam comentários sobre os espetáculos teatrais, a prosa de ficção e as crônicas transcritas de outros jornais da Corte real.

O caráter da inovação sempre esteve presente no *Jornal do Recife* e trouxe uma nova forma de veiculação de textos de ficção. Como reflete Santos (2021, p. 70), essa seção “Folhetim” passa a ocupar a terceira e a quarta página. O jornal também mantinha correspondentes em outros estados, como na Paraíba, no Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, em Alagoas e no Pará (Cf. Santana, 2007, p. 82) e, com isso, apresentava em suas páginas também notícias de outros estados brasileiros.

Somado a esse fato, o *Jornal do Recife*, na edição 00087 (1) de 1865, republica uma notícia do *Publicador Maranhense* (Figura 7) na coluna “Maranhão”, sobre as circunstâncias da publicação da tradução da obra *Noiva de Messina*, de Schiller, que havia sido realizada por Gonçalves Dias e que estava em andamento nesse momento. Esses manuscritos estavam sendo enviados para o Maranhão para compor a edição final da tradução.

Figura 7 - Nota¹³ sobre a conclusão da tradução da *Noiva de Messina*, *Jornal do Recife*, de 1865\Edição 00087

¹³ Transcrição: Maranhão - Crescia diariamente o numero de voluntários da Patria,-Fallecera o Sr Joaquim Francisco de Sá, pessoa de importancia e consideração na provincia. O presidente Dr. Leitão da Cunha, suspendera o Sr. Trajano Belmudes Mendes, commandante superior da guarda nacional de S. Bento, do exercicio do seu posto, para responder a conselho de disciplina, por graves informações e ommissões de serviço. Lê-se no *Publicador Maranhense*: E' com a maior satisfação que annunciamos aos amantes das boas letras que a *Noiva de Messina* de Schiller, traduzido por Gonçalves Dias, está completa. Tinhamos uns tres cadernos incompletos, que deixou em nosso poder, quando retirou-se. Agora entre cartas e papeis avulsos do espolio, que recebemos de Pernambuco, podemos com muita paciência e trabalho, e confrontando quasi que linha por linha por uma tradução francesa de Barant, que possuímos, tirar de entre os berrões escriptos á pressa a *Noiva de Messina*, que poderá daqui ha pouco ser apreciada por quem conhece a nossa lingua, o rel-a-ha vencendo as dificuldades da allema. -As repartições fiscaes renderam o mez passado: 150:4328071 Alfandega..... Thesouro provincial: 33:3858336.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

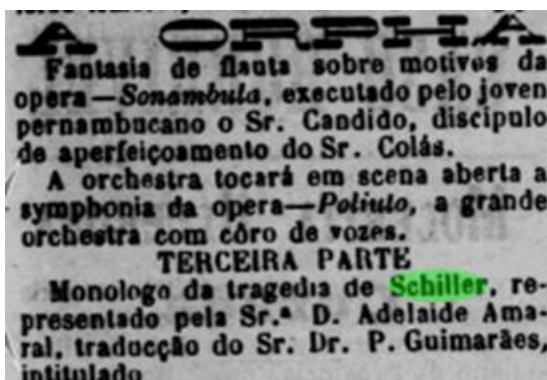
Sobre Schiller, foram encontradas mais de 94 menções durante o período de 1851 a 1917, mas foram identificadas também ocorrências de outros autores alemães em suas edições, como sobre Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e E.T.A. Hoffmann (1776-1822).

Entre os colaboradores do *Jornal do Recife*, estão o sergipano Tobias Barreto de Meneses, que assinava os artigos, a princípio, apenas com as suas iniciais; os pernambucanos Barbosa Lima Sobrinho e Oscar Brandão, e os paraibanos José Lins do Rego e Assis Chateaubriand. Também contribuíram, desde a primeira edição, a colunista Francisca Peixoto e a tradutora Maria Lacerda (Cf. Santana, 2007, p. 82).

Entre os periódicos presentes nessa pesquisa, o *Jornal do Recife* foi o que quantitativamente apresentou mais menções de Friedrich Schiller. Durante o período que compreende o nosso estudo, que vai de 1822 a 1890, foram encontradas diversas publicações sobre diferentes argumentos. A primeira ocorrência de Schiller, no *Jornal do Recife*, ocorreu em 1865 e era uma nota sobre a representação de Schiller em um monólogo encenado por Adelaide Amaral¹⁴ e traduzido por Sr. P. Guimarães, como podemos observar na Figura 8.

¹⁴ Pouco material foi encontrado sobre a atriz Adelaide Amaral. Stark (2021, p. 129) indica, que ela era a primeira-atriz da Companhia Cabral, que estreou no palco do Teatro Sete de Setembro, no Rio Grande, em 20 de junho de 1868, e que a atriz já era conhecida do grande público gaúcho.

Figura 8 - Nota publicada no *Jornal do Recife* sobre o monólogo de Schiller encenado por Adelaide Amaral



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Comumente encontram-se menções a Schiller com outros autores, como, por exemplo, Lord Byron, Madame de Staël e Goethe, incluindo uma citação sobre as *Xênias*, obra escrita por Schiller em coautoria com Goethe e divulgada na revista *Die Horen*. (Cf. Barrento, 2019, p. 317). Publicações de cunho pessoal também eram frequentes, como esta do *Jornal do Recife*, de 1895\Edição 00162, intitulada de “A cabeça de Bismark”, onde se falava de forma comparativa sobre o peso dos cérebros de alguns autores, entre eles: Schiller. A cabeça dele pesava 1330 gramas.¹⁵ Foram identificadas ocorrências acerca de suas obras. Entre as mencionadas estão: *Os Bandoleiros*, que era utilizado pelos jornalistas sob diversos argumentos, sendo a maioria deles relacionada a liberdade, amoralidade e “perdição”. Os dramas *Joana D’arc* e *Guilherme Tell* foram contextualizados enquanto fontes literárias de heróis, e *D. Carlos* e *Wallenstein*, de uma maneira geral, foram citados no contexto das diretrizes das publicações jornalísticas do *Jornal do Recife* que são orientadas pelo seu aspecto liberal. Para a pesquisadora Ana Carla Sabino Fernandes (2004), a diferenciação entre um jornal liberal ou conservador no século XIX está relacionado ao aspecto político:

Liberal e Conservador foram termos circunstanciais mais que conceitos, que, muitas vezes, só nomeavam grupos distintos de pessoas, diante de disputa, como as eleições, em prol da posse de seus representantes, e de contendas que aconteciam, antecipadamente, nos bastidores das redações dos jornais e que, de forma bastante subjetiva, eram impressas e “publicizadas”, à vista do lema de que a melhor defesa dos ideais é o ataque aos princípios alheios (Fernandes, 2004, p. 25).

O *Jornal do Recife* foi criado com um viés liberal e com isso notamos uma abordagem de Schiller através das temáticas sobre liberdade, moral e filosofia. A exemplo desta publicação do Ano 1891\Edição 00186 (1) da seção “Notícias Políticas”, onde destacamos o

¹⁵ A nota publicada pelo *Jornal de Recife* (PE) ano 1895\Edição 00162 (1) traz entre os pesos dos cérebros o de Schiller, Kant 1630 gramas, Dante 1520 gramas, Napoleão 1500 gramas, Lord Byron 1807 gramas e Cavier 1830 gramas.

trecho que cita o autor alemão: “[...] como o personagem de Schiller, que se dizia cidadão do mundo nós somos pela liberdade onde quer que ella combata [...]” a ocorrência não está com título e não menciona o seu autor. Todavia, ilustra como a temática da liberdade era mencionada no referido jornal.

3.3.3 *Publicador Maranhense*

Os periódicos são um produto cultural riquíssimo da sua época: imbuídos de histórias, revelam práticas sociais e os agentes sociais do seu tempo. Através dos seus registros históricos, podemos analisar uma sociedade e seus contextos, sejam eles sociais, econômicos, culturais e políticos. A exemplo disso, estão as narrativas publicadas na imprensa periódica oitocentista do Maranhão. A inauguração da imprensa maranhense ocorreu através do jornal *O Conciliador do Maranhão* em abril de 1821 (Cf. Jorge, 2008). De acordo com Serra (2001), nesse mesmo ano de 1821, amparada por uma economia favorável e em crescimento, surgiram novas tipografias. Com o desenvolvimento da imprensa, novos jornais foram inaugurados e alguns deles, como o *Publicador Official* e o *Publicador Maranhense*, foram pautados pela relação com o governo provinciano, tornando-se propagadores das ações governamentais. *O Publicador Maranhense: Jornal do Commercio* surgiu em 9 de julho de 1842 e substituiu o *Jornal Maranhense*, conhecido pelo seu ineditismo ao encetar as publicações de folhetins na província (Figura 9).

Figura 9 - Capa de uma edição do *Publicador Maranhense*



De acordo com Souza (2018), o *Publicador* era um órgão oficial do governo, transformando-se no seu principal divulgador. Até 1862, sua periodicidade era de três vezes por semana, posteriormente tornando-se diário.

O periódico possuía uma tipografia própria, comandada por Ignácio José Ferreira, dono do jornal. Entre os seus redatores, estão personalidades intelectuais maranhenses como: João Francisco Lisboa (até 1855), Sotero dos Reis (1856 a 1861), Temístocles Aranha (1862 e 1863), Antônio Henriques Leal (1864), Felipe Franco de Sá (1865) e Francisco José Viveiros de Castro (1885). Destacamos também a colaboração de Antônio Gonçalves Dias.

Desde a sua primeira edição, o *Publicador Maranhense* apresenta uma estrutura editorial e um design definidos. De acordo com Jorge (2008), a inspiração veio dos periódicos das grandes províncias e da Corte real. Como explica Souza (2018):

O *Publicador Maranhense*, desde a primeira edição, respeitava o mesmo projeto gráfico e editorial, possuindo quatro colunas e quatro páginas. Em seu cabeçalho trazia informações de utilidade pública, como partida dos correios, as fases da lua e os câmbios do Ouro e prata, assim como o itinerário do próprio jornal e o preço de sua assinatura e dos anúncios. Este layout do jornal vai se modificando ao longo de seu percurso em decorrência das inovações tipográficas pela qual, constantemente passava a província do Maranhão. (Souza, 2018, p. 40)

Diferindo-se dos dois jornais anteriormente apresentados, o *Publicador Maranhense* era um órgão relacionado ao governo da província. Neste sentido, o forte teor político direcionava os discursos presentes em suas páginas a fim de favorecê-los. Isso ocorria através da divulgação de suas atividades e informando notícias de interesse do governo. A própria estrutura do jornal era orientada pelas normas destinadas à escrita de documentos oficiais. Havia certa intencionalidade de instrução e, por isso, em suas páginas, também eram comuns textos de autores e citações de obras servindo para esse objetivo educativo.

Entre o período de 1822 a 1890, foram encontradas 7 ocorrências mencionando Schiller e suas obras. Elas se iniciaram em 1845 com a citação de Schiller na sessão “Exterior”. Essa ocorrência é, provavelmente, de uma republicação extraída de um jornal português. Tratava-se de uma carta assinada por “Braz Tizana¹⁶”, cuja alcunha seria “O boticário de Lisboa” para o *Barbeiro*. Na referida carta, Schiller é citado para ilustrar como foi movimentada a noite da protagonista desse romance-folhetim. Posteriormente, em 1863, Schiller é citado novamente a partir de uma fonte portuguesa, através de sua obra *Os Bandoleiros*, na época traduzido naquela fonte portuguesa como *Os Salteadores*, por João Baptista Arismendi, na cidade do Porto, para relacionar analogicamente a descrição da famosa “Hospedaria Francesa”. O *Publicador Maranhense* cita o trecho do artigo português em que o

¹⁶ Pseudônimo utilizado pelo jornalista e escritor português José de Sousa Bandeira (1789-1861).

jornalista lusitano se aproveita da obra de Schiller para apontar preconceitos de pais de família brasileiros em relação a esse estabelecimento na cidade de Porto.

Quem ouvir dizer hoje que muitos pais de família recommendavão às filhas que não dançassem com os rapazes da hospedaria franceza e aos filhos que não pusessem os pés em semelhante casa há de imaginar que o bem servido estabelecimento de Arismendi encobria mysterios mais tenebrosos do que os das lojas maçônicas, e abrigava gente mais perdida e desalmada do que “Os Salteadores” de Schiller (Publicador Maranhense, 1845).

As ocorrências dividem-se entre citação de obras schillerianas, relação com Gonçalves Dias e a referência a Schiller como autor de um cânone universal de literatura. O *Publicador Maranhense* encerrou suas atividades em meados de 1886, depois de mais de quarenta anos de funcionamento, o que, segundo Jorge (2008), era considerado um período longo para a época. Ele funde-se ao jornal *O Paiz*, que circulava na mesma época, para instaurar um novo jornal.

Esse panorama de circunstâncias e características dos três periódicos escolhidos é a base para poder entender como cada jornal constrói uma memória cultural estrangeira diferente com referência a Schiller, com objetivos bem variados em relação aos seus leitores.

3.4 Categorização sistemática das ocorrências de Schiller nos três periódicos brasileiros selecionados

Para um melhor entendimento e apresentação do total das ocorrências encontradas nos três jornais apresentados, utilizamos o método de categorização sistemática. Define-se o processo de categorizar como a aglutinação de elementos, sejam eles: objetos, teorias, procedimentos, entre outros, por meio da similaridade entre os envolvidos. Piedade (1983) explica no seu livro *Introdução à teoria da classificação*, que a categorização é um processo natural do homem para melhor conhecer e compreender o mundo à sua volta.

Em sua época, o filósofo grego Aristóteles já abordava a temática, destacando o interesse em categorizar, nomear e definir. É dele a teoria que atualmente conhecemos como modelo clássico, e que foi utilizada neste trabalho. Considerada por alguns como modelo hierárquico perfeito do universo, a teoria defende que os conceitos são determinados pelas suas essências e nenhum elemento se sobressai diante do outro, como explica a pesquisadora da área de Ciência da Informação, Gercina Ângela de Lima (2010):

Nela, as categorias são definidas apenas pelas propriedades comuns a todos os seus membros. Desta forma nenhum membro pode ser considerado melhor exemplo da

categoria que os demais. As categorias são definidas apenas pelas propriedades inerentes dos seus membros (Lima, 2010, pp. 112-113).

Abastecidos do conceito apresentado pelo modelo clássico, optamos por realizar uma categorização de descrição quali-quantitativa a partir dos assuntos encontrados nos periódicos com menções a Schiller. A classificação ocorreu mediante os seguintes eixos: Obras (traduções), Obras e Críticas (Menções), Informações biográficas, Autor (Menções), Vendas e aquisições, Schiller e outros autores, e Teatro.

Objetivando apresentar o panorama mais plural possível acerca da presença de Schiller na imprensa oitocentista brasileira, buscamos por esses três impressos de estados, tempo de funcionamento e perfis diferentes. Ao contrário do que se estimava pelo fato de o *Publicador Maranhense* e o *Diário do Rio de Janeiro* possuírem um viés conservador, enquanto o *Jornal do Recife* era voltado para o liberal, as escolhas lexicais e temáticas sobre Schiller foram bastante semelhantes entre eles.

Quantitativamente, foram encontradas 94 menções a Schiller, distribuídas nas categorias mencionadas entre os três jornais brasileiros do *corpus*, como mostra a Tabela 2. Explicando como cada categoria foi pensada, vamos ter em “Obras (Traduções)” o agrupamento de publicações que continham obras inteiras ou fragmentos. Nas “Obras e Críticas (Menções)”, como o nome dá a entender, trata-se de uma alusão a algumas das obras de Schiller que majoritariamente são utilizadas para criticar o referencial ou para reiterar o argumento do autor.

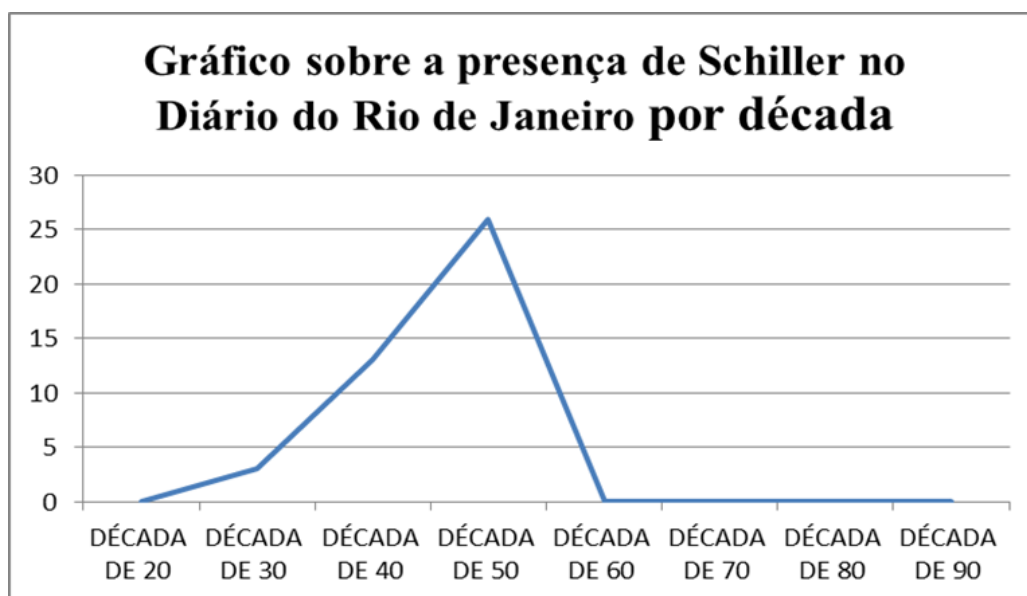
Tabela 2 - Análise quantitativa das ocorrências de Schiller por assunto e periódico

Categoria	Obras (traduções)	Obras e Críticas	Informações biográficas	Autor	Vendas e Aquisições	Schiller e outros autores	Teatro
<i>Diário do Rio de Janeiro</i>	Não houve	8	2	22	12	1	1
<i>Jornal do Recife</i>	1	4	1	27	Não houve	11	1
<i>O Publicador Maranhense</i>	Não houve	5	1	3	Não houve	3	Não houve

Fonte: Pesquisa direta, 2022, na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Adiante, na categoria “Autor (Menções)” compilamos apenas matérias com citações ao autor. Enquanto teórico, Schiller atuou em diversas áreas, destacando-se na maioria delas, portanto, ele acaba sendo referência para assuntos variados como literatura, filosofia, estética e história. Nas “Informações biográficas”, restringimos as menções de caráter pessoal; em “Vendas e Aquisições” constam notas de leilão e interesses na aquisição de alguma obra schilleriana; no “Teatro”, há conteúdo sobre as encenações teatrais ou notícias relacionadas ao teatro; e na última, aborda-se “Schiller com outros autores”, como Madame de Staël, Goethe e Byron. O Gráfico 2 nos dá uma visualização da proporção dessas ocorrências ao longo do tempo.

Gráfico 2 - Presença de Schiller no *Diário do Rio de Janeiro* apresentado por década



Fonte: Pesquisa direta, 2022, na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

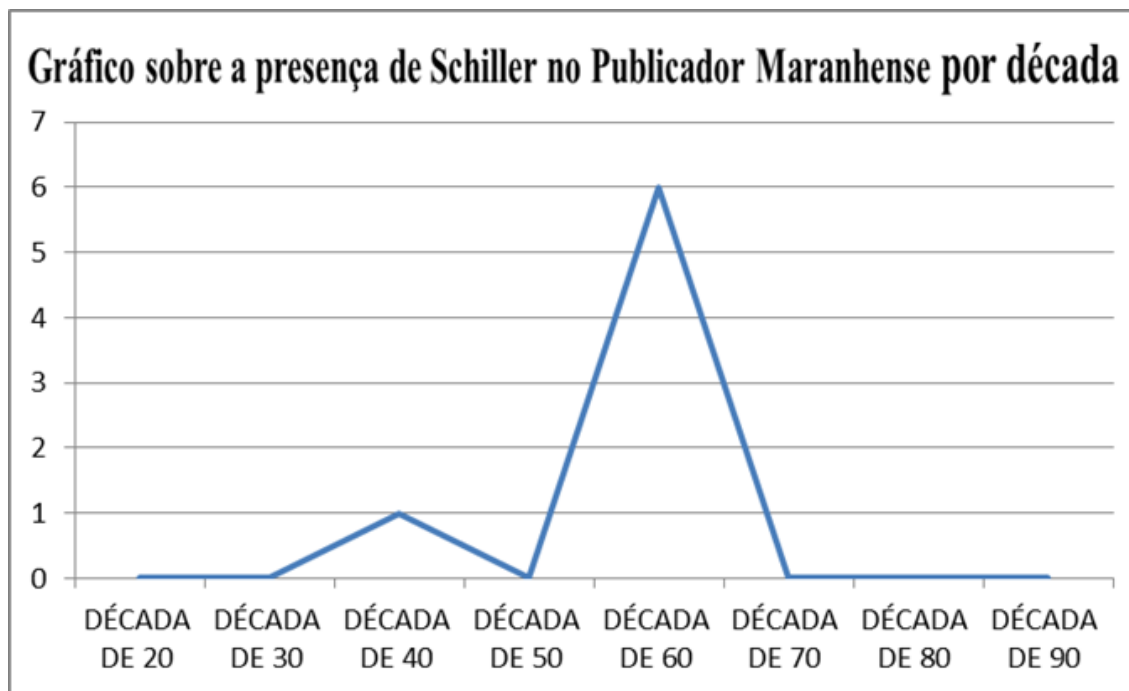
Dentro dos respectivos períodos de funcionamento do *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1859), do *Jornal do Recife* (1859-1938) e do *Publicador Maranhense* (1842-1885), percebemos um crescimento progressivo da inserção de Schiller nesses jornais, exceto no *Publicador Maranhense*, como podemos visualizar no Gráfico 4. O que se demonstra justificado, pelo número pouco expressivo do *Publicador* em relação aos demais periódicos, não fornecendo-nos condições para uma análise mais aprofundada.

Gráfico 3 - Presença de Schiller no *Jornal do Recife* apresentados por década



Fonte: Pesquisa direta, 2022, na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Gráfico 4 - Presença de Schiller no *Publicador Maranhense* apresentados por década



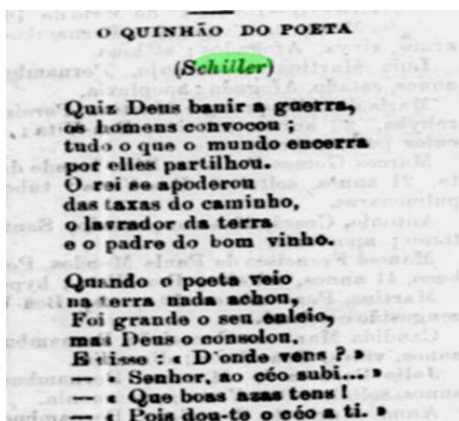
Fonte: Pesquisa direta, 2022, na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A partir desse panorama quantitativo de ocorrências sobre Schiller e suas obras nos três jornais, percebe-se a presença crescente no *Diário do Rio de Janeiro* a partir dos anos 1830 com ápice (quantitativo de publicações) no início dos anos 1850, decrescendo até o final do *Diário*, em 1859. No *Jornal do Recife*, as ocorrências iniciam com a fundação do jornal na década de 1850 e com o consecutivo aumento da presença de Schiller até o início dos anos 1880. O *Publicador Maranhense* mostra um panorama parecido com o do *Diário do Rio de Janeiro*, iniciando com ocorrências desde o início dos anos 1830, mas com pico quantitativo no final dos anos 1850.

Esse panorama quantitativo, juntamente com os exemplos das ocorrências qualitativas que veremos adiante, nos alude como as próprias notícias circulavam entre os periódicos da época de forma assimétrica, porém, já apontando uma rede de comunicação entre eles, o que objetivava uma troca mais eficiente de informações, fazendo com que elas atingissem um maior número de pessoas em um menor espaço de tempo. Essa era uma importante estratégia, se pensarmos, por exemplo, na divulgação de um autor ou produto cultural, em paralelo ao destaque da atividade de mediação desenvolvida pelos agentes culturais, como os tradutores, desempenhando-se um determinante papel em relação às barreiras linguísticas para a proliferação schilleriana no Brasil.

Dos periódicos estudados, apenas o *Jornal do Recife* traz uma tradução do autor alemão. A tradução (Figura 10) aparece na edição 00111 (1) do ano 1886, na seção “Litteratura”, com o título “O Quinhão do poeta”. A autoria é dada a Schiller e o tradutor não é mencionado. Através das nossas pesquisas, sabemos que o *Jornal do Recife* mantinha entre os seus colaboradores, tradutores e entre eles, a já citada Maria Lacerda.

Figura 10 - Poema¹⁷ de Schiller publicado na edição 00111 do *Jornal do Recife*



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Na categoria “Obras e Críticas (Menções)” há no *Diário do Rio de Janeiro* uma ocorrência interessante que fora escrita por José de Alencar, na seção “Crítica Literária”, em 1858 (Figura 11). Ela refere-se à adaptação francesa do drama schilleriana *Intriga e Amor* [*Kabale und Liebe*] (1884), para o teatro francês, do dramaturgo francês Raoul Bravard, que fora apresentada e impressa em 1857. Alencar critica não somente o tradutor francês dessa tradução, intitulada “Louise Miller”, como a considera “imoral”. Ele aconselha, em geral, um modelo mais “purista” e “severo” em relação à moralidade, do que o do autor alemão. O próprio Schiller chamava a peça inicialmente de “Luise Millerin”, em 1784, quando foi apresentada pela primeira vez no teatro de Frankfurt, na Alemanha. Posteriormente o título foi modificado para *Kabale und Liebe*. A primeira tradução francesa da peça saiu em 1799, porém a adaptação francesa de Bravard, em versos, saiu no ano anterior à publicação dessa crítica alencariana. Isso mostra também que o fluxo de informações sobre livros novos entre Paris e Rio de Janeiro era muito rápido, devido à presença de livrarias como a dos irmãos Garnier oferecendo sempre as novidades do mercado francês para o público brasileiro.

¹⁷ Transcrição: O Quinhão do Poeta (Schiller) Quiz Deus banir a guerra,/ os homens convocou;/ tudo o que o mundo encerra/ por elles partilhou./ O rei se apoderou/ das taxas do caminho,/ o lavrador da terra/ e o padre do bom vinho./ Quando o poeta veio/ na terra nada achou./ Foi grande o seu euleio,/ mas Deus o consolou,/ E disse: - D'onde vens? /- Senhor, ao céu subi.../- Que boas azas tens! / - Pois dou-te o céu a ti.

Alencar provavelmente, na sua menção crítica sobre esse terceiro drama de Schiller, fazia uma ligação direta entre a imoralidade dessa peça e a do seu primeiro drama *Os Bandoleiros*.

Figura 11 - Trecho da “Crítica literária”¹⁸ de José de Alencar presente no *Diário do Rio de Janeiro* ano 1858\Edição 00173 (1)

Foi Schiller quem primeiro me cahiu sob a mão ;
Luiza Miller, traducção de R. Bravard, representada
em Paris no Odeon, segundo theatro francez, á 11 de
setembro de 1857.
Acto 1.º—Quadro 2.º—Scena 3.ª— Fernando :
*Une prostituée être ma femme!... non !
J'ai pris au serieux une plaisanterie!*
Acto 2.º Quadro 1.º Scena 1.ª Milady :—
*J'ai vendu mon honneur. je l'avoue à ma honte
Mais mon cœur, Dieu merci, n'était pas au marché!*
Mas agora me lembro que Schiller é um allemão,
e o seu traductor um immoral; fóra Schiller! Ve-
jamos algum auctor mais purista, mais severo no
ponto da moralidade.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Nesse caso podemos observar, como a ressemantização desse drama schilleriano, da fase de Tempestade e Ímpeto do autor alemão, realizada por Bravard, em 1857, no contexto romântico francês, refletia-se no jornal brasileiro sendo acompanhado por comentários críticos do jornalista-escritor José de Alencar, tendo em vista a formação moral do público leitor. O exemplo dessa ocorrência mostra também um possível caminho através do qual Schiller é retratado como um escritor romântico no contexto francês, diferindo da Alemanha, onde as suas obras dramáticas são ligadas ao movimento de Tempestade e Ímpeto e depois ao Classicismo de Weimar, como explica Volobuef (2005, p.78): “Para os alemães, foi um clássico; para o resto da Europa, um romântico”.

Na categoria “Teatro”, encaixam-se duas ocorrências: o aviso com a breve resenha já mencionada sobre a representação da tragédia de Schiller por Adelaide Amaral no *Jornal do Recife*, do ano 1865\Edição 00286 (1) (Figura 8) e a menção crítica alencariana do *Diário do Rio de Janeiro*. Essa última encaixa-se também na seção jornalística de “Notícias do Exterior”, e/ou replicações de notícias publicadas em jornais estrangeiros, alguns, inclusive, com seção fixa sobre o assunto. No jornalismo, em geral, um dos critérios para seleção de notícias é a proximidade. Entender o que geraria um maior interesse para o seu público leitor

¹⁸ Transcrição: Foi Schiller quem primeiro me cahiu sob a mão; Luiza Miller, traducção de R. Bravard, representada em Paris no Odeon, segundo theatro francez, á 11 de setembro de 1857. Acto 1.-Quadro 2.-Scena 3.- Fernando:/ *Une prostituée être ma femme!... non !/ J'ai pris au serieux une plaisanterie! /* Acto 2.º Quadro 1. Scena 1.a Milady :- / *J'ai vendu mon honneur. je l'avoue à ma honte/ Mais mon cœur, Dieu merci, n'était pas du marché! /* Mas agora me lembro que Schiller é um allemão, e o seu traductor um immoral; fóra Schiller! Vejamos algum auctor mais purista, mais severo no ponto da moralidade.

e o que impactaria o seu cotidiano. Nesse sentido, notícias assim são coerentes pela tentativa de articulação com o exterior, visando também os viajantes que se dividiam entre os dois continentes.

Conforme podemos ver nessa matéria (Figura 12), na ocasião da inauguração de um teatro em Lisboa, Portugal, em 1853, foi encenado o drama classicista *Maria Stuart* (1800), de Schiller, evento aqui relatado no jornal fluminense. Nessa correspondência do *Diário*, o jornalista logo inclui uma crítica em relação à escolha portuguesa dessa peça de Schiller que retrata os últimos dias de Maria, Rainha dos Escoceses. Na opinião dele, e tendo em vista provavelmente o público brasileiro, era “[...] o gênero menos do gosto do nosso público”:

Figura 12 - Trecho da Nota na seção “Exterior”, publicada em 1853\Edição 00320 (1) no *Diário do Rio de Janeiro*

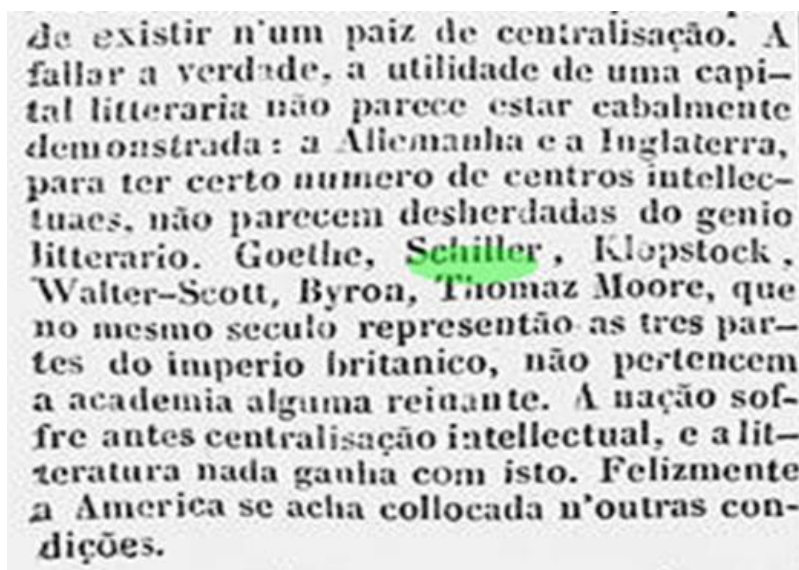


Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A categoria com mais inserção de publicações é a “Autor – Menções”. Ao todo, foram mais de 52 ocorrências que citavam o poeta alemão sob as mais diversas conjunturas. Elas referem-se a sua genialidade e as suas contribuições para a literatura mundial, abordando temáticas como a liberdade e a moral. Majoritariamente, as publicações trazem um tom respeitoso, no qual enxergavam Schiller como uma referência para o cânone de modo a influenciar direta ou indiretamente vários escritores brasileiros em suas obras. Nesse trecho

(Figura 13), de um artigo chamado “Estados-Unidos” presente na coluna “Litteratura” do *Diário do Rio de Janeiro*, de 1855, o autor analisa o país estadunidense realizando um paralelo com outros países como Inglaterra e Alemanha. Ele cita a utilidade de um capital literário nacional, colocando esses dois países como exemplos positivos de uma nação com vários centros intelectuais capazes de formar o gênio literário, citando, no caso da Alemanha, os exemplos de Schiller ao lado de Goethe e Klopstock.

Figura 13 – Trecho do *Diário do Rio de Janeiro*, Ano 1855\Edição A00079 (1) citando o gênio literário de Schiller e outros



de existir n'um paiz de centralisação. A fallar a verdade, a utilidade de uma capital litteraria não parece estar cabalmente demonstrada: a Allemanha e a Inglaterra, para ter certo numero de centros intellectuaes, não parecem desherdadas do genio litterario. Goethe, Schiller, Klopstock, Walter-Scott, Byron, Thomaz Moore, que no mesmo seculo representão as tres partes do imperio britanico, não pertencem a academia alguma reinante. A nação sofre antes centralisação intellectual, e a litteratura nada ganha com isto. Felizmente a America se acha collocada n'outras condições.

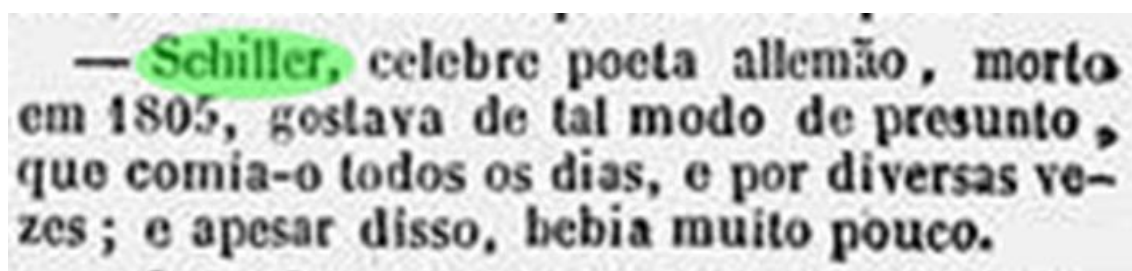
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A partir da análise do material encontrado na Fundação Biblioteca Nacional, inferimos sobre uma estratégia editorial utilizada pelos periódicos: a utilização de informações biográficas de personalidades famosas, conduta que encontramos até hoje, a exemplo de revistas de fofocas buscando aproximar, autores do seu público-leitor/consumidor. Trata-se, essencialmente, de curiosidades sobre a sua vida, hábitos ou características físicas (como, por exemplo, quanto pesava o seu cérebro, 1330 gramas, conforme a nota publicada pelo *Jornal do Recife* de ano 1895\Edição 00162). São notícias com conteúdo frívolo, mas que estimavam aguçar o interesse do público brasileiro e consequentemente gerar o consumo. Como ponderam Goulart e Trindade (2013), havia alguns aspectos que sobressaíam.

Nos espaços de formação de leitor, ao se explorar os textos literários dá-se enfoque quase sempre às questões psicológicas, opiniões subjetivistas e expressões individuais sem que a estrutura linguística seja ressaltada como o elemento propulsor das elucubrações do/no leitor. (Goulart; Trindade, 2013, p. 112). Nesse sentido, apresentamos como exemplo uma

notícia do *Diário do Rio de Janeiro* sob o título "Gostos gastronômicos de algumas pessoas célebres" que descreve as preferências alimentares de personalidades como Schiller. Ele é descrito nessa publicação (Figura 14) como uma pessoa que não consumia muita bebida alcoólica, entretanto de acordo com Xavier (2021b), isso é o oposto dos costumes que, por exemplo, a revista baiana *O Arquivo* apresentava sobre Schiller. O periódico de 1847 traz a tradução e comentários de uma parte das abordagens de Johann Peter Eckermann sobre "O conselheiro Goethe". Havia uma avaliação muito crítica desse costume schilleriano de beber expressada por Goethe. Schiller é apresentado nesse artigo enquanto autor jovem do drama *Os Bandoleiros*, autor irresponsável e frequentemente visto bêbado nas fases da sua produção literária.

Figura 14 - Parte da publicação do *Diário do Rio de Janeiro*, Ano 1853\Edição 00200 (1) citando os gostos alimentares do poeta



— Schiller, celebre poeta allemão, morto em 1805, gostava de tal modo de presunto, que comia-o todos os dias, e por diversas vezes; e apesar disso, bebia muito pouco.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Outra categoria abordada é a das "Vendas e Aquisições". Foi por meio delas que encontramos as primeiras citações do escritor alemão nos periódicos brasileiros. A primeira do *Diário do Rio de Janeiro* foi encontrada em 1838\Edição 00066 (1) e tratava de uma "Nota de leilão", que ocorreria na rua da Alfândega n. 24 e, entre os pertences do negociante, estavam obras de Schiller. As publicações dessa categoria foram todas encontradas no *Diário do Rio de Janeiro* e demonstravam que em meados de 1838-1846 permanecia o interesse em Schiller e em suas obras, como podemos observar na Figura 15, ou seja: mais de 30 anos após a chegada da Corte Real Portuguesa, com a qual embarcaram alguns exemplares do autor alemão para a composição da Biblioteca Nacional.

Figura 15 - Nota¹⁹ do *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) - Ano 1840\Edição 00116 (1) - Sessão Leilões

Leilão por conta do Illm.º Sr. José Wamosy, que se retirou, no Domingo 24 de maio, na rua de Matta Porcos n. 18, primeira casa nobre com grades de ferro, passando a casa de correção, de moveis, prata, porcelana, cristaes, louça, traquitana, escravos e escravas etc.

A. LAWRIE e comp., participão que o dia acima é o indicado para o leilão de toda e bem conhecida mobilia do Illm.º Sr. José Wamosy, que já se retirou para a Europa, incluindo os superiores trastes que são numerosos e variados, 1 rico piano forte inglez de John Broadwood e Sons, prata, obras de luxo, e da India, incluindo 1 rico biombo de 8 folhas, globo terrestre do vento, cristaes, porcelana, louça, trem de cozinha etc., uma livraria contendo as obras de Schiller Scott, dictionario de Fonseca, dito de Gattel, Museu religioso, e diversas obras em francez, uma traquitana com uma parrelha de bestas, 1 escravo cozinheiro de nome Adão, uma preta de todo o serviço de uma casa de nome Roza, uma outra de nome Flores Bella, perfeita cozinheira etc. A's 10 horas e meia.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

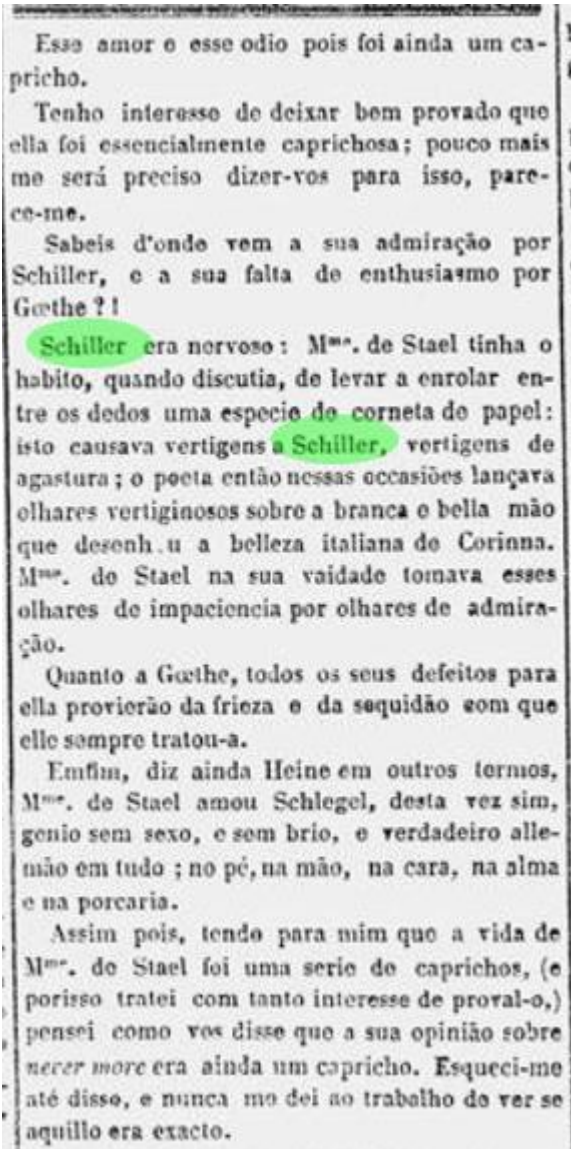
O texto desse anúncio de bens à venda oferece, novamente, um retrato muito interessante da vida doméstica nos meados do século XIX no Brasil, onde haviam obras schillerianas nas prateleiras e escravos na cozinha.

Por fim, temos a categoria “Schiller e outros autores”. Compreendendo Schiller como baluarte da literatura universal, alguns jornalistas e intelectuais que escreviam para os periódicos traziam o seu nome entre outros grandes da literatura mundial. Entre os mais frequentes, está o nome do seu contemporâneo Goethe. Na companhia de Goethe, Schiller estampa várias notícias como, por exemplo, no *Diário do Rio de Janeiro* de 1855\Edição 00160 (1) sobre a falsificação dos autógrafos dos autores e outra notícia no *Jornal do Recife*

¹⁹ Transcrição: Leilão por conta do Illm. Sr. José Wamosy, que se retirou, no Domingo 24 de maio, na rua de Matta Porcos n. 18, primeira casa nobre com grades de ferro passando a casa de correção, de moveis, prata, porcelana, cristaes, louça, traquitana, escravos e escravas etc. A. LAWRIE e comp., participão que o dia acima é o indicado para o leilão de toda e bem conhecida mobilia do Illm. Sr. José Wamosy, que já se retirou para a Europa, incluindo os superiores trastes que são numerosos e variados, rico piano forte inglez de John Broadwood e Sons, prata, obras de luxo, e da India, incluindo 1 rico biombo de 8 folhas, globo terrestre do vento, cristaes, porcelana, louça, trem de cozinha etc., uma livraria contendo as obras de Schiller Scott, dictionario de Fonseca, dito de Gattel, Museu religioso, e diversas obras em francez, uma traquitana com uma parrelha de bestas, 1 escravo cozinheiro de nome Adão uma preta de todo e serviço de uma casa de nome Roza, uma outra de nome Flores Bella, perfeita cozinheira etc. A's 10 horas e meia.

(Ano 1890\Edição 00244 (1)), escrita por Maria Amélia Vaz de Carvalho, sobre a amizade de Madame de Staël com Schiller, Goethe e outros autores. Na Figura 16 a seguir, apresentamos um folhetim que relata características pessoais de Schiller e Goethe a partir do olhar de Madame de Staël.

Figura 16 - Folhetim “O Rio de Janeiro”, do *Diário do Rio de Janeiro* Ano 1857\Edição 00281 (1)



Esse amor e esse odio pois foi ainda um capricho.

Tenho interesse de deixar bem provado que ella foi essencialmente caprichosa; pouco mais me será preciso dizer-vos para isso, parece-me.

Sabeis d'onde vem a sua admiração por Schiller, e a sua falta de enthusiasmo por Goethe ?!

Schiller era nervoso: M^{me}. de Stael tinha o habito, quando discutia, de levar a enrolar entre os dedos uma especie de corneta do papel: isto causava vertigens a Schiller, vertigens de agastura; o poeta então nessas occasiões lançava olhares vertiginosos sobre a branca e bella mão que desenhava a belleza italiana de Corinna. M^{me}. de Stael na sua vaidade tomava esses olhares de impaciencia por olhares de admiração.

Quanto a Goethe, todos os seus defeitos para ella provierão da frieza e da sequeidão com que elle sempre tratou-a.

Emfim, diz ainda Heine em outros termos, M^{me}. de Stael amou Schlegel, desta vez sim, genio sem sexo, e sem brio, e verdadeiro allemão em tudo; no pé, na mão, na cara, na alma e na porcaria.

Assim pois, tendo para mim que a vida de M^{me}. de Stael foi uma serie de caprichos, (e porisso tratei com tanto interesse de provar-o,) pensei como vos disse que a sua opinião sobre *necesse* more era ainda um capricho. Esqueci-me até disso, e nunca me dei ao trabalho de ver se aquillo era exacto.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

O autor desse artigo “O Rio de Janeiro”, de 1857, apresenta nessa seção “Folhetim”, nesse número do jornal, percepções diferentes que Madame de Staël descreveu a respeito de Schiller e Goethe. O jornalista comenta que ela idealizava Schiller enquanto ela achava Goethe “frio” e “seco” quando lhe encontrava pessoalmente.

O gênero folhetim tem a sua origem na França e tinha seu sentido atrelado à palavra rodapé, que designava o local oferecido pelos jornais para produções voltadas ao entretenimento dos leitores. Eram elas: críticas literárias, textos de ficção, receitas culinárias e outras produções que eram publicadas em capítulos.

Além de romances em folhetim traduzidos, os jornais brasileiros aproveitaram daquele espaço, para publicar histórias próprias já no formato de folhetins, que capturassem a atenção do público leitor e nas quais foram integradas situações onde os protagonistas faziam experiências de leitura da literatura considerada universal. No levantamento das ocorrências de Schiller, na imprensa periódica do século XIX foram identificadas 26 menções a Schiller e suas obras em folhetins.

4 AS MULTIFACETAS DE SCHILLER TRADUZIDAS VIA IMPRENSA E O PAPEL DOS TRADUTORES

4.1 O papel das traduções nos jornais

Entendendo que o fluxo das circulações de ideias e bens culturais entre o Brasil e o exterior era mediado através de outros países, como a França e Portugal, as ressemantizações de obras estrangeiras eram comumente encontradas. O deslocamento de um produto cultural para fora do seu contexto de origem acaba por modificá-lo. Espagne (2018, p. 7) diz “[...] que essa passagem e essa reinterpretação revelam potencialidades que não estavam presentes no contexto de origem, mas isso nada muda no fato de que se trata precisamente de uma ressemantização”. Na esteira de Espagne, e com foco na história intelectual, Helenice Rodrigues destaca, especificamente, a relevância da intermediação dos “atores” para a inserção de um autor ou uma obra estrangeira em outro espaço cultural.

Assim, a introdução de um autor, de uma obra ou de uma corrente intelectual e/ou estética estrangeira, dentro de um espaço cultural nacional, se processa por meio da mediação de “atores”, individuais e/ou coletivos. Edições, missões, instituições universitárias desempenham, igualmente, a função de intermediários nesse processo de deslocamento semântico e de reelaboração de sentido. Investigar os mecanismos de produção, de difusão (transmissão) e de recepção significa fazer uso, igualmente, da história intelectual que se ocupa desses mesmos objetos (Rodrigues, 2010, p. 217).

A partir dessa perspectiva, podemos inferir também sobre a importância dos tradutores como mediadores culturais para o Brasil oitocentista, visto que traduziram obras estrangeiras para o português adaptando-as no e para o contexto brasileiro. Em meados do século XX, pesquisando o contexto de Schiller no Brasil, Bossmann (1955, p. 62) destaca que foram especificamente dois tradutores os responsáveis por sua introdução, como explica no trecho: “Partes da obra de Schiller foram introduzidas no Brasil, através de traduções, na segunda metade do século passado. Como excelentes tradutores e conhecedores de Schiller, destacam-se Tobias Barreto e o grande poeta Antônio Gonçalves Dias”.

A primeira ocorrência encontrada na Hemeroteca digital, aquela do jornal fluminense *O Sete d’Abril*, do ano 1838, extraída da *Revista Litteraria* (Porto-Portugal), também tratava da recepção das obras alemãs no Brasil.

Tendo em vista a circulação de textos traduzidos de Schiller nos periódicos pesquisados, destacamos aqui, além de Gonçalves Dias e Tobias Barreto, os trabalhos de Bernardo Taveira Júnior e João Carlos de Souza Machado, tradutor de *Cabala e Amor*.

Imbuídos de reconhecimento por atuarem como agentes culturais (tradutores), eles também aproveitaram do suporte para a divulgação de textos literários e críticos de autoria própria. A consolidação da imprensa brasileira e o contexto histórico vivenciado a partir de 1822 com a Independência do Brasil convergiram para essa inserção de Schiller nos periódicos. O panorama da sua presença apresenta um gradativo aumento ao longo dos anos, inclusive, expondo números inesperadamente significativos, se pensarmos em toda a distância transatlântica envolvendo Schiller e os brasileiros.

Theobald (2008) igualmente destaca que a tradução é uma ferramenta comumente utilizada nos intercâmbios literários; todavia, no início do século XIX, as traduções entre Brasil e Alemanha ainda eram tímidas. Credita-se, então, a escassa atividade tradutória entre os dois países às barreiras linguísticas que os separavam. O autor também fala de duas exceções: “É o caso de citarem-se Tobias Barreto, no interior de Pernambuco, e Bernardo Taveira Júnior, no interior do Rio Grande do Sul” (Theobald, 2008 p. 14). E, no caso de Barreto, no contexto da sua atuação como tradutor, há o fato que ele era reconhecido pela promoção mais ampla de um Germanismo. Devido à essas atividades múltiplas de mediador, Duval (2017, p. 235) atribui especificamente a Barreto uma função de destaque na história da tradução no Brasil: “Tobias Barreto ganha plenamente o direito de ser mencionado na historiografia da tradução no Brasil não só como tradutor *hors pair* ou inigualável, mas também como agente de tradução, isto é, como fabricante entusiasta do seu próprio sucesso”.

No Brasil oitocentista, os tradutores, além de exercer a atividade tradutória, majoritariamente, exerciam outras funções correlatas às letras que envolviam a literatura, o jornalismo ou o ato de lecionar, por exemplo. Muitos autores brasileiros, especificamente na juventude, atuavam como tradutores, e alguns deles como tradutores das obras de Schiller. Além dos já citados, incluímos aqui como exemplo o escritor Machado de Assis que traduziu entre outros o poema schilleriano *Os Deuses da Grécia* [Die Götter Griechenlands] em 1870. O texto está inserido na coletânea de poesias “Falenas”. A pesquisadora Eloá Heise destaca que nesse contexto o próprio Machado tinha admitido, em uma nota de rodapé sobre a sua tradução, que não sabia alemão e por isso traduziu do francês (Cf. Heise, 2012, p. 16).

Desde cedo, existia certa liberdade no ato de traduzir e, portanto, os autores-tradutores adaptaram o seu trabalho ao suporte ao qual seria veiculado, ao contexto de recepção (gosto do público) ou assimilaram trechos das obras para o desenvolvimento de um produto autoral. Como aponta Heidermann sobre o processo tradutório na sua resenha sobre *Intriga e Amor*, de

Schiller: “Algo branco do original pode se tornar em algo preto na tradução, um «sim» do autor pode ser «não» na tradução? Pode, sim.” (2005, p. 258).

Essas transformações também geraram discussões sobre juízo de valor entre uma obra original e uma traduzida nos jornais da época, refletindo-se de forma teórica sobre a melhor forma de traduzir. A respeito disso, o jornalista e poeta Joaquim Serra, vulgo Pietro Castellamare, opina: “Eu creio que uma boa tradução vale tanto ou mais do que uma excelente composição original [...]” (Castellamare, 1868, n. 20, p. 2). E o tradutor pernambucano Antônio Rangel de Torres Bandeira (1826-1872), em uma publicação n´*O Archivo* (MA), fala que “Esta tradução é concebida de um modo assáz livre, e por isto talvez merecesse com mais propriedade o nome de – Paraphrase.” (Bandeira, 1846, p. 80). Além de tradutor, Bandeira atuou como advogado, poeta, jornalista e teatrólogo, sendo membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Associação Literária do Maranhão. Colaborou para diversos periódicos, inclusive o maranhense *O Archivo* (1846). Ele se apresentava sob os pseudônimos: Archilocus, Harmodius e Paulo Emílio. Entre as suas obras estão crônicas, artigos, poemas e livros como *A Carteira*, *Aurora Pernambucana* e *Cântico à Nossa Senhora da Conceição*.

Independente da forma como ocorreram os desenvolvimentos das traduções, é inegável a contribuição delas para a literatura nacional. A partir dessas traduções, os leitores e leitoras brasileiros acessaram obras estrangeiras que muitas vezes eles não poderiam ler em seu idioma de origem. Pode-se dizer também que esse ato de traduzir e publicar em periódicos já gerava, entre os autores, o acúmulo de capital simbólico, principalmente quando se tratava de autores de caráter notoriamente reconhecidos. De acordo com Heilbron e Sapiró (2009), as traduções beneficiam todos os atores envolvidos no processo tradutório: o autor e o tradutor:

A tradução para as línguas centrais constitui uma consagração que modifica a posição de um autor em seu campo literário de origem. Inversamente, ela é um modo de acumulação de capital literário para grupos, como os românticos alemães e para as literaturas nacionais em vias de constituição [...] (Heilbron; Sapiró, 2009, p. 24).

Analisando a produção cultural no Brasil Imperial, Sodré (2000, p. 192) indica que “[...] era realmente a época dos homens de letras fazendo imprensa [...]”. Tendo em vista essa simbiose, encontramos também algumas traduções parciais de Schiller na imprensa. Majoritariamente, tratava-se de traduções de poemas, a exemplo de *O Mergulhador*, *Enigma* e *O quinhão do poeta*, publicados no *O Sete d' Abril* (RJ) - ano 1838; no *O Arrebol: Jornal Academico* (SP) - ano 1849, e no *Jornal do Recife* (PE) - ano 1886, respectivamente. Ainda

achamos notas informativas acerca de traduções finalizadas ou que estavam prestes a serem lançadas.

Um dos exemplos de autores-tradutores mais conhecidos de Schiller é Antônio Gonçalves Dias. Ele viveu entre o Brasil e a Europa, atuando como poeta, professor, dramaturgo, crítico de história e etnólogo. Dias nasceu em 10 de agosto de 1823 no município de Caxias (MA), sendo filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português e de Vicência Mendes Ferreira, descendente de indígenas e negros (cafuzo)²⁰. Filho ilegítimo, Dias recebeu o sobrenome do seu avô paterno, tornando-se homônimo dele (Cf. Moraes, 1998, p. 33). Aos dez anos, em 1833, inicia as atividades como caixeiro no comércio do seu pai. Nesse período, ele se dividia entre a atividade laboral e os estudos de línguas e filosofia. Carvalho (2021) discorre sobre a vida do autor:

João Manuel Gonçalves Dias abandonou a mãe do poeta para se casar com Adelaide Ramos de Almeida. Após a morte do pai, Adelaide, sua madrasta, encaminhou-o a Coimbra para cursar Direito. Não tendo mais condições de sustentá-lo, por causa da Balaia (revolta ocorrida em Caxias), Gonçalves Dias foi recebido na residência onde moravam João Duarte Lisboa Serra, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal e Joaquim Pereira Lapa (maranhenses), e Hermenegildo Xavier de Moraes (fluminense) (Carvalho, 2021, p. 121).

Durante a sua estadia na cidade portuguesa, tem contato com escritores românticos franceses, ingleses, espanhóis e alemães. Dedicou-se aos estudos da língua alemã, sendo o “[...] único romântico brasileiro a dominar esse idioma e a poder ler diretamente no original [...]” (Volobuef, 2005, p. 82). Também foi em Coimbra onde escreveu o seu poema mais famoso, “Canção do exílio”²¹, em 1843 (Cf. Cyntrão, 1988, p. 18). De cunho saudosista, o poema elevou Dias a um “[...] panteon nacional como representante do que era essencialmente ‘brasileiro’” (Faria, 2012, p. 158), e já Alexandre Herculano o citava na época como o “[...] iniciador da verdadeira literatura brasileira” (Fernandes, 2021, p. 56).

Nesse caso, sem que Gonçalves Dias planejasse, seu poema foi alçado ao posto de canção nacional e seu autor, por conseguinte, ao de cantor da pátria, de iniciador da literatura brasileira, numa construção de memória que merece, no mínimo, ser demarcada (Faria, 2012, p. 159).

²⁰ O termo frequente durante o Brasil oitocentista refere-se aos nascidos da relação entre negro e índio. Possivelmente vem do quimbundo, dialeto encontrado na Angola, que quer dizer “descolorir” (Cf. Bethencourt, 2018, p. 327).

²¹ Alguns versos do poema “Canção do Exílio” são utilizados de forma parafrazeada na letra do Hino Nacional do Brasil (Cf. Schmidt; Araújo; Finamore, 2019, p. 304).

Dias regressa ao Brasil apenas em 1845, após a conclusão do seu curso. Em maio do mesmo ano, a Associação Literária Maranhense aprova durante sessão ordinária a entrada de Gonçalves Dias, junto a outros membros como o seu amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, segundo Silva e Xavier (2014). As autoras argumentam que a Associação Literária Maranhense “[...] funcionou para Gonçalves Dias como uma espécie de observatório dos gostos e hábitos de leitura do público” (*Ibid.*, p. 390).

Posteriormente, ele é nomeado para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros, voltando para a Europa entre 1854 e 1858. Durante a sua estadia na Alemanha, ele não somente familiarizar-se-ia mais com a língua alemã, mas conseguiu publicar também os primeiros quatro cantos de *Os Timbiras* (1857), compostos dez anos antes, e o *Dicionário da língua Tupi* (1857), editados ambos em português pela editora Brockhaus, em Leipzig, para fins de venda no mercado europeu.

4.2 A Noiva de Messina, ou Os irmãos inimigos, as circunstâncias infelizes da tradução do drama schilleriano por Antônio Gonçalves Dias

Ao analisarmos o retrato da Imprensa periódica oitocentista, percebemos que havia um fluxo de comunicação entre os periódicos. Comumente eram encontradas publicações inteiras ou trechos extraídos de outros veículos, sejam eles nacionais ou estrangeiros, a exemplo do *Jornal do Recife*. Como citado anteriormente, ele mantinha entre os seus colaboradores correspondentes em alguns estados, informando os leitores sobre acontecimentos e curiosidades no Brasil e no estrangeiro, tornando-o mais interessante para o público leitor. Em uma dessas publicações, datada de 1865, nas páginas do *Jornal do Recife*, na seção “Maranhão”, há um trecho do *Publicador Maranhense* sobre a finalização da obra *Noiva de Messina* [*Die Braut von Messina*], de Schiller, traduzida em grande parte por Antônio Gonçalves Dias.

Lê-se no *Publicador Maranhense*: E’ com a maior satisfação que anunciamos aos amantes das boas letras que a *Noiva de Messina* de Schiller, traduzido por Gonçalves Dias está completa. Tinhamos uns três cadernos incompletos, que deixou em nosso poder, quando retirou-se. Agora entre cartas e papeis avulsos do espolio, que recebemos de Pernambuco, podemos com muita paciência e trabalho, e confrontando quasi que linha por linha por uma tradução francesa de Barant, que possuímos, tirar de entre os berrões escriptos a pressa a *Noiva de Messina*, que poderá daqui há pouco ser apreciada por quem conhece a nossa língua, e vela-ha vencendo as dificuldades da allemã. (*Jornal do Recife*, 1865, edição 00087).

Para entendermos as circunstâncias dessa publicação, devemos retornar aos acontecimentos desdobrados antes e depois do naufrágio que resultou na morte do poeta-tradutor Gonçalves Dias. Doravante as suas leituras no original, ele passava a desenvolver um trabalho de tradução dessa obra schilleriana sob o título *Noiva de Messina ou Os irmãos inimigos*, ainda durante a sua última estadia na Alemanha, no final da década de 1850 (Salgado, 2017, p.218).

No caminho de volta ao Brasil, o manuscrito da versão final desapareceu em conjunto com vários outros manuscritos após o naufrágio na costa maranhense do navio *Ville de Boulogne*, no qual o poeta-tradutor estava a bordo. Na ocasião, Dias já se encontrava muito doente e tragicamente foi esquecido em sua cabine, sendo a única vítima desse acidente (Cf. Fonseca, 2019, p. 25). Dias faleceu em 3 de novembro de 1864, aos 41 anos. O seu amigo e biógrafo Antônio Henriques Leal (Cf. Camilo, 1998-99, p. 107) escreveu vários apelos no *Publicador Maranhense*, nas edições de 26 de janeiro, 3, 6 e 11 de fevereiro, todas em 1865, solicitando a entrega dos manuscritos gonçalvianos, ainda na esperança de que alguém poderia tê-los encontrado após o naufrágio. As notícias tratam da perda dos textos de Dias após o seu acidente e da oferta de uma recompensa e de anonimato para quem os encontrasse. Leal também utiliza o jornal para avisar sobre uma possível apropriação indevida desses manuscritos, reforçando o estilo único de Dias e assim destacando a facilidade com a qual poderia ser identificada a autoria do célebre autor maranhense em caso de fraude. No apelo havia o seguinte texto:

Manuscriptos de A. Gonçalves Dias. O abaixo assignado roda ás authjoridades dos districtos onde foram parar os salvados da barca franceza – Ville de Boulogne que façam constar aos seus condistrictanos que ele gratificará os manuscriptos de Gonsalves (sic) Dias promettendo guardar o mais rigoroso sigilo acerca do nome do appresentante, se assim e exigir o debaixo da forma e com as garantias que o quizer. Se por ventura alguém os retem para no futuro fazer uso deles, como obras próprias, declara mais que tal fraude não lhe poderá aproveitar, já porque o estylo do poeta denuncia-o-hia, já por existirem de todos eles vestígios, como sejam dous actos incompletos da Noiva de Messina, os quatro primeiros cantos dos Tymbiras publicados, dez poesias soltas, a traducção alleman do Buabdil e uma copia drama do Beatriz de Cenci, de 1845. Quem, pois inculcar ou descubrir esses preciosos manuscriptos, além da recompensa prometida, fará relevante serviço ás letras pátrias, e poderá contar com a gratidão da mulher, parentes e amigos do infeliz poeta. Maranhão, 24 de dezembro de 1864. Dr. Antonio Henriques Leal (Publicador Maranhense, 1865, edições 00025, 00027, 00029 e 00037).

Apesar da procura e dos apelos, os manuscritos do naufrágio nunca foram encontrados, infligindo uma perda significativa para a literatura brasileira, visto que Gonçalves Dias estava trabalhando também na organização da obra intitulada *Ecos d'além-mar* (Silva; Xavier, 2014) antes de falecer. Além da tradução da *Noiva de Messina*, a coletânea iria reunir poesia

estrangeira traduzida por brasileiros como Odorico Mendes e Pinheiro Guimarães (Cf. Salgado, 2017, p. 218).

Portanto, a nota publicada no *Jornal do Recife*, de 1865 (Figura 7) sobre a conclusão da obra schilleriana traduzida por Dias, já tratava do compilado organizado pelos amigos do tradutor maranhense, visto que ele morre no ano anterior. Dias teria deixado diversos materiais com amigos como Leal, a partir dos quais foram publicados seis volumes, intitulados *Obras póstumas*²². Elas foram impressas na tipografia de Belarmino de Mattos, em São Luís (MA), em 1867 (Cf. Carvalho, 2021, p. 6). A publicação do volume II com partes da tradução da *Noiva de Messina* acompanha uma advertência, informando que o próprio Gonçalves Dias tinha avisado a finalização da tradução, mas que o manuscrito não reapareceu após o naufrágio e por isso será apresentada pelo autógrafo que Leal possui.

“Dou hoje á estampa e em um só volume todas quantas versões d'elle chegaram-me às mãos, restando-me o pezar de appresentar a da Noiva de Messina pelo autographo que possuo, e não com a última lima e polimento que já lhe havia elle dado, como se collige das cartas, que dirigiu-me e que para aqui transcrevo, porque essa cópia perdeu-se no infausto naufrágio de 3 de novembro de 1864, ou occulta-a quem apoderou-se até hoje de outros escritos do poeta salvos das águas do oceano. Conclui (escreveu-me de Vichy a 5 d'agosto de 1862) a traducção da Noiva de Messina em viagem, e posto que se resinta do estado em que me via quando a conclui, ainda assim pôde servir.” (Leal, 1867, p. 8).

Schleiermacher é autor de *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* [Sobre os diferentes métodos de tradução], que era originalmente uma palestra na Real Academia de Ciências em Berlim, em 1813. Publicado em artigo, tornou-se um dos textos históricos chaves até hoje para os estudos sobre métodos da tradução. Schleiermacher defendia que havia duas formas distintas de estabelecer conhecimento com as obras de línguas estrangeiras: a paráfrase e a imitação. No método que ele define como tradução parafrástica, o tradutor deve se aproximar ao máximo da língua original, ficando próximo à forma do texto e se empenhando a transmitir ao leitor as mesmas imagens e impressões, um novo universo cultural (Schleiermacher, 1813, in Heidermann, 2010, p. 53). Já o método que ele define como tradução imitativa, corresponde a traduzir de forma a fazer parecer que o texto fora escrito originalmente na mesma época e cultura do público leitor do texto de chegada, que se conforme às formas, figuras de linguagens e modos de expressar da língua e cultura do público leitor novo.

²² O volume 2, no qual está inserida a tradução da *Noiva de Messina*, está disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018359&bbm/4179#page/8/mode/2up>

Destacamos nesse contexto também a resenha bibliográfica do *Publicador Maranhense*, igualmente do ano 1868, de autoria de Pietro de Castellamare, intitulada “Revista bibliographica ‘Eloá’ Traducção paraphrastica de Flavio Reimar”. Nessa resenha, ele diferencia os tipos de tradução entre “litteral” e “parafrástica”.

Sobre métodos de traduzir, Castellamare ratifica sua predileção em favor da paráfrase, igual à Schleiermacher: “Esse modo de traduzir, á meu ver é o melhor, quando é conservado todo quanto caracteriza a obra que a traduz”. (*Publicador Maranhense*, 1868, edição 00013). Ainda na publicação, ele elogia o trabalho realizado por Odorico Mendes com a tradução de autores clássicos, menciona a “tradução parafrástica” do poema *Eloá* de Alfred de Vigny e a “tradução literal” da *Noiva de Messina*.

Figura 17 - Trecho da publicação²³ do *Publicador Maranhense* na edição 00013 (1) ano 1868 intitulada “Revista Bibliographica. "Eloá" Traducção paraphrastica de Flavio Reimar”



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Entre os principais objetivos almejados pelos autores para traduzir há a acumulação de capital simbólico. Para Dias, de acordo com Silva e Xavier (2014), a tradução possuía duas funções: acumulação simbólica, quando tratava de grandes cânones mundiais, como Schiller e

²³ Transcrição: Litteratura – Revista Bibliographica. "Eloá" Traducção paraphrastica de Flavio Reimar” O grande exemplo que nos legou Odorico Mendes, traduzindo Virgílio e Homero, tem sido mandamento fiel para sido de um cultor das letras nacionaes. O segundo volume das obras posthumas de Gonçalves Dias é a traducção litteral da Noiva de Messina, de Schiller; o ultimo livro, sahido dos prelos maranhenses, é a traducção paraphrastica da *Eloá*, de Vigny. Entre as produções mais aprimoradas da escola romântica, esse delicado poema occupa um lugar proeminente, á par do *Jocelyn* de Lamartine e do *Jacques Rolla*, de Alfredo de Musset.

Hugo, e comercial, como podemos visualizar em uma correspondência enviada pelo tradutor maranhense ao Barão de Capanema, em 1858.

Se eu levar isto a efeito, no que não há impossibilidade absoluta, se além disso traduzo uma meia dúzia de poesias alemãs, de mistura com outras de outras línguas, tu verás como se vai à glória a bon marché; sem balões, nem caminhos de ferro. Entre outras coisas, têm de bom estes alemães o serem agradecidos: traduzir Schiller ou Goethe ou qualquer dos seus bons poetas, é a melhor carta de recomendação para com eles. Aqui em Dresde, onde se reúnem os machacazes da literatura e arte alemã, cresci de algumas polegadas, desde que souberam que passo as minhas douras vigílias na companhia da Noiva de Messina. (Dias, 1858 in Anais da Biblioteca Nacional, 1964, p. 240).

Em seu texto “Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) – tradutor de F. Schiller Indianismo brasileiro e cultura alemã da Europa Central”, Alexandre Bispo (2011) relata a dedicação de Gonçalves Dias à literatura alemã, o que possibilitou a tradução da *Noiva de Messina* e o plano de traduzir *Reinecke Fuchs*, de Goethe. Apesar da relevância, o seu trabalho como tradutor acaba sendo ainda pouco discutido em detrimento às suas contribuições ao Romantismo e à busca pela identidade nacional na literatura e história brasileiras através das suas outras atividades culturais.

Tendo em vista o perfil do tradutor Gonçalves Dias, a sua prática do traduzir pode ser analisada também através da perspectiva da antropofagia cultural. O crítico italiano Ruggero Jacobbi (1958) aborda que Dias, a exemplo da peça *Patkull*, havia utilizado dados gerais sobre a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) do drama histórico *Wallenstein* (1799), de Schiller (1958, pp. 49-51).

A partir disso, investigamos que não houve uma tradução direta ou do contexto geral da obra, e sim um processo de antropofagia literária. Como define Cândido e Silvestre (2016), “O que o conceito antropofágico propõe é o devoramento crítico da cultura estrangeira e sua adaptação ao panorama brasileiro” (Cândido; Silvestre, 2016, p. 245).

Para o crítico israelense Itamar Even-Zohar, “[...] tradução é propensa a se tornar um dos meios de elaboração do novo repertório. Através das obras estrangeiras, novas características (tanto princípios como elementos), até então inexistentes, são introduzidas na literatura alvo” (Even-Zoar, 2012, p. 4)²⁴. Nesse sentido, poderia se dizer também que Dias, no ato do traduzir, assimila elementos das obras estrangeiras, inserindo-os no seu trabalho autoral, como aponta Pamboukian (2019) no contexto da tradução parcial do romance *Bug-*

²⁴ A versão utilizada é uma tradução de Leandro de Ávila Braga (UFRGS) do texto publicado de Even-Zohar 1990, p. 45-51 baseado em uma conferência proferida no Colóquio Internacional *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*, na Universidade Católica de Lovaina, de 27 a 30 de abril de 1976. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/34674/22321>.

Jargal (1826), de Victor Hugo, que a partir da tradução parcial de Dias torna-se “Canção de BugJargal”. Ele destaca a recriação no contexto brasileiro: “O fragmento de romance de Victor Hugo é ‘promovido’ a um poema autônomo do tradutor-poeta Gonçalves Dias, que recria o texto sob ampla liberdade de intervenção e o inclui em um livro autoral” (Pamboukian 2019 p. 134).

Seguindo, Pamboukian (2019, p. 135) postula que o método utilizado pelo escritor maranhense se distanciou nesse caso dos *verbum pro verbo*, recorrendo à paráfrase condensadora; entretanto, percebemos que Dias utilizou-se de ambos os métodos em suas traduções. O processo tradutório é algo levado a sério por Dias, segundo Silva e Xavier (2014, p. 390). Em uma carta escrita no dia 2 de setembro de 1846 ao seu amigo Alexandre Teófilo ele trata da “não exatidão” da tradução do poeta maranhense Collin “[...] uma tradução com ‘erros bem graves’ publicada em *O Archivo*, feita por Augusto Frederico Collin”.

O exemplo das observações de Gonçalves Dias a respeito dos trabalhos desenvolvidos pelos tradutores nos aponta que a qualidade de tradução já era assunto nos periódicos. Essa análise é reiterada pelos argumentos prós e contras utilizados em relação à qualidade dessa tradução de Collin e da argumentação crítica no jornal e nas correspondências.

A definição de Castellamare sobre a tradução da *Noiva de Messina* como “tradução literal” deve ser estudada com mais diligência. Deve ser analisado, para melhor entendimento, o uso do termo “literal” pelo jornalista e o posicionamento do próprio Gonçalves Dias em favor de uma tradução parafrástica no sentido de Schleiermacher – ou seja, numa perspectiva já do século XX, de tradução adaptada, “devorada” da obra estrangeira, ligando a prática do traduzir à tendências da antropofagia cultural.

Além de um grande poeta, tradutor e jornalista, Dias esteve atento às discussões que ocorriam ao seu redor, sobretudo aos debates literários, como aponta a pesquisadora Vilma Arêas:

Tanto Beatriz Cenci (1843) quanto Leonor de Mendonça (1846) foram antecidas por crônicas saídas em revistas portuguesas da época, o que mostra o poeta atento aos interesses de seu tempo. Além disso, as referências a grandes dramaturgos, a leitura de Chatterton, de Alfred de Vigny, enquanto escrevia seu drama, a tradução de “A noiva de Messina”, de Schiller, feita por ele, tudo isso faz de nosso poeta um conhecedor do palco, com informação diferenciada em nosso meio (Arêas, 2013, p. 232).

Dias se inspirou em muitos autores estrangeiros chegando a traduzi-los, como no caso de Schiller. Além da tradução de *A Noiva de Messina*, o tradutor maranhense também se utiliza de outras obras de Schiller para compor suas obras, a já citada *Patkull e Beatriz Cenci* (1843), que traz conceitos filosóficos schillerianos como a ideia de arte e liberdade

(Guimarães, 2019, p. 191). Gonçalves Dias sem dúvidas foi um dos grandes responsáveis pela presença de Schiller no Brasil nos Oitocentos. Através do papel desenvolvido por ele como agente mediador e tradutor, projetou o autor alemão através da Imprensa brasileira.

4.3 A balada schilleriana *O Mergulhador* e o tradutor Bernardo Taveira Júnior

Bernardo Taveira Júnior “[...] em vida foi um indivíduo relativamente prestigiado, todavia, após a sua morte foi praticamente esquecido, tanto pela historiografia quanto pela crítica literária” (Gonçalves, 2014, p. 17). Ele nasceu em 05 de junho de 1836, em Rio Grande, filho do português Bernardo Taveira e de Gertrudes Maria de Mello. A pesquisadora Mariana Couto Gonçalves explica que há um imbróglio sobre a origem do escritor, visto que sua mãe já havia sido casada quando conheceu Bernardo Taveira, ou seja, na época não puderam oficializar a relação; entretanto, há alguns documentos comprobatórios que reiteram a relação de parentesco. Taveira Júnior ingressou na Faculdade de Direito em São Paulo (Cf. Neves, 1987, p. 87), mas, por questões financeiras, não conseguiu permanecer no curso. Ele chegou a trabalhar no Rio de Janeiro em um comércio, entretanto, após o seu adoecimento, retorna a província do Rio Grande do Sul (Cf. Gonçalves, 2015, p. 218).

Taveira Júnior atuou como escritor, tradutor, poeta, teatrólogo e professor. Foi em Pelotas (RS) que iniciou a sua carreira como professor, lecionando história, filosofia e línguas como latim, alemão e inglês (Cf. Gonçalves, 2014, p. 73). Taveira também cooperou para a formação e consolidação da imprensa gaúcha, colaborando com diversos periódicos, como a revista rio-grandense *A Arcádia* (1867 e 1870), fundada pelo português José de Brito Mendes Guimarães. A revista foi um importante veículo que circulava nas cidades sulistas de Pelotas e Rio Grande, sendo considerada entre as primeiras tentativas de mesclar imprensa e literatura na província, como indica Póvoas (2016):

[...] em suas páginas foram publicadas poemas, romances, contos, crônicas, peças de teatro, críticas e artigos que conformam os primeiros passos do Romantismo e do Regionalismo em solo gaúcho, assim como noticiam a visão social progressista da revista (Póvoas, 2016, p. 838).

Taveira Júnior escreveu para a *Revista Mensal do Partenon Literário* (1869-1879), pertencente à agremiação Sociedade Partenon Literário. Segundo Cunha (2009), foi uma importante instituição para o cenário literário gaúcho do século XIX. Atento às questões políticas, Taveira Júnior, que era abolicionista (Gonçalves, 2014, p. 104), colaborou com

jornais com viés partidário, como o *Radical* (1890) do Partido Republicano (Cf. Cunha, 2009, p. 48) e no pelotense *A Pena* (1884).

O escritor gaúcho foi responsável pela tradução de outra obra de Schiller: *Guilherme Tell*. De acordo com Freitas (2007), o texto foi publicado no *Jornal do Comércio*. Gonçalves (2014) desenvolve para a sua dissertação um quadro sobre a “Produção literária de Bernardo Taveira Júnior”, no qual consta o periódico *Progresso Literário* como o suporte de divulgação de *Guilherme Tell*, no ano de 1878. Essa obra dramática schilleriana, intitulada *Wilhelm Tell* em alemão é publicada pela primeira vez em 1804. Trata-se de uma figura histórica,

[...] de um herói lendário da Suíça, o qual, à maneira de Robin Hood, foi amado pelos cidadãos suíços e odiado pela Era Nacional--Socialista. Esse personagem veio a ser popularizado pela peça escrita pelo poeta Schiller. A ópera *Guilherme Tell*, composta por Rossini, teve sua estreia em 1829 (Guimarães, 2018, p. 197).

Tratando-se de uma literatura voltada à temática de guerra e disputas territoriais, *Guilherme Tell* ganhou seu espaço na imprensa brasileira, chegando a ser publicado além do *Jornal do Comércio* e *Progresso Literário*, como mencionado anteriormente, ainda em mais dois dos periódicos pesquisados. Foram identificadas quatro ocorrências entre elas: uma publicação no *Publicador Maranhense* de 1866 e três no *Jornal do Recife* entre os anos de 1893 e 1911.

Entre o legado literário de Taveira Júnior, destacamos as obras *Poesias Americanas*, *As provincianas* e *Poesias allemãs* que, de acordo com Theobald (2008, p. 47), “[...] é certamente uma das mais antigas antologias de poesia alemã *in existence* no Brasil.” Taveira Júnior chegou a publicar uma segunda edição, em 1884, na qual foram acrescentados diversos poemas. A coletânea *Poesias allemãs*, impressa pela tipografia da *Deutsche Zeitung*, em 1875 (Cf. Gonçalves, 2014, p. 80), continha poemas clássicos originais e traduzidos de autores germânicos, como Schiller, Goethe e Heine.

A balada *O Mergulhador* [Der Taucher], incluída nessa última coletânea de Taveira Júnior, originalmente, foi publicada em alemão na revista alemã *Die Horen*, periódico escrito por Schiller entre 1795 e 1797. Uma outra tradução parcial daquela balada já saía no jornal *O Sete d'Abril*, do Rio de Janeiro, edição 00633 (1), datado de 1838. Em conjunto com sua publicação foi colocada a informação que se tratava de uma publicação extraída da *Gazeta dos Domingos*.

Qual dentre vós mergulhará ousado
No fundo desse pégo?
Eis d'ouro um vaso; ás ondas o arremesso:
O negro abysmo o engolio dúm sorvo:
Quem for buscal-o que o guarde; é dele.”

Do pico d'alta rocha sobranceira
De Carybdes ás vagas irritadas
Desta arte o Rei falava.
Qual dentre vós (de novo eu vos pergunto)
Há de sondar o abysmo?
Os nobres, e escudeiros, toda a côrte
Em silêncio escudou estas palavras:
No mar fitando a mal segura vista
Ninguem se atreve a afrontar-lhe as iras;
E já terceira vez o Rei bradava:
Qual dentre vós mergulhará ousado
No fundo desse pégo?
Emquanto mudos permanecem todos,
Com seguro ademan, rosto sereno
Um mancebo gentil avança os passos;
Dos hombros larga o manto, e tira o cinto,
Crava os olhos nas ondas, que inquietas
Ora procurão rápidas sumir-se
Nas profundas cavernas, ora surgem.
(Extrato de *O Mergulhador*, in *O SETE D' ABRIL (RJ)*, 1838, edição 00633)

O gênero balada, no qual se insere *O Mergulhador*, refere-se a uma forma lírica, que segundo Selanski (1998), engloba de fato três gêneros literários: o lírico, o épico e o dramático (p. 11). Sua origem etimológica deriva do termo latino *ballare* (Alarcão, 2000, n.p). Tradicionalmente, como explica Fernandes, a balada era composta por seis estrofes em oitavas e uma última em quadra – o *envoi*, o que lembra a balada dupla (double ballade) (Fernandes, 2017, p. 3). Seu surgimento foi elucidado pelo crítico literário Spina (2007):

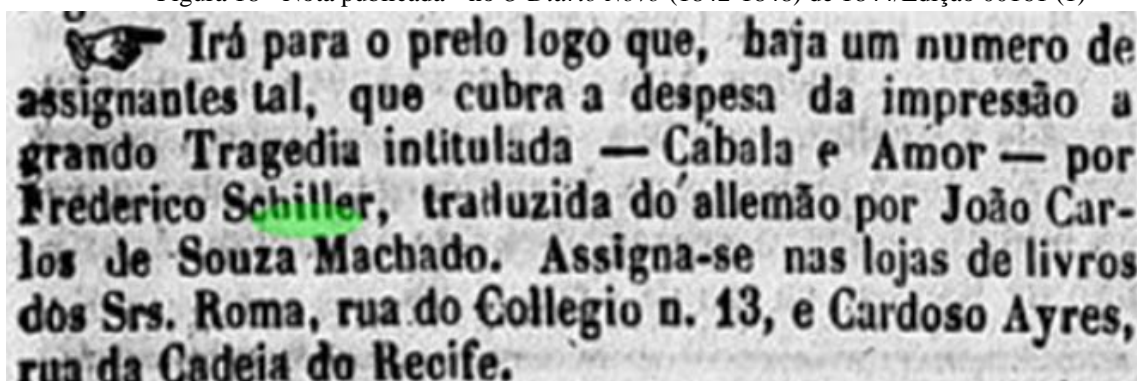
Uma forma poética híbrida surgiu na Espanha, no século XV: o romance; na mesma época surgem as baladas inglesas, as baladas alemãs e francesas, as canções narrativas italianas e as viser dinamarquesas e suecas; de todas essas formas se distingue o romanceiro espanhol, pelo seu tradicionalismo: saídas estas formas da epopeia nacional (com exceção da canção narrativa italiana, pois a Itália não teve uma epopeia nacional), só o romance espanhol entronca na primitiva poesia heroica, reproduzindo-lhe os temas e as personagens (Spina, 2007, p. 9).

Uma das primeiras baladas alemãs, documentada na modernidade é *Lenore* (1773) de Gottfried August Bürger (Campos, 2021, p. 1); mas, posteriormente, o ano 1797 foi considerado pelos teóricos como o ano da balada. Conforme Selanski, os autores alemães Goethe e Schiller contribuíram para isso, pois eles “[...] criam o tipo de clássico da balada de ideias, que tanto pela forma como pelo conteúdo diferem muito da balada popular [...]” (Selanski, 1998, p. 15). Juntos, a partir das suas discussões, criaram um estudo sobre a balada chamado *Kunstballade* (balada artística), derivada da *Volksballade* (balada popular). Através do contato entre eles, podemos perceber o enriquecimento para a produção intelectual de cada um. De acordo com a data aproximada do desenvolvimento *d' O Mergulhador*, inferimos que ele tenha sido incluído nesse novo modelo de balada. A pesquisadora acrescenta que as baladas schillerianas comumente traziam uma mensagem moralizante nas entrelinhas.

4.4 *Cabala e Amor* na tradução de João Carlos de Souza machado: um desafio de financiamento

No jornal pernambucano *O Diário Novo* (1842-1848) há um anúncio sobre a tradução vindoura do drama *Cabala e Amor*, de Schiller, publicada em 1844 na tradução de João Carlos de Souza Machado. Essa ocorrência é interessante, porque espelha o desafio e a insegurança em relação às condições de publicação. Tendo em vista as dificuldades de financiamento desse tipo de produção, foi utilizada a estratégia do financiamento por assinatura prévia para custear a impressão.

Figura 18 - Nota publicada²⁵ no *O Diário Novo* (1842-1848) de 1844/Edição 00161 (1)



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

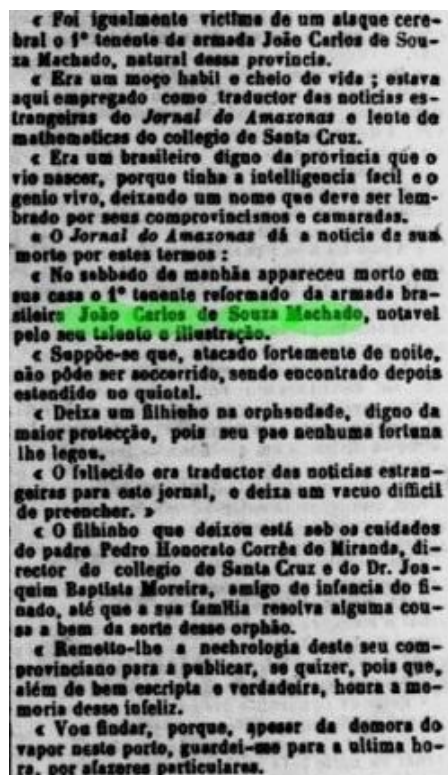
O pernambucano João Carlos de Souza Machado era engenheiro naval e cursou a Imperial Escola de Engenheiros Navaes, da França. De acordo com o escritor brasileiro e historiador Sacramento Blake, na Escola de Engenharia, Machado “[...] esteve alguns annos com licença; cavalheiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição da Villa-Viçosa” (Sacramento Blake, 1895, p. 392). Ingressou na academia da Marinha, alcançando o posto de primeiro-tenente da Armada Brasileira, de onde foi reformado. Há uma notícia na edição de 00220 de 1860 do *Diário de Pernambuco* (1860-1869) que trata dos passageiros do vapor Paraná, no qual se incluía José Carlos de Souza Machado.

²⁵ Transcrição: Irá para o prelo logo que, baja um numero de assignantes tal, que cubra a despesa da impressão a grandio Tragedia intitulado -Cabala e Amora Frederico Schiller, traduzida do' allemão por João Carlos de Souza Machado. Assigna-se nas lojas de livros dos Srs. Roma, rua do Collegio n. 13, e Cardoso Ayres, rua da Cadeia do Recife.

Além de *Cabala e Amor*, Blake (1895) afirma que Machado publicou em 1843 a tradução da obra-prima schilleriana *Os Salteadores*. O tradutor pernambucano também produziu obras relacionadas a outras áreas, como no campo da Engenharia, seu curso de formação, especificamente acerca da Engenharia Naval.

Não encontramos registros sobre o seu nascimento; entretanto, sua morte foi anunciada na edição de 00268 de 1861 do *Diário de Pernambuco*, o que reitera a estimativa de Blake que acreditava que João Carlos tinha falecido entre “1861 e 1862, porque neste anno não vem seu nome no almanak” (*Id.*, 1865, p.382).

Figura 19 – Trecho de uma publicação²⁶ do *Diário de Pernambuco* (1860-1869) de 1861/Edição 00268



« Foi igualmente victima de um ataque cerebral o 1º tenente de armada João Carlos de Souza Machado, natural dessa provincia.

« Era um moço habil e cheio de vida; estava aqui empregado como traductor das noticias estrangeiras do *Jornal do Amazonas* e leate de mathematicas do collegio de Santa Cruz.

« Era um brasileiro digno da provincia que o vio nascer, porque tinha a intelligencia facil e o genio vivo, deixando um nome que deve ser lembrado por seus comprovincianos e camaradas.

« O *Jornal do Amazonas* dá a noticia de sua morte por estes termos :

« No sabbado de manhã appareceu morto em sua casa o 1º tenente reformado da armada brasileira João Carlos de Souza Machado, notavel pelo seu talento e illustração.

« Suppõe-se que, atacado fortemente de noite, não pôde ser soccorrido, sendo encontrado depois estendido no quintal.

« Deixa um filhinho na orphandade, digno da maior protecção, pois seu pae nenhuma fortuna lhe legou.

« O fallecido era traductor das noticias estrangeiras para este jornal, e deixa um vacuo difficil de preencher. »

« O filhinho que deixou está sob os cuidados do padre Pedro Honorato Corrêa de Miranda, director do collegio de Santa Cruz e do Dr. Joaquim Baptista Moreira, amigo de infancia do finado, até que a sua familia resolva alguma cousa a bem da sorte desse orphão.

« Remetto-lhe a nechrologia deste seu comprovinciano para a publicar, se quizer, pois que, além de bem escripta e verdadeira, honra a memoria desse infeliz.

« Vou findar, porque, apesar da demora do vapor neste porto, guardei-me para a ultima hora, por afazeres particulares.

²⁶ Transcrição: Foi igualmente vítima de um ataque cerebral o 1º tenente de armada João Carlos de Souza Machado, natural dessa provincia. Era um moço habil e cheio de vida; estava aqui empregado como traductor das noticias estrangeiras do *Jornal do Amazonas* e leate de mathematicas do collegio de Santa Cruz. Era um brasileiro digno da provincia que o vio nascer, porque tinha a intelligencia facil e o genio vivo, deixando um nome que deve ser lembrado por seus comprovincianos e camaradas. O *Jornal do Amazonas* dá a noticia de sua morte por estes termos: No sabbado de manhã appareceu morto em sua casa o 1º tenente reformado da armada brasileira João Carlos de Souza Machado, notavel pelo seu talento e illustração. Suppõe-se que, atacado fortemente de noite, não pode ser soccorrido, sendo encontrado depois estendido no quintal. Deixa um filhinho na orphandade, digno da maior protecção, pois seu pae nenhuma fortuna lhe legou. O fallecido era traductor das noticias estrangeiras para este jornal, e deixa um vacuo difficil de preencher. O filhinho que deixou está sob os cuidados do padre Pedro Honorato Corrêa de Miranda, director do collegio de Santa Cruz e do Dr. Joaquim Baptista Moreira, amigo de infancia do Bado, até que a sua família resolva alguma cousa a bem da sorte desse orphão. Remetto-lhe a nechrologia deste seu comprovinciano para a publicar, se quizer, pois que, além de bem escripta e verdadeira, honra a memória desse infeliz. Vou findar, porque, apesar da demora do vapor neste porto, guardei-me para a ultima hora, por afazeres particulares.

A obra schilleriana *Cabala e Amor* é a última peça do período do Ímpeto e Tempestade do autor alemão. Datada de 1784, já foi traduzida para inúmeras línguas, inferindo a grande repercussão que a peça obteve como cita Heidermann (2005):

[...] “Não é uma peça teatral qualquer, mas uma das produções mais significativas do teatro alemão. Foi, inclusive, a contribuição de Schiller ao gênero da «tragédia burguesa» alemã, na época principalmente representada pelos trabalhos de Lessing: «Miss Sara Sampson» de 1755 e «Emilia Galotti» de 1772 e com conseqüências até para o teatro alemão da modernidade (Fassbinder: «Bremer Freiheit», por exemplo) [...] (Heidermann, 2005, p. 258).

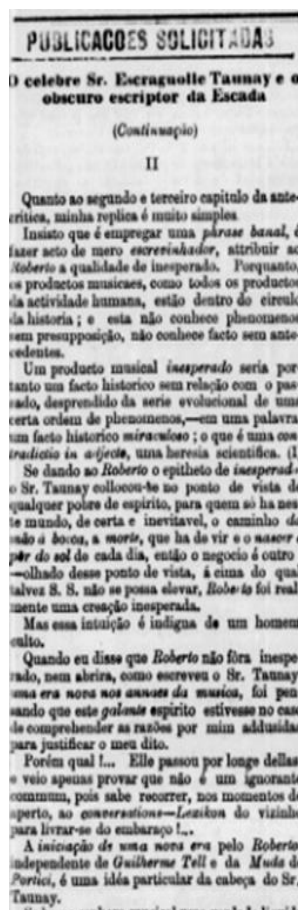
Trata-se de um drama burguês em cinco atos, cujo enredo retrata o amor entre o nobre Ferdinand von Walter e a moça burguesa filha de um músico, Luise Miller. Como mencionado, o seu título original levava primeiramente o nome da protagonista, entretanto, foi posteriormente alterado.

4.5 Tobias Barreto e o Germanismo

Encontramos, no *Jornal do Recife* Edição 00086 de 1880 um artigo de autoria de Tobias Barreto. Tratava-se de uma crítica ácida publicada na seção “Publicações Solicitadas”, direcionada ao escritor, professor e político Alfredo d'Escagnolle Taunay. Em um texto recheado de ironias, Barreto replicou Taunay, questionando seu conhecimento sobre a cultura e língua germânica. Ele cita Schiller (Figura 20), e a sua obra *Guilherme Tell*. Nessa publicação vemos novamente a utilização de Schiller como um monumento do cânone universal. O autor sergipano menciona Schiller e Goethe justamente por serem referências da literatura alemã, ironizando a arrogância de Taunay que, aparentemente em outro momento, havia falado que Barreto apenas conhecia o *Conversations-Lexikon* da editora Brockhaus, em Leipzig, ao qual é respondido por Barreto, nessa publicação do *Jornal do Recife*, onde replica que, mesmo sendo apenas de uma cidade do interior de Pernambuco, Escada, e que nunca houvesse saído do norte do País, já conhecia quatro dicionários alemães diferentes de conversação: *Meyers Konversations-Lexikon* (1839-1984), *Herders Conversations-Lexikon*

(1854-1857), *Brockhaus Conversations-Lexikon* (1882-1887) e *Pierers Universal Conversations Lexikon* (1875-1879).

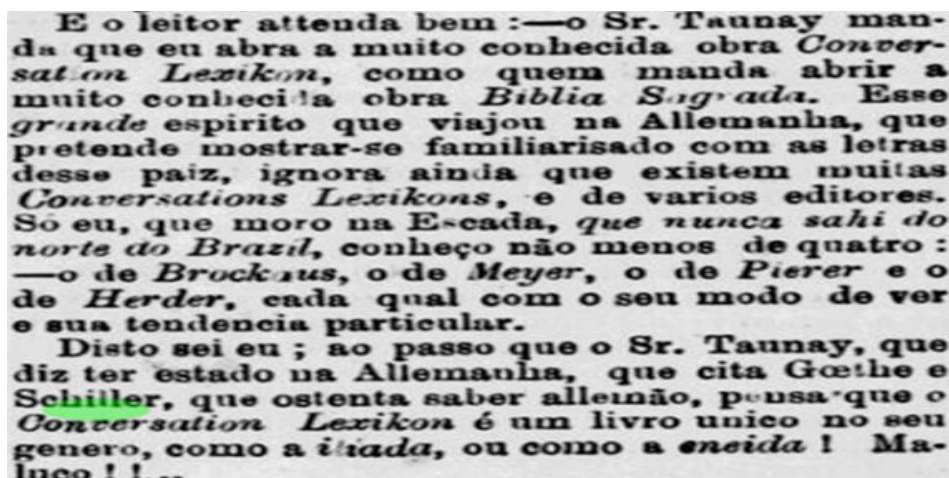
Figura 20 - Crítica²⁷ de Tobias Barreto ao escritor d'Escragnolle Taunay publicado pelo *Jornal do Recife* de 1880\Edição 00086 (1)



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

²⁷ Transcrição: Publicacoes Solicitadas - D. celebre Sr. Escragnolle Taunay o obscuro escriptor da Escada (Continuação) – II Quanto ao segundo e terceiro capitulo da ante-critica, minha replica é muito simples. Insisto que é empregar uma párase banal, é fazer acto de mero escrevinhador, attribuir ao Roberto a qualidade de inesperado. Porquanto, os productos musicaes, como todos os productos la actividade humana, estão dentro do circulo da historia; e esta não conhece phenomenos em presupposição, não conhece facto sem antecedentes. Um producto musical inesperado seria por tanto um facto historico sem relação com o passado, desprendido da serie evolucional de uma certa ordem de phenomenos, em uma palavra, um facto historico miraculoso; o que é uma *contradictio in ajecte*, uma heresia scientifica. (1) Se dando ao Roberto o epitheto de inesperado, Sr. Taunay colletou-te no ponto de vista de qualquer pobre de espirito, para quem só ha neste mundo, de certa e inevitavel, o caminho da não à bocca, a morte, que ha de vir e o nasore per do sol de cada dia, então o negocio é outro: olhado desse ponto de vista, à cima do qual talvez S.S. não se possa elevar, Roberto foi realmente uma criação inesperada. Mas essa intuição é indigna de um homem culto. Quando eu disse que Roberto não fora inesperado, nem abrija, como escreveu o Sr. Taunay, uma era nos annos da musica, foi pensando que este galante espirito estivesse no caso de comprehender as razões por mim adduzidas para justificar o meu dito. Porém qual ... Elle passou por longe dellas, veio apenas provar que não é um ignorante commum, pois sabe recorrer, nos momentos de aperto, ao *conversations-Lexikon* do vizinho para livrar-se do embaraço! A iniciação de uma nova era pelo Roberto, independente de Guilherme Tell e da Muda de Portici, é uma idéa particular da cabeça do Sr. Taunay [...].

Figura 21 - Segundo trecho da crítica²⁸ de Barreto sobre Taunay que cita Schiller publicado pelo *Jornal do Recife* de 1880\Edição 00086 (1)



E o leitor attenda bem :—o Sr. Taunay manda que eu abra a muito conhecida obra *Conversations Lexikon*, como quem manda abrir a muito conhecida obra *Biblia Sagrada*. Esse grande espirito que viajou na Allemanha, que pretende mostrar-se familiarisado com as letras desse paiz, ignora ainda que existem muitas *Conversations Lexikons*, e de varios editores. Só eu, que moro na Escada, que nunca sahi do norte do Brazil, conheço não menos de quatro : —o de *Brockhaus*, o de *Meyer*, o de *Pierer* e o de *Herder*, cada qual com o seu modo de ver e sua tendencia particular.

Disto sei eu ; ao passo que o Sr. Taunay, que diz ter estado na Allemanha, que cita Goethe e Schiller, que ostenta saber allemão, pensa que o *Conversations Lexikon* é um livro unico no seu genero, como a *Iliada*, ou como a *eneida* ! Maluco ! !...

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Nascido em 7 de junho de 1839, na vila Campos do Rio Real (SE), mestiço, originário de uma família tradicional, era filho de Pedro Barreto de Menezes e Emerenciana Maria de Jesus (Alves, 2020, n.p.). Tobias Barreto de Menezes, ainda na adolescência, concluiu o seu curso de latim e mais tarde ingressou no curso de bacharelado em Direito na Faculdade do Recife. Em 1864, ao iniciar seus estudos em Direito, reúne um grupo de interessados em poesia.

Esse coletivo formado é um embrião para o que futuramente se tornaria a Escola do Recife. Movimento sociocultural surgido nas dependências da Faculdade de Direito e liderado por Barreto juntamente com nomes como Joaquim Nabuco e Sílvio Romero. A Escola do Recife tinha como objetivo a promoção de livres debates no Brasil. Para isso, utilizava-se de conceitos filosóficos até então pouco conhecidos no país, como explica Sá, Carvalho, Mattos *et al.* (2012):

A Escola do Recife surgiu em meados de 1860 e se estendeu até a segunda década do século XX. Foi um movimento intelectual originado na Faculdade de Direito do Recife, composto por juristas, professores, estudantes de direito, todos interessados em discutir os mais diversos temas, tais como política, sociedade, direito, ciência, homem, poesia, e, precipuamente, filosofia (Sá; Carvalho; Mattos *et al.*, 2012, p. 292).

²⁸ Transcrição: E o leitor attenda bem:-o Sr. Taunay manda que eu abra a muito conhecida obra *Conversations Lexikon*, como quem manda abrir a muito conhecida obra *Biblia Sagrada*. Esse grande espirito que viajou na Allemanha, que pretende mostrar-se familiarisado com as letras desse paiz, ignora ainda que existem muitas *Conversations Lexikons*, e de varios editores. Só eu, que moro na Escada, que nunca sahi do norte do Brazil, conheço não menos de quatro : - o de Brockhaus, o de Meyer, o de Pierer e o de Herder, enda qual com o seu modo de ver e sua tendencia particular. Disto sei eu; no passo que o Sr. Taunay, que diz ter estado na Allemanha, que cita Goethe e Schiller, que ostenta saber allemão, pensa que o *Conversations Lexikon* é um livro unico no seu genero, como a *Iliada*, ou como a *eneida*! Maluco!! [...].

Tobias Barreto é sergipano, porém, morou boa parte da sua vida em Pernambuco, no município de Escada (PE). Ele atuou como jurista e escritor. Autodidata, começou a ler obras alemãs entre 1869 e 1888, período em que foi influenciado vigorosamente, tornando-se defensor ferrenho do Germanismo em detrimento à hegemonia francófila instalada no Brasil dos Oitocentos.

Ele nos comunicou que nunca saiu do Brasil, e é um autodidata no verdadeiro sentido da palavra, visto como não recebeu aqui instrução alguma quanto ao alemão. Tanto mais maravilhosa é a perseverança com que ele apropriou-se, não só do uso da língua estrangeira, mas também do grande tesouro da ciência alemã, de que dão testemunho seus trabalhos literários (Nascimento, 1966, p. 19).

Tendo contato com autores alemães, a partir de 1869 começa a divulgá-los nos jornais que escrevia, entre eles o *Jornal do Recife*. Ao se estabelecer em Escada (PE), Barreto passa a editar e a publicar através de sua tipografia diversas obras com ideias nacionalistas a partir do germanismo como: *Um Sinal dos Tempos* (1874), *Ensaios e Estudos de Filosofia e Crítica* (1875) e o periódico *Der Deutsche Kaempfer* [O lutador alemão] (1875), “[...] periódico literário e acidentalmente político, destinado à expansão do germanismo no norte do País [...]” (Alves, 2020, n.p.). Barreto mantinha contato com a imprensa periódica brasileira de língua alemã, publicando, igualmente, artigos, ensaios e correspondências. Citamos, como exemplo, o periódico *Germânia* e a *Koseritz Deutsche Zeitung*.

Por Barreto ser considerado um entusiasta da cultura alemã, aproveitando-se da força mediadora da imprensa periódica para a defesa do Germanismo, Duval (2017) postula que ele praticava uma “tradução de apropriação”, ou seja um método de tradução que “[...] designa um tipo de tradução em que o texto traduzido é sempre ativamente desejado, cobijado ou até mesmo apropriado pela cultura-alvo [...]” (Duval, 2017, p. 239), diferentemente da atividade tradutória de Gonçalves Dias no caso da *Noiva de Messina*, tradução que se utiliza do método de domesticação, conforme infere Lawrence Venuti (1995, p. 20).

Barreto contribuiu para difundir o pensamento germânico no Brasil; sua atividade tradutória está intrinsecamente relacionada aos periódicos, os quais muitas vezes arcou com os próprios custos de publicação. Ele faleceu em 26 de junho de 1889, devido a complicações renais e cardíacas e se tornou um imortal da Academia Brasileira de Letras, patrono da cadeira 38. A sua biblioteca pessoal possuía mais de 200 exemplares de obras alemãs, sendo incorporada à Faculdade de Direito do Recife, após aquisição pelo Governo.

4.6 Moral e amoral de *Os Bandoleiros* em resenhas de apresentações cênicas

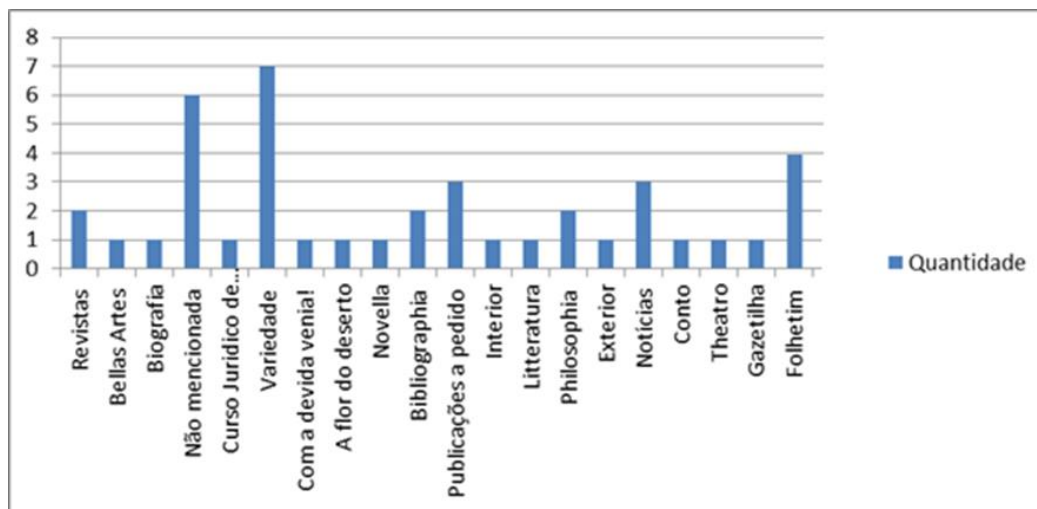
Entre as obras de Schiller, a mais mencionada nos jornais é a sua obra-prima *Os Bandoleiros*²⁹. A obra é o primeiro drama completo de Schiller e obra expõe uma crítica social e o anseio da burguesia alemã pela liberdade.

O livro escrito por Schiller, provavelmente antes dos seus 18 anos, traz no prefácio da sua primeira edição “[...] uma cópia do mundo real [...]” (Schiller, 2004^a, p. 485). *Os Bandoleiros* baseia-se em um drama familiar – o conflito entre os irmãos Karl e Franz Moor. Franz é movido pelo sentimento de inveja. Para enganar o seu pai Maximilian, difama o seu irmão Karl, fazendo com o que ele pense que fora banido de casa, levando-o a cair em desgraça. Karl, na sua revolta, não cessa apenas em sua família, mas contra as problemáticas sociais e políticas de sua época. Na tentativa de reparar esses danos, Karl monta um grupo de salteadores. Na trama, temos ainda a presença da personagem Amália, noiva de Karl, que também é enganada por Franz.

Na imprensa periódica brasileira, durante o período de 1822 a 1890 foram identificadas mais de quarenta ocorrências sobre *Os Bandoleiros* em mais de 27 impressos. As citações sobre a obra ocorrem sob diversos argumentos, como os exemplificados nas figuras; entretanto, para apresentar um panorama mais abrangente, aglutinamos as ocorrências a partir das seções nas quais elas foram incluídas nos períodos, como podemos observar no Gráfico 5.

²⁹ Como explicado anteriormente, o drama *Die Räuber* fora traduzido sob diversos títulos, sendo o mais encontrado nas ocorrências dos periódicos do século XIX *Os Salteadores*. Todavia, utilizamos ao longo do presente trabalho o título *Os Bandoleiros* em referência a tradução de Marcelo Backes, de 2001.

Gráfico 5 - Quantitativo das ocorrências sobre *Os Bandoleiros* por seção



Fonte: Pesquisa direta, 2022, na base de dados do Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

O drama *Os Bandoleiros* chega à imprensa periódica brasileira através de ressemantizações vindas principalmente pela França, onde o drama fazia muito sucesso ao redor da Revolução Francesa (Xavier, 2021b), e pela Itália através de musicalizações. As múltiplas interpretações dadas à obra impactaram a sua recepção no Brasil, um país com um viés moralista e conservador. As ocorrências encontradas nos periódicos flutuam entre a reverência à incontestável genialidade da obra e a crítica ferrenha. As críticas surgem de uma referência negativa a situações ou indivíduos. Em uma dessas, do *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal* (RJ) questionou se seria possível existir uma sociedade como a de *Os Bandoleiros*.

Ha, pois, notavel contradicção entre os costumes do espirito do seculo. A litteratura falseou por não representar senão o espirito, por não ter penetrado o amago da seriedade. Não existião nem era possivel existir na sociedade os salteadores de Schiller nem os libertinos de Byron; havia sim, mas erão entidades despreziveis que invergando o manto do cynismo não pensavão em puxar para cima dos hombros a chlamyde dos herões. Erao entes de imaginação, phantasias meio sublimes, meio burlescas, delineadas de perfil nos sonhos de algum febricitante. Sabe-se, entretanto, que immensa influencia exercerão sobre a mocidade essas theorias incompletas, extravagantes e deletereas, todos os dias proclamadas com a vehemencia das arengas tribunicias e o incansavel ardor do proselytismo. A mocidade da romanisca Allemanha internou-se pelos mattos, e incumbia-se, já não de demonstrar, porém de realizar a idéa de Schiller. Glorioso triumpho da poesia lamentavel delirio da mocidade! (Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal, 1862, Edição 00030)

Encontramos no periódico *O Artista: Publicação semanal sobre theatros* (RJ) um artigo que trata sobre *Os Bandoleiros* e selecionamos um trecho da publicação em que menciona a rerepresentação da obra schilleriana. Ela segue realizando um retrato da vida e obra de Schiller, chegando a citar um dos seus tradutores, Maffei. Segundo o texto, André

Maffei (trata-se do italiano Andrea Maffei, poeta, tradutor, dramaturgo que viveu entre 1798 e 1885) “[...] tornou em poesia lírica a composição do moço Schiller [...]” (O Artista, 1849, Edição 00001). Discorre o texto abordando que Maffei resumiu a obra de Schiller e esse texto foi musicalizado por Verdi (trata-se de Giuseppe Verdi, compositor italiano que viveu entre 1813 e 1901). Schiller é retratado enquanto autor dramático na sua juventude sendo formado pelo pensamento do século XVIII. O jornalista logo faz a diferença entre o Schiller autor dramático e o filósofo e historiador Schiller, que ele explicitamente não quis tratar nesse artigo. O resto do artigo após o trecho aqui citado trata da musicalização da peça por Verdi.

Figura 22 - Trecho de um artigo³⁰ de 1849\Edição 00001 (1) de autoria não registrada intitulado “Os Saltheadores, - Schiller – Verdi.” do *O Artista : Publicação semanal sobre theatros* (RJ)

OS SALTHEADORES, — SCHILLER —
VERDI. —

—

Não nos é possível exprimir as diferentes sensações que experimentamos na noite de hontem com a representação, do melodrama—os saltheadores— cujo assumpto, é tirado de uma das primeiras tragedias, de João Christovam Frederico de Schiller ! — na qual o grande poeta Alemão, quiz pintar, tendo apenas 18 annos, algumas scenas do seu primeiro viver. — Conhecemos a tragedia os saltheadores, reputamo-la um pensamento gigante da alma do joven que embalado ainda debaixo da influencia do seculo 18 apenas viveu um lustro do seculo 19 !—Conhecemos Schiller pelas suas obras dramaticas, que não nos é dado tratal-o aqui como philosopho, ou como historiador!

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Outro periódico, *O Liberal: Periodico Politico e Litterario* (RJ) também abordou essa adaptação *Os Bandoleiros* de Verdi, em 1849, numa resenha intitulada “Semana Lyrica que

³⁰ Transcrição: Os saltheadores, - Schiller- Verdi. - Não nos é possível exprimir as diferentes sensações que experimentamos na noite de hontem com a representação, do melodrama -os salteadores - cujo assumpto, é tirado de uma das primeiras tragedias, de João Christovam Frederico de Schiller! na qual o grande poeta Alemão, quiz pintar, tendo apenas 18 annos, algumas scenas do seu primeiro viver. - Conhecemos a tragedia os saltheadores, reputamo-la um pensamento gigante da alma do joven que embalado ainda debaixo da influencia do seculo 18 apenas viveu um lustro do seculo 19! - Conhecemos Schiller pelas suas obras dramaticas, que não nos é dado tratl-o aqui como philosopho, ou como historiador!

trata da versão traduzida por Maffei e musicalizada por Verdi d'Os Salteadores". O artigo traz um resumo da obra schilleriana, inserindo a alcunha de Karl Moor, protagonista – o ladrão nobre. Destacamos a semelhança entre os dois periódicos no tratamento da temática, ambos contextualizando o seu público sobre Schiller e suas obras. Ainda a respeito, apontamos que há, nas duas publicações sobre a apresentação, o foco no comportamento dos protagonistas, nesse caso da musicalização de Verdi na base da tradução de André Maffei.

O argumento do libreto e poesia desta opera é tirado e resumido do famoso drama de Schiller da escola alemã denominado - O Ladrão Nobre, ou "Os Salteadores"-poesia de Maffei e muzica de Verdi. E é o seguinte: Um illustre pai já ancião venerando vê-se illudido e obrigado pelas machinações de ambição e inveja de seu segundo filho á expellir de sua casa, da herança, e dos braços de uma interessante sobrinha, que tinha em sua companhia, à seu primeiro filho, e de não conceder o perdão, que elle mandara pedir de suas primeiras faltas. Este proceder de seu pai e irmão o obrigou á lançar-se por repezalia e desesperação no meio de um bando de nobres [...] (O Liberal: Periodico Politico e Litterario, 1849, Edição 00095)

Apesar do tom cordial dessas duas ocorrências aqui selecionadas como exemplos, ressaltamos que a recepção do drama em terras brasileiras também gerou controvérsias. Havia críticas especialmente referentes à moralidade da obra e levantou-se discussões acerca dos termos referidos ao protagonista. O "anti-herói" referia-se à quebra de paradigma do protagonista com caráter ilibado do Romantismo brasileiro. Já o termo "ladrão nobre" reconhecia a fragilidade humana de Karl Moor, que o levava a participar de um bando de ladrões. A verossimilhança da obra causou controvérsia, principalmente pela inversão de valores e a pauta sobre a amoralidade trazida pela obra, como afirma Xavier (2021b, p. 334): "A recepção da peça, que também foi apresentada no Brasil nesta época, provocou muita polêmica no contexto cultural transatlântico, e as críticas foram em sua maioria negativas por causa da aparente imoralidade do anti-herói de Schiller."

Schiller conciliou a escrita do drama *Die Räuber* com os seus estudos e plantões médicos. Encenada pela primeira vez no teatro de Mannheim, em 1781, Schiller deixa suas ocupações médicas no ducado de Württemberg para assistir à sua estreia. Na volta, acaba recebendo uma punição do Duque Karl Eugen, pela negligência e insubordinação, sendo proibido de escrever novas peças (Araújo, 2019, p. 10). A peça *Die Räuber* obteve grande sucesso, e Schiller optou por romper com o Duque e sair ilegalmente da região. Era considerado um pensador ousado, característica que lhe seguirá, não se curvando diante aos poderosos e das normas estabelecidas. Todavia, ele sofreria as consequências dessa sua ação, como explica Caldas (2018):

O poeta viveria nos anos seguintes sob condições materiais constrangedoras, trabalhando como dramaturgo em Meiningen – onde escreveu *Intriga e Amor* – e em Mannheim; quatro admiradores salvaram-no da miséria que, sem jamais tê-lo visto,

decidiram dar-lhe apoio financeiro, e, mais do que isso, a amizade (Caldas, 2018, p. 297).

Para Schiller, a solução para o desenvolvimento da sociedade vinha da educação, e uma educação através da arte. Por meio disso, o ser humano seria apto para gozar das suas potencialidades nos níveis moral, social e político. Nesse sentido, as novas visões de mundo trazidas por suas obras e de outros autores escolhidos propiciaram reflexões pertinentes, sejam sociais, morais ou culturais. Caberia ao autor/leitor atentar-se esses temas que fecundariam análises, como indica Machado em seu texto “Instinto de nacionalidade”, sobre o papel do escritor. “O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço [...]” (Machado de Assis, 1873, n.p.³¹).

Schiller criou o personagem Karl Moor a partir da análise da sociedade alemã de sua época, como uma crítica ao contexto que vivenciava. Karl era um salteador mas, como descreve Volobuef (2005, p. 79), “[...] um fora-da-lei charmoso e emblemático que assaltava os ricos e acolhia os pobres [...]”.

A obra trouxe inspirações para vários autores e livros, sobretudo pelo apelo moral que norteou diversas discussões polêmicas nos periódicos nacionais da época, discutindo o bom e o mau através dos perfis dos irmãos Franz e Karl Moor. Esse aspecto controverso humanizador da obra de Schiller possibilita revisitar discussões morais desde então. Antônio Candido (2009), a partir da sua ideia de literatura e sociedade, lhe circunscreveu como processo:

[...] que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 2009, p. 180).

Os Bandoleiros se consolidou como uma das obras indispensáveis da literatura alemã. Utilizada como referência na fase da formação da literatura brasileira, pela sua presença marcante, pelo enredo reflexivo e exaltando e pelo espírito de defesa da liberdade. Volobuef (2005) sistematiza sua importância:

Os Bandoleiros deixou uma marca tão forte, que não se poderia imaginar o Romantismo de vários países sem ela. No caso de *Os bandoleiros*, principalmente a vertente do Romantismo social – representada por Victor Hugo na França, Castro Alves no Brasil – não seria a mesma se não tivesse recebido, direta ou indiretamente, o estímulo proveniente de Schiller. (Volobuef, 2005, p. 79).

³¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf>.

Os Bandoleiros não se limita a um enredo de drama familiar; a obra traz temáticas até então pouco abordadas – críticas sociais contundentes, aclamação da liberdade e o aspecto amoral que forma o protagonista. Karl Moor se distanciava do arquétipo do herói romântico, proporcionando uma verossimilhança com o homem comum. Ao acreditar que foi renegado pelo pai, após uma intriga do seu irmão Franz, Karl rompe com quem ele era – jovem burguês com uma conduta libertina para criar um grupo de salteadores, ou seja, uma vida desgarrada de propósitos, perda, tornando-se sinônimo de desesperança como apresenta a citação no romance folhetim “O prato de arroz doce”, publicado no *Publicador Maranhense* de 1863.

Quem ouvir dizer hoje que muitos pais de família recommendavão ás filhas que não danças- sem com os rapazes da hospedaria franceza e aos filhos que não puz casem os pés em semelhante casa ha do imaginar que o bem servido estabelecimiento de Arismendi encobria mysterios mais tenebrosos do que os das lojas maçonicas, e abrigava gente mais perdida e desalmada do que “Os Salteadores” de Schiller. Pois engana-se bem. A hospedaria franceza dava pousada á gente minis briosa e de honrados sentimentos que havia nas provincias do norte, e por que muitos desses reunião á excellentes qualidades casas de avulta- do rendimento, não faltarão tambem pais de familia melhor informados e mais atrevidos, que ousando encarar do face aquella casa do abominação, cobiçassem para genro algum dos seus habitadores (Publicador Maranhense, 1863, Edição 00007).

Esse romance folhetim, de autoria do escritor português António Augusto Teixeira de Vasconcelos, tornou-se famoso na *Gazeta de Portugal* (Ferreira, 1966, p. 196). A moral e amoral se confundem a partir dessa transformação literária de paradigma. Evidencia-se o aspecto moral do herói: Karl é vítima de uma emboscada do irmão, mas acaba tornando-se culpado, transgredindo regras e liderando saques pela cidade como forma de protesto. Apesar do seu comportamento dúbio, o personagem busca não atentar contra o patrimônio e contra a vida dos homens considerados, por ele, corretos, destacando, assim, que a sua luta era contra o sistema opressor e não contra as pessoas que dele padecem.

Apesar do seu início se assemelhar com a parábola do filho pródigo, narrando uma contenda pela atenção paterna, em seu desdobramento a obra ressalta a crítica social. Esse embate, de acordo com Couto (2015, p. 100), vai muito além de uma simples discussão: “Esta rivalidade representa um conflito social, no qual de um lado se encontra a moral burguesa e de outro a decadência e arbitrariedade da aristocracia [...]”, o que atribuiu ao Karl Moor a alcunha de “ladrão nobre”.

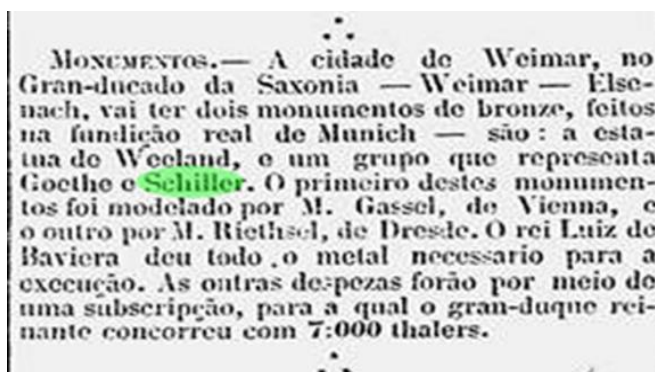
4.7 Monumentos biográficos de Schiller

Nos periódicos brasileiros comumente eram atreladas as imagens de Goethe e Schiller. Existem diversas ocorrências nas quais os dois são citados juntos, como já abordado no capítulo dois do presente trabalho. Em sua maioria, as publicações tratavam sobre a genialidade de ambos e as suas contribuições como monumentos literários.

Em Weimar, foi construído um memorial em bronze desenvolvido pelo escultor alemão Ernst Rietschel, entre 1852 e 1857, para homenagear Schiller e Goethe. As duas esculturas referenciam dois dos poetas mais importantes da literatura alemã. A obra, dependendo da interpretação, pode simbolizar para alguns a amizade que surgiu entre os autores depois de muitos anos de um esquivo consciente de contato (Cf. Bossmann 1959, p. 31), ou, para outros, a expressão monumental da convivência complexa desses autores concorrentes em Weimar.

O monumento de Rietschel chegou a ser notícia aqui no Brasil, no *Diário do Rio de Janeiro* de 1857 (Figura 23) pela sua finalização. Publicada no mesmo ano da conclusão da obra, a nota traz informações sobre os custos e os escultores responsáveis. Salientamos o fluxo de informações entre o Brasil e o estrangeiro, que se apresentava ágil, e os critérios jornalísticos para a escolha dessa publicação em um jornal do Rio de Janeiro, o que leva a supor a diligência dos jornalistas e intelectuais em tratar de grandes nomes da literatura canônica nos periódicos.

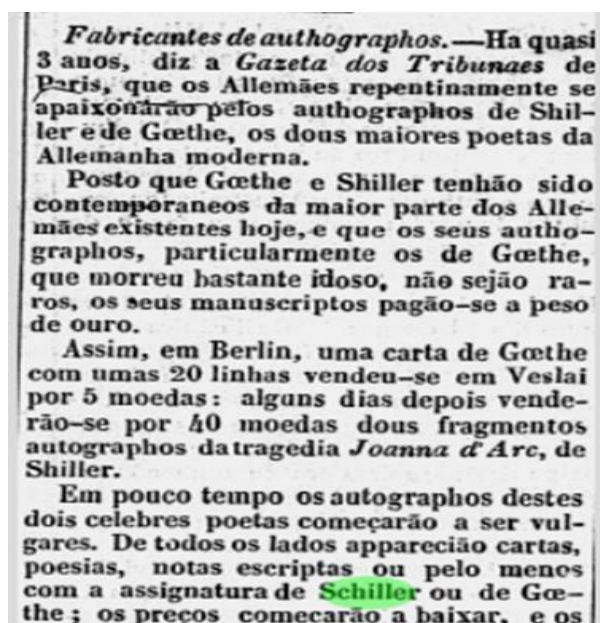
Figura 23 - Nota³² sobre o monumento em bronze para homenagear Goethe e Schiller do *Diário do Rio de Janeiro* de 1857\Edição 00147 (1), seção: Revistas dos jornais estrangeiros – Monumentos



³² Transcrição: MONUMENTOS - A cidade de Weimar, no Gran-ducado da Saxonia-Weimar - Eisenach, vai ter dois monumentos de bronze, feitos na fundição real de Munich - são: a estatua de Weeland, e um grupo que representa Goethe e Schiller. O primeiro destes monumentos foi modelado por M. Gassel, de Vienna, o outro por M. Riethsel, de Dresde. O rei Luiz de Baviera deu todo o metal necessario para a execução. As outras despesas forão por meio de uma subscrição, para a qual o gran-duque reinante concorreu com 7:000 thalers.

Em outra publicação, também do *Diário do Rio de Janeiro* de 1855\Edição 00160, um artigo relata o caso inusitado da falsificação de autógrafos dos dois escritores (Figura 24). Na nota, explica-se que, devido à raridade do manuscrito, poderia ser vendido a preço de ouro. Busca-se aqui reforçar a importância, ou seja, a valorização dos documentos biográficos desses dois autores como bens culturais, ao ponto de que seus autógrafos chegassem a agregar um valor tão significativo que despertasse o interesse de falsificá-los e de o fato ser publicado pela imprensa estrangeira.

Figura 24 - Trecho da nota³³ sobre a falsificação dos autógrafos de Goethe e Schiller da nota do *Diário do Rio de Janeiro* (Ano 1855\Edição 00160)



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

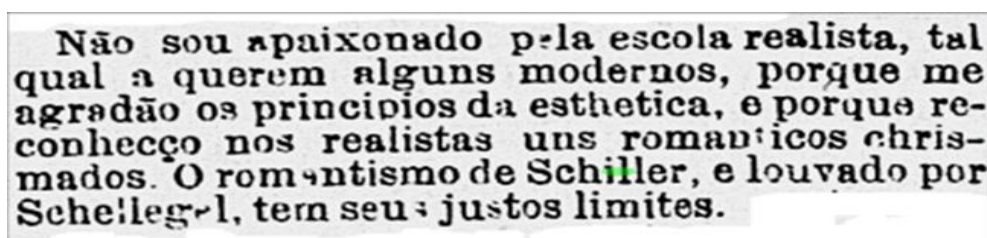
Schiller, como já mencionado, morreu aos 45 anos em Weimar por uma grave infecção causada por uma tuberculose iniciada em 1791 e da qual não se curou. Ele encerra sua carreira como professor universitário, e, com ela, sua dedicação à historiografia (Caldas, 2018, p. 298). Na sua cidade de origem está localizado o Museu Nacional Schiller, um núcleo

³³ Transcrição: Fabricantes de authographos - Ha quase 3 anos, diz a Gazeta dos Tribunaes de Paris, que os Allemães repentinamente se apaixonarão pelos authographos de Shiller e de Goethe, os dous maiores poetas da Allemanha moderna. Posto que Goethe e Shiller tenham sido contemporaneos da maior parte dos Allemães existentes hoje, e que os seus authographos, particularmente os de Goethe, que morreu bastante idoso, não sejam raros, os seus manuscriptos pagão-se a peso de ouro. Assim, em Berlin, uma carta de Goethe com umas 20 linhas vendeu-se em Veslai por 5 moedas: alguns dias depois venderão-se por 40 moedas dous fragmentos autographos da tragedia Joanna d'Arc, de Shiller. Em pouco tempo os autographos destes dois celebres poetas começarão a ser vulgares. De todos os lados apparecião cartas, poesias, notas escriptas ou pelo menos com a assignatura de Schiller ou de Goethe; os preços começarão a baixar [...].

do Arquivo de Literatura Alemã onde, além de conhecer mais sobre o autor, o visitante poderá ter contato com um dos temas mais recorrentes nas obras do autor: a estética.

A figura Schiller que chega aos brasileiros é um autor universal, traduzido e adaptado em várias línguas, um autor dramático, mas também um filósofo e historiador. Inicialmente, sobretudo, um romântico, como nos mostra a publicação de uma notícia no *Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal* (RJ) (Figura 25):

Figura 25 - Trecho da publicação³⁴ do *Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal* (RJ) - Ano 1858\Edição 00238 (1) - Sessão não mencionada: Do illm Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre

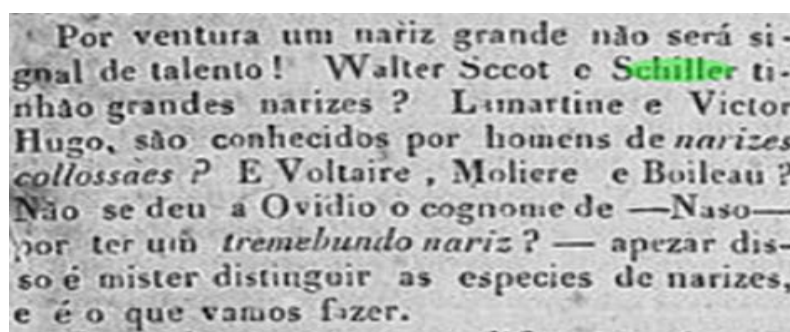


Não sou apaixonado p-la escola realista, tal qual a querem alguns modernos, porque me agradão os principios da esthetica, e porque reconhecço nos realistas uns românticos chris-mados. O romantismo de Schiller, e louvado por Schelllegel, tem seu justos limites.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Em uma diligência de aproximar o autor do seu público-leitor, a imprensa oitocentista brasileira utilizou-se também de publicações de cunho pessoal, com fatos e curiosidades biográficas sobre o referido autor (Figura 26).

Figura 26 - Trecho³⁵ da notícia publicada no *Diario Novo* (PE) de Ano 1847\Edição 00056 (1) intitulada “Physiologia do nariz”



Por ventura um nariz grande não será signal de talento! Walter Scot e Schiller tinham grandes narizes? Lamartine e Victor Hugo, são conhecidos por homens de narizes collossaes? E Voltaire, Moliere e Boileau? Não se deu a Ovidio o cognome de —Naso— por ter um tremebundo nariz? — apesar disso é mister distinguir as especies de narizes, e é o que vamos fazer.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

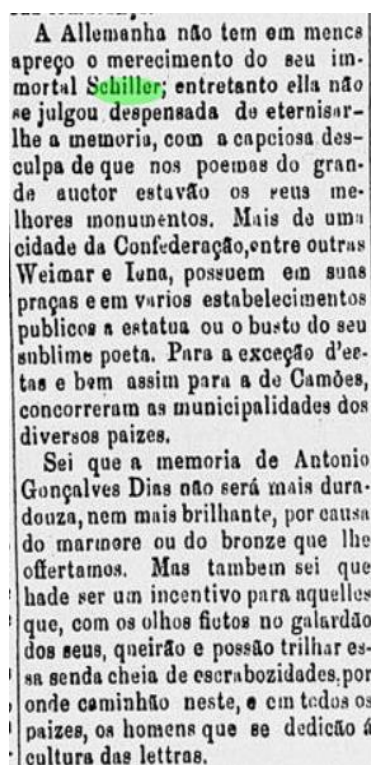
Em um artigo muito semelhante a uma “Carta ao leitor”, de 1865\Edição 00143, no *Publicador Maranhense*, publicado após a morte de Gonçalves Dias, um jornalista discorre

³⁴ Transcrição: Não sou apaixonado pela escola realista, tal qual a querem alguns modernos, porque me agradão os principios da esthetica, e porque reconhecço nos realistas uns românticos chris-mados. O romantismo de Schiller, e louvado por Schelllegel, tern seus justos limites.

³⁵ Transcrição: Por ventura um nariz grande não será signal de talento! Walter Scot e Schiller tinham grandes narizes? Lamartine e Victor Hugo, são conhecidos por homens de narizes collossaes? E Voltaire, Moliere e Boileau? Não se deu a Ovidio o cognome de -Naso- por ter um tremebundo nariz? - apesar disso é mister distinguir as especies de narizes, e é o que vamos fazer.

sobre o poeta o reverenciando como um verdadeiro monumento literário e reivindicando, em tribuna, maiores homenagens ao autor, assim como na Alemanha realizou-se para Schiller (Figura 27). O artigo é grande, por isso optamos por apresentar apenas um trecho, no qual o jornalista menciona Schiller e Dias. Não havia o registro da autoria do artigo, cujo título é “O Sr. Joaquim Serra”. Uma clara referência ao maranhense Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838-1888), amigo de Gonçalves Dias, que foi um importante jornalista, político, dramaturgo e poeta, com vasta produção em prosa e em verso (Camilo, 2013, p. 385). Ele utilizava na imprensa diversos pseudônimos como: Amigo Ausente, Ignotus, Max Sedlitz, Tragaldabas (*Ibid*, p. 410).

Figura 27 - Artigo³⁶ do *Publicador Maranhense* Edição 00143 (1) ano 1865 intitulada “O Sr. Joaquim Serra”



A Alemanha não tem em menca
apreço o merecimento do seu im-
mortal Schiller; entretanto ella não
se julgou despensada de eternisar-
lhe a memoria, com a capciosa des-
culpa de que nos poemas do gran-
de auctor estavam os seus me-
lhores monumentos. Mais de uma
cidade da Confederação, entre outras
Weimar e Iena, possuem em suas
praças e em varios estabelecimentos
publicos a estatua ou o busto do seu
sublime poeta. Para a exceção d'est-
tas e bem assim para a de Camões,
concorreram as municipalidades dos
diversos paizes.
Sei que a memoria de Antonio
Gonçalves Dias não será mais dura-
douza, nem mais brilhante, por causa
do marmore ou do bronze que lhe
offertamos. Mas tambem sei que
hade ser um incentivo para aquelles
que, com os olhos fictos no galardão
dos seus, queirão e possão trilhar es-
sa senda cheia de escraboiedades, por
onde caminhão neste, e em todos os
paizes, os homens que se dedicação á
cultura das lettras.

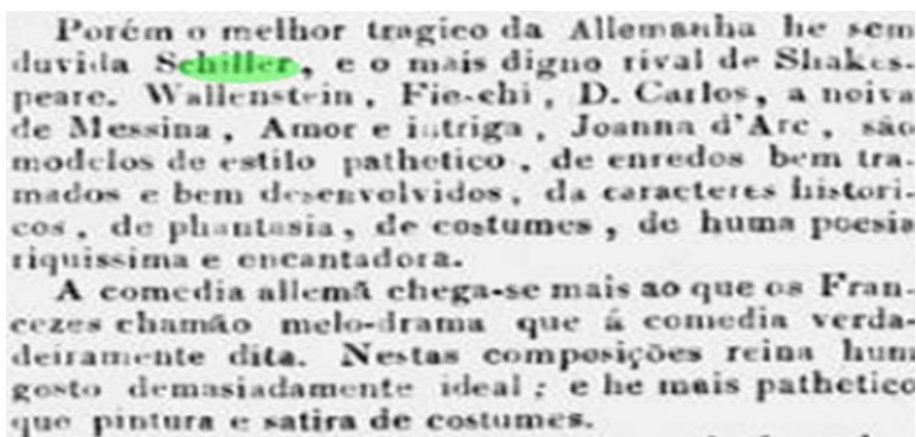
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

³⁶ Transcrição: A Alemanha não tem em menos preço o merecimento do seu immortal Schiller; entretanto ella não te julgou despensada de eterniser-he a memoria, com a capciosa desculpa de que nos poemas do grande auctor estavam os seus melhores monumentos. Mais de uma cidade da Confederação, entre outras Weimar e Jena, possuem em suas praças e em varios estabelecimentos publicos a estatua ou o busto do seu sublime poeta. Para a exceção d'estas e bem assim para a de Camões, concorreram as municipalidades dos diversos paizes. Sei que a memoria de Antonio Gonçalves Dias não será mais duradouza, nem mais brilhante, por causa do marmore ou do bronze que lhe offertamos. Mas tambem sei que hade ser um incentivo para aquelles que, com os olhos fictos no galardão dos seus, queirão e possão trilhar es a senda cheia de escraboiedades, por onde caminhão neste, e em todos os paizes, os homens que se dedicação á cultura das lettras. O monumento de que se trata não é só um tributo ao homem que deixou de viver, é um estímulo para os que vierem: E' certo que os genios como Gonçalves Dias, nascem feitos não são susceptiveis de apparecerem ser unica forza de estímulos [...].

A publicação de 1865, nesse trecho citado, descreve o próprio biografismo alemão ao redor de Schiller na Alemanha e em outras nações. O autor do artigo avalia a necessidade desse tipo de monumento no contexto brasileiro, refletindo sobre o pouco reconhecimento direcionado aos literatos como Gonçalves Dias, cujos trabalhos são notadamente validados, em paralelo ao que ocorre na Alemanha, com Schiller. Ao longo do texto, o autor busca destacar a importância de Dias, recentemente morto na época, como poeta nacional e que essas homenagens estimulariam a futura geração de gênios.

Schiller é referenciado múltiplas vezes nos periódicos brasileiros como um dos grandes nomes da literatura canônica mundial e sua fama irradiou-se para além do território germânico, como vemos já em 1838. Schiller é apresentado no *Despertador* como o melhor trágico da Alemanha, chegando a ser “[...] o mais digno rival de Shakespeare [...]”. O jornalista classifica nessa ocasião, a partir da perspectiva francesa, a comédia alemã mais perto do melodrama do que da comédia propriamente dita:

Figura 28 - Trecho do artigo³⁷ publicado no *Despertador* (RJ) do Ano 1838, edição 00168 (1) intitulada Theatro Allemão



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

A construção imagológica do mito em Schiller é consolidada a partir da sua reputação. Ele se manteve relevante, abordando temáticas importantes para a sua época em suas obras, como: a crítica ao absolutismo, em *Conjuração de Fiesco* e em *Dom Carlos*; a problemática

³⁷ Transcrição: Porém o melhor tragico da Allemanha he sem duvida Schiller, e o mais digno rival de Shakespeare. Wallenstein, Fie-chi, D. Carlos, A Noiva de Messina, Amor e intriga, Joanna d'Arc, são modelos de estilo pathetico, de enredos bem tramados e bem desenvolvidos, de caracteres historicos, de phantasia, de costumes, de huma poesia riquissima e encantadora. A comedia allemã chega-se mais ao que os Fran- cezes chamão melo-drama que “à comédia verdadeiramente dita. Nestas composições reina hum gosto demasiadamente ideal; e he mais pathetico que pintura e satira de costumes.

da sociedade de classes, em *Cabala e Amor*; o processo de independência da Suíça, em *Guilherme Tell*. Provavelmente esse fato e a sua capacidade de apresentar obras com um esmero trabalho linguístico e estilístico favoreceram a sua elevação ao título de gênio. Um referencial de literatura canônica, portanto clássica.

O dicionário Houaiss³⁸ define “clássico” como “[...] obra ou autor que, por sua originalidade, pureza de expressão e forma irrepreensível, constitui modelo digno de imitação”. Todavia, além do reconhecimento, o que torna a obra de Schiller nesse caso canônica é a sua materialidade, sua existência continuada; ou seja, mesmo sua obra sendo fruto do seu contexto histórico, social e político, suas discussões continuam pertinentes mesmo com o passar dos anos. Nosso estudo mostrou que o autor e a sua obra, nas suas múltiplas especificidades, formas de tradução, circulação e de percepção acerca da figura de Schiller entraram como referências importantes na memória cultural estrangeira da literatura e cultura brasileira desde a primeira metade do Oitocentos.

Ainda que nosso objeto de estudo seja a análise da presença de Schiller nos periódicos brasileiros e de língua portuguesa, através dos periódicos *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Recife* e *Publicador Maranhense*, também entendemos a relevância, nos primeiros anos do Brasil enquanto pátria independente, da construção da sua própria identidade e o papel da imprensa como mediadora cultural, além de exercer um caráter instrucional. A partir dos resultados dessa pesquisa, inferimos que as inserções da presença de Schiller e de como ocorreu a construção da sua fama estão interligadas pelo próprio desenvolvimento da imprensa brasileira.

³⁸ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, é relevante apontar o papel dos periódicos na divulgação de autores estrangeiros, sobretudo os alemães como Schiller, objeto do nosso estudo, possibilitando o rompimento das barreiras linguísticas e territoriais como exemplos das transferências culturais (Espagne, 2017) ocorridas no século XIX. O papel desempenhado pelos agentes culturais – como os jornalistas, editores, tradutores, intelectuais, formadores de opinião e críticos literários, entre tantos outros –, a partir de mecanismos de deslocamento, foram fundamentais para o acesso à literatura estrangeira pelos brasileiros, obras clássicas e atemporais que contribuíram para a literatura brasileira no contexto de sua fundação.

Se de fato Schiller era melhor que a sua fama, não sabemos; todavia, a sua personalidade revolucionária, refletida em suas obras, tornou-se grande e contribuiu para que ele chegasse até os brasileiros. Interessou a nós, a exemplo da sua obra-prima *Os Bandoleiros*, analisar como um texto publicado em 1781 e sendo uma crítica à sociedade alemã da época foi ressemantizado no contexto brasileiro, gerando discursos críticos diversos e até polêmicas, a exemplo do “ladrão nobre”, alcunha do protagonista Karl Moor.

A presença de Schiller na imprensa periódica brasileira oitocentista ocorreu de maneira bastante peculiar, não sendo restringida às suas obras e à sua carreira. Foram encontradas ocorrências em publicações que inferem sobre a sua vida pessoal e curiosidades. Schiller, através dos periódicos, alcançou um público que estava fora dos centros culturais, como teatros e bibliotecas, atingindo toda pessoa letrada com acesso aos periódicos da época. É interessante analisar o aumento progressivo da inserção do autor nos periódicos, não apenas no número de publicações, mas nos conteúdos apresentados: as temáticas apresentadas nos primeiros anos estão relacionadas a leilões, venda e aquisições de obras de Schiller. Posteriormente as notas e artigos são preenchidos com críticas e análises no contexto da própria literatura e cultura brasileira.

A relevância dos três jornais do nosso *corpus* demonstrou-se pela pluralidade alcançada através do panorama dos recortes de Schiller na imprensa brasileira. As discussões acerca do autor alemão levantadas nas páginas dos periódicos nos auxiliaram na análise da construção da sua imagem, além das de outros autores estrangeiros e da própria memória cultural estrangeira em um momento tão ímpar da historiografia nacional. Destacamos o

Jornal do Recife pela proeminência quantitativa das ocorrências e pela multiplicidade das temáticas abordadas sobre Schiller.

Mesmo que não tenhamos certeza de como ocorreu a primeira introdução de Schiller em terras brasileiras, sabemos que foi provavelmente através das imigrações, vendas de livros, apresentações nos palcos e por via dos periódicos. Entre os seus múltiplos tradutores, nesse trabalho conseguimos eleger alguns de destaque: Tobias Barreto, Bernardo Taveira Júnior, João Carlos de Souza Machado e Antônio Gonçalves Dias, que possibilitaram que Schiller chegasse a um maior público, atingindo também uma população que não frequentava corriqueiramente espaços culturais pelo seu alto custo.

Através dos periódicos, o “leitor comum” passa a acessar informações sobre Schiller além de suas obras, podendo se informar sobre os gostos, viagens, familiares, data de nascimento, morte, hábitos, maus relacionamentos (Schiller não mantinha boas relações com o governo de Napoleão), entre outros assuntos.

Ressaltando a importância dessa pesquisa que, além do desenvolvimento de uma análise quantitativa de dados na base do acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira sobre a presença de Schiller nos jornais brasileiros do século XIX, traz um resgate histórico inédito. Posteriormente, acreditamos que esses dados quantitativos poderão auxiliar em pesquisas futuras sobre a temática da memória cultural estrangeira da literatura brasileira nessa fase inicial da sua formação.

Buscou-se, portanto, com esse estudo, acrescentar reflexões acerca de temas que, mesmo não estando diretamente relacionadas ao cotidiano brasileiro da época, propiciam também uma maior consciência sobre o funcionamento da nossa própria cultura da imprensa, além de desenvolver a percepção dos leitores sobre a natureza da linguagem, na medida em que amplia sua visão de mundo e os auxilia a construir o respeito às diferenças entre povos.

Em relação ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira, inferimos que o material encontrado em sua maioria é de excelente qualidade, evidenciando o cuidado no tratamento de periódicos antigos, o que nos faz refletir sobre a complexidade do trabalho desenvolvido pela equipe do portal. Também não podemos deixar de considerar a praticidade dos meios digitais e a sua importância para a democratização de acessos às pesquisas acadêmicas, visto que dificilmente teríamos tido a oportunidade de desenvolver o estudo sem o material encontrado na sua forma digitalizada.

Contudo, durante o processo da pesquisa, também identificamos alguns problemas técnicos na base virtual da Hemeroteca. Entre eles, podemos citar: número inexato de

ocorrências, menções discordantes ou que não se referem ao autor, jornais bloqueados sem motivo aparente e jornais com visualização comprometida. Entretanto, sabemos dos esforços em prol das melhorias na tecnologia da digitalização e a projetos em relação à acessibilidade aos dados.

A experiência de uma pesquisa é sempre desafiadora, ainda mais tratando-se de um autor estrangeiro e de uma época distante da nossa (trata-se de quase um século de diferença). Acrescido aos desafios pertinentes ao trabalho de pesquisa, passamos por uma pandemia global que dificultou o acesso a livros e materiais de estudo. Tivemos que nos desdobrar para acessar os arquivos necessários para a construção de um trabalho sólido e que contribuísse para as diversas áreas interdisciplinares envolvidas no contexto desse estudo de caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. (Org). **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 10-14.
- ABREU, M. **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.
- ABREU, M.; Schapochnik, N. (Org). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. São Paulo, SP: Mercado de Letras, 2005.
- ABREU, M.; VASCONCELOS, S.; VILLALTA, L.; SCHAPOCHNIK, N. **Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX**. [S.l.: s.n.], 2005.
- ALARCÃO, M. **Balada: E-Dicionário de Termos de Teoria e Crítica Literária**, v. 1, 2000. p. 1-4.
- ALENCAR, M. E. S. et al. **Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167946>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- ALVES, A. V. L. **A condição do “menor” no Direito Criminal segundo Tobias Barreto**. 2020. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, 2020. Disponível: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/3105>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- ARAÚJO, A. M. História, literatura e antropologia no Iluminismo tardio alemão. **Pandaemonium Germanicum**, [S.l.], v. 22, n. 37, 2019, p. 06-25. DOI: 10.11606/1982-883722376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/155113>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- ARAÚJO, E. O. H.; RIBEIRO, A. K. R. Francisco do Rego Barros e o Recife Neoclássico: uma transformação sócio-espacial. **PINDORAMA**, Bahia, v. 1, n. 01, p. 13-13, 2010. DOI: 10.55847/pindorama.v1i01.362. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/362>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- ARÊAS, Vilma. **Variações do “amor cortês” em Leonor de Mendonça e em O casamento de Fígaro**. Teresa (USP), São Paulo, nº 12-13, 2013. p. 226-243.
- ARMITAGE, J. **História do Brazil desde a chegada da real familia de Bragança, em 1808, até a abdicação do Imperador D. Pedro I, em 1831**. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 1837. p.323.
- ASSIS, Machado de. **Instinto de nacionalidade**. 1ª ed. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 – 34. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- AUGUSTI, Valéria. **Literatura prescritiva, público leitor e práticas de leitura em bibliotecas do Rio de Janeiro do século XIX**. [S.l.]: Leitura, Teoria, p. 12-20, 1998.

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, p. 88-113, Abril/Maio, 2006. DOI: 0.1590/S0104-62762006000100004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/TzJkgQBnG64hk5QyKCCv5NR>. Acesso em: 11 mar. 2022.

AZEVEDO, S. M. Conversa sobre a poesia, by F. Schelegel, F. Schlegel, & V.-P. Stirnimann. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 36, p. 223–227, 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27666673>. Acesso em: 17 out. 2022.

BAHIA, B. J. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1, 2009.

BARBOSA, M. C. Circuitos comunicacionais da imprensa no Brasil do século XIX: olhares sobre o momento inicial. **MATRIZES**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 77-99, 2022. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v16i1p77-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/189390>. Acesso em: 17 out. 2022.

BARBOSA, S. F. P. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARCELOS, J. D. De mãos entrelaçadas: as relações entre jornalismo e literatura no século XIX no Brasil e em Portugal. **Leituras do Jornalismo**, v. 1, n. 5, p. 92-107, 2016.

BARRENTO, J. Poesia. A glorificação do sensível. **Estudos Avançados**, v. 33, n. 96, p. 317-338, 2019. DOI: 10.1590/s0103-4014.2019.3396.0017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VmTjKx9jF8htPqVPrYK48rx/?lang=pt#>. Acesso em: 04 dez. 2021.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**, Vol. 3. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1895, p. 392-393.

BELL, M. Anonymität und Autorschaft in den ‘Xenien’. In: **Goethe-Jahrbuch**. Göttingen: Wallstein, v.122, p. 92-106, 2005.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica – Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BERND, Z. Mobilidades teóricas interamericanas. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 8, n. 1, p. 13-26, 2008.

BETHENCOURT, F. **Racismos: das cruzadas ao século XX**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BITARÃES Netto, Adriano. **Antropofagia oswaldiana: um receituário estético e científico**. 1ª ed. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

BOSSMANN, R. SCHILLER NO BRASIL. **Revista Letras**, Paraná, v. 4, 1955, p.60-63.

BOSSMANN, R. Bicentenário do poeta Friedrich von Schiller. **Revista Letras**, Paraná, v. 10, 1959, p.29-33.

BOTELHO, T. R. Censos e construção nacional no Brasil Imperial. **Tempo social**, v. 17, p. 321-341, 2005. DOI: 10.1590/S0103-20702005000100014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/bmSgfZ8Qgx8QdfzT5f7kZzc/?lang=pt#>. Acesso em: 05 ago. 2022.

BOURDIEU, Pierre. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, p. 3-8. 2002. Disponível: <https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2002-5-page-3.htm>. Acesso em: 12 set. 2022

BOYLE, N. In: **Goethe**. The Poet and the Age. Vol. II. Revolution and Renunciation, 1790-1803. Oxford: Clarendon, 2000, p. 253-346.

BURKE, P. **O historiador como colunista**. Editora: Civilização Brasileira; 1ª edição, 2009.

CADENGO, E. S. N. **O lugar da música e do lúdico no mundo da vida de acadêmicos da saúde: uma perspectiva estética Schiller-Merleau Ponty**. 2016. 58p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

CALDAS, P. S. P. A filosofia da história universal de Friedrich Schiller: uma introdução. **Cadernos de História**, v. 19, n. 30, p. 296-305, 2018.

CAMARGO, K. A. F. A Revista como Fonte de Pesquisa. **Educação: Teoria e Prática**, v. 1, n. 2, p. 79, 12 jul. 2005.

CAMILO, V. Entre "o Romantismo tão gasto e o Realismo tão vasto": os tableaux de Joaquim Serra e o ecletismo. **Teresa**, [S. l.], n. 12-13, p. 384-420, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/99407>. Acesso em: 02 abr. 2022.

CAMILO, V. Nos tempos de Antão. Considerações sobre as Sextilhas, de Gonçalves Dias. **Revista USP**, [S. l.], n. 40, p. 105-113, 1999. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i40p105-113. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28425>. Acesso em: 02 abr. 2022.

CAMPOS, H. **Da razão antropofágica: a Europa sob o signo da devoração (1980) em Metalinguagem & outras metas**. Editora: Perspectiva, São Paulo, 1992, p. 231-255.

CAMPOS, P. M. Schiller e a História. **Revista de História**, [S. l.], v. 15, n. 32, p. 397-408, 1957. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1957.106178. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/106178>. Acesso em: 08 ago. 2022.

CAMPOS, S. M. R. **A Schauerballade “Lenore” e A Noite do Castelo: um caso de transferência literária luso-alemã no início do século XIX**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Luso-Alemães) – Universidade do Minho, Portugal, 2021. Disponível: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/72166>. Acesso em: 21 mai. 2023.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: FAPESP, 2009.

CÂNDIDO, W. R.; SILVESTRE, N. A. C. O discurso da antropofagia como estratégia de construção da identidade cultural brasileira. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v.

38, n. 3, p. 243-251, 16 ago. 2016. DOI: 10.4025/actascilangcult.v38i3.31204. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/31204>. Acesso em: 10 out. 2022.

CARDOZO, M. M. O significado da diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. **Tradução e Comunicação Revista Brasileira de Tradutores**, [S. l.] n. 18, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/09786514483/Downloads/1946.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022.

CARVALHAL, T. F. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CARVALHAL, T. F. Literatura comparada e literaturas estrangeiras no Brasil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 3, n. 3, p. 55-66, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/alexa/Downloads/36-139-1-PB.pdf>. Acesso: 04 jul. 2022.

CARVALHO, G. L.; JÚNIOR, L. A. R. M.; SILVA, N. N. E. S. Escola do Recife e produção de uma crítica social brasileira em Tobias Barreto e Sílvio Romero. **Anais Eletrônicos do VI Colóquio de História**, 2012. p. 291-302.

CARVALHO, M. J. M. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850. 2ª ed. Recife: Editora da UFPE, 1998.

CARVALHO, R. S. **Maranhão, Província Tradutora**: livros e tradutores em São Luís do séc. XIX. Tese (Doutorado em História do livro e Crítica Textual) – Universidade Nova, Lisboa, 2021.

CASANOVA, P. **A República Mundial das Letras**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo. Estação Liberdade, 2002.

CASTELLAMARE, P. (Joaquim Serra). “Eloá” tradução parafrástica de Flávio Reimar. **Semanário Maranhense**, 12 jan. 1868, n. 20, p. 2-3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720097>. Acesso em: 14 nov. 2021.

COUTO, J. O. **Heróis a contrapelo**: lampejos do gênio na escrita dos jovens Goethe e Schiller. 115 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CUNHA, E. F. Da citação como tradução e crítica na obra de Machado de Assis. **Organon**, v. 18, n. 37, 2004.

CUNHA, J. R. **A formação do sistema literário de Pelotas**: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CYNTRÃO, S. H. **A ideologia nas Canções de Exílio**: ufanismo e crítica. 1988. 121 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Obras posthumas**: Precedidas de uma notícia da sua vida e obras pelo Dr. Antonio Henriques Leal. Vol. 6. B. de Mattos, 1869.

DINES, A. **O papel do jornal**: uma releitura. 4ª edição ampliada e atualizada. São Paulo: Ed. Summus, 1986.

DUVAL, R. Tobias Barreto, agente negro de tradução. **Translatio**, n. 13, p. 234-251, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/73757>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ECKERMANN, J. P. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823-1832**. 1ª ed. Tradução: Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ESPAGNE, M. A noção de transferência cultural. Tradução: Dirceu Magri. **Jangada [S. l.]**, n. 9, p. 136-147, 2017. DOI: 10.35921/jangada.v0i9.60. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/60/70>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ESPAGNE, M. Transferências culturais e História do Livro. In: **Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro**, v. 2. Tradução: Valéria Guimarães. São Paulo, 2012, p. 21-34.

ESPAGNE, M.; FONTAINE, A. “Viajando com o conceito de transferências culturais. Entrevista com Michel Espagne”. **Cadernos CIMEAC**, vol. 8, n. 2, 2018, p.6-17. DOI: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v8i2.3263>. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/cimeac/article/view/3263>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ESPAGNE, M.; WERNER, M. **Histoire des études germaniques en France: 1900-1970**. Paris: CNRS ÉDITIONS, v.1, 1994.

EVEN-ZOHAR, I. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Tradução de Leandro de Ávila Braga. **Translatio**, n. 3, p. 3-10, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/34674>. Acesso em: 14 mar. 2022

FADUL, A. **Indústria Cultural e Comunicação de Massa**. Série Idéias n. 17. São Paulo: FDE, 1994. p. 53-59.

FARIA, A. C. Entre escolhas e silêncios: a construção da memória de Gonçalves Dias como poeta nacional. **Revista Maracanan**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 157-182, dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12778/9898>. Acesso em: 02 ago. 2022.

FERNANDES, A. C. F. **De esperançoso menino do Maranhão a poeta nacional**: a consagração da memória de Gonçalves Dias. 2021. 236 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

FERNANDES, A. C. S. **A Imprensa em pauta**: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. 206f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2004.

FERNANDES, G. A. As formas no Cancioneiro geral de Garcia de Resende: tradição e inovações. **Convergência Lusíada**, n.28, p.40-58, 2017. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50335/1/2017_art_gafernades2.pdf. Acesso em: 02 out. 2022.

FERNANDES, M. T. **Do Gespenster-Hoffmann ao bruxo do Cosme Velho**: travessias do fantástico e transformações no Brasil. Editora Cajuína, São Paulo, 2020.

FERREIRA, A. et al. **Bom senso e bom gosto**: Questão Coimbra: textos integrais da polémica. Lisboa, Portugal: Portugália Editora, 1966.

FONSECA, S. P. L. **Gonçalves Dias e a profissionalização do escritor no Brasil**. 2019. 89 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

FRANSBACH, M.; FRANZBACH, M. Gonçalves Dias "Canção do Exílio" und Goethes "Mignon": Interpretation und Quellenvergleich. **Revista de Letras**, v. 6, p. 119-128, 1965. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27665938?seq=8#metadata_info_tab_content. Acesso: 25 out. 2022.

FREITAS, C. F. B.. **Aspectos da história e da literatura na primeira década do almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1900)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) Rio Grande do Sul, 2007.

FREITAS, H. S. **Jornalismo e Literatura**: inimigos ou amantes? Contribuições para o estudo de uma relação controversa. Lisboa/EUA: Peregrinação Publications, 2002.

FREITAS, R. C. **Tradução e recepção de literatura infantil**: “El Viaje Del Cocodrilo Matusalén”. 2016. Disponível: <https://bdm.unb.br/handle/10483/16344>. Acesso: 20 fev de 2023

GAGLIARDO, V. C. O papel pedagógico dos jornalistas no Rio de Janeiro oitocentista. **Intellèctus**, v. 14, n. 1, p. 127-141, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/18801/13909>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOETHE, Johann Wolfgang von. SCHILLER Friedrich von. **Correspondência**. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Editora Hedra; 1ª edição, 2010.

GONÇALVES, M. C. et al. **Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração**: Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior (1836-1892). 2014. p. 1-173. Dissertação (Mestrado em História) – Pelotas, 2014.

GONÇALVES, M. C.. A vida e a obra do escritor Bernardo Taveira Junior (1836-1892)/Life and word of a writer Bernardo Taveira Junior (1836-1892). **Patrimônio e Memória**, v. 11, n. 2, p. 217-232, 2015.

GOULART, A. T.; TRINDADE, V. C. M.. O caráter estético do texto literário na formação do leitor. **Revista ContraPonto**, Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, v. 3, n. 4, p. 111-128, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/download/8380/pdf>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GRANJA, L.; DE LUCA, T. R. **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. São Paulo: Editora Unicamp, 2018.

GUIMARÃES, A. R. G. P. Guilherme Tell: Os princípios Românticos na Literatura infantil. **Cadernos De Pós-Graduação Em Letras**, 2018. Recuperado de: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/11585>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GUIMARÃES, Jéssica de Oliveira. **Conceitos schillerianos presentes na obra Beatriz Cenci de Gonçalves Dias**. Opiniões, n. 15, p. 191-212, 2019.

GUIMARÃES, V. Jornais franceses no Brasil. **XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH**. São Paulo, USP, 2011.

HEIDERMAN, W. Intriga e Amor de Friedrich Schiller, tradução de Mario Luiz Frungillo. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 15, p. 258-262, 2005. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo1720287-intriga-e-amor-de-friedrich-schiller-tradu%C3%A7%C3%A3o-de-mario-luiz-frungillo. Acesso em: 12 fev. 2022.

HEILBRON, J.; SAPIRO, G. **Por uma sociologia da tradução: Balanço e perspectivas**. Tradução: Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. João Pessoa: Graphos, v. 11, n. 2, dez. 2009.

HEISE, E. **Goethe e Machado em relação dialógica**. Fausto de Goethe e a contemporaneidade. p. 15-31, 2012.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br>. Acesso em: 10 mai. 2021.

JACOBBI, R. **Goethe, Schiller, Gonçalves Dias**. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, (Série Letras, 5), 1958.

JORGE, S. **Imprensa do Maranhão no século XIX 1821-1900**. São Luís: EDITORA, 2008.

KESTLER, I. M. F. História e filosofia da história na obra do jovem Friedrich Schlegel. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 49, p. 79-93, 2008.

LEMONS, A. P. F. **Uma abordagem historiográfica sobre a família real portuguesa no Brasil**. História-Tubarão, 2018. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

LEVIN, O. M. Teatro de papel-certa dramaturgia de Artur Azevedo. **Remate de Males**, v. 28, n. 1, p. 43-52, 2008.

LIMA, G. A. B. O. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 15, n. 2, p. 108-122, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/Mzmm4hhnBMt5ym3zjwcWCLG/?lang=pt#>. Acesso em: 11 mai. 2022.

LOURES, C. “Um prato de Arroz doce”, de Teixeira de Vasconcelos – um romance que ajuda a compreender a História. **A Viagem dos Argonautas**, 29 jun. 2013. Disponível em: <https://aviagemdosargonatas.net/2013/06/29/um-prato-de-arroz-doce-de-teixeira-de->

[vasconcelos-um-romance-que-ajuda-a-compreender-a-historia-por-carlos-loures/](#). Acesso em: 10 out. 2022.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 111-153. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5169956/mod_resource/content/1/Fontes%20Hist%C3%B3ricas%20-%20Karla%20Pinsky.pdf. Acesso em: 03 jan. 2022.

LUSTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MARENDINO, L. P. **O Diário do Rio de Janeiro e a imprensa brasileira do início do Oitocentos (1808 – 1837)**. 117p. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTINESCHEN, D. Maria Stuart de Schiller em tradução de Manuel Bandeira. **Cadernos de Tradução**, v. 41, n. 3, Sep-Dec 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/QxzYHrkFgyv5NNDCd5xfnd/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2022.

MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 37-54.

MARTINS, A. L. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de Republica, São Paulo (1890-1922)**. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MELLO, J. C. A cultura política oitocentista na época joanina entre a gazeta do Rio de Janeiro, o Correio Brasiliense e a idade d'ouro do Brazil. **Revista Recôncavos**, v. 1, n. 3, p. 79-89, 2009. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/reconcavos/article/view/1109>. Acesso em: 2 jul. 2022.

MELLO, J. M. F. **Ensaio sobre a estatística civil e política da Província de Pernambuco**. Conselho Estadual de Cultura, 1979. p. 309-345. Edição reedição da publicação datada de 1852. Recife, 1979.

MISSIO, E. **De l'Allemagne de Mme de Staël**. Tradução: MISSIO, E. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2016.

MOLINA, M. **A história dos jornais no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.1, 2015.

MORAES, J. **Gonçalves Dias: vida e obra**. São Luís: Alumar, 1998, p. 33-39.

MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. in: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.p.23-43

MOREL, M. A Independência no papel: a imprensa periódica. In: JANCSÓ István (Org.). **Independência: História e Historiografia**. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 2005.

MOREL, M. **O período das Regências (1831-1840)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MOURA, M. S. Entre amor e ódio. O início da amizade entre Goethe e Schiller. **Forum Deutch - Revista Brasileira de Estudos Germanísticos**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 126-137, 2006.

MOURA, M. S. A. **A poiesis orgânica de Goethe** – A construção de um diálogo entre arte e ciência. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, L. **Três mestres de direito no ‘batente’ do jornal: Tobias Barreto, Martins Júnior, Clóvis Bevilacqua**. Recife: Imprensa Oficial, 1966.

NEVES, D. V. Bernardo Taveira Junior. In: **Vultos do Rio Grande: tomo 2**. Rio Grande: UCS, 1987. p. 87-89.

OLIVEIRA, R. Demandas por qualificação profissional: Recife, segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 54, p. 629-646, 2013. DOI: 10.1590/S1413-24782013000300007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/fBsPmFkz9HLcmhM5NCYNvfR/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 20 out. 2022.

PAMBOUKIAN, M. R. O caso bug-jargal: tradução, transposição e hipertextualidade no romantismo brasileiro. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], v. 1, n. 24, p. 131-145, 2019. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v1i24p131-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/157245>. Acesso em: 5 jan. 2022.

PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221 p.

PONCIONI, C. LEVIN, O. M. **Deslocamentos e mediações: a circulação Transatlântica dos Impressos (1789-1914)**. 1ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

PÓVOAS, M. N. Apontamentos em torno da revista literária Sul-Rio-Grandense arcádia (1867-1870). In.: **XV ABRALIC: Experiências Literárias, textualidades contemporâneas**. ABRALIC, Rio Grande do Sul. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491259646.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

PRADO, G. M; MARTINS, V. P. Ensaio sobre a estatística civil e política da província de Pernambuco, 1839: o projeto ilustrado brasileiro para a unidade nacional. **Anais da Biblioteca Nacional**, v.120, 2000. p. 335-345.

QUEIROZ, J. M; FRANÇA, L. A. O. Romances portugueses em circulação no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. **Travessias Interativas**, n. 14, p. 451-469, 2017. DOI: 10.51951/ti.v7i14. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/9152>. Acesso em: 28 abr. 2022.

RIBEIRO, F. **Mulheres de Papel – o imaginário feminino em Machado de Assis e José de Alencar**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

RODRIGUES, H. Transferência de saberes: modalidades e possibilidades. **História, Questões e Debates**, Curitiba, n. 53, p. 203-225, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/24122/16153>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ROMERO, S. **História da Literatura Brasileira**. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SALES, G. M. A; BARBOSA, S. F. P. (Org.). **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

SALGADO, M. R. Três tradutores de poesia no Brasil do século XIX. **eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics**, [S. l.], n. 9, 2017. Disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/179>. Acesso em: 17 mar. 2022

SANTANA, J. G. **Embates da fé: católicos e protestantes no Recife, 1860-1880**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

SANTOS, Rosângela Cruz Freire dos. **A utopia antropofágica de Oswald de Andrade: um ideal de Brasil sem roteiros**. 2022.

SANTOS, R. C. et al. **A prosa de ficção francesa nos periódicos *Diário de Pernambuco*, *O Liberal Pernambucano* e *Jornal do Recife* (1850-1870): Joseph Méry e o público leitor**. 2021. 177 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2021.

SCHAPOCHINIK, N. Sobre a leitura e a presença de romances nas bibliotecas gabinetes de leitura brasileiros. In: ABREU, M. **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos Séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 155-170.

SCHILLER, F. **Sämtliche Werke in fünf Bänden. Bd I: Gedichte, Dramen**. 1ª ed. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004a.

SCHLEIERMACHER, F. In: HEIDERMANN, W. **Antologia bilíngüe: Clássicos da Teoria da Tradução**, vol. I: alemão-português. 1. ed. Florianópolis: Núcleo de tradução, 2010.

SCHMIDT, A. L. L. C.; ARAUJO, B. C.; FINAMORE, L. B. Versões intertextuais da canção do exílio, de Gonçalves Dias: entre a paródia e a carnavalização. **Revista Transformar**, v. 14, n. 1, p. 298-315, 2019. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/335>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SCHWARZ, R. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das letras, 2006. 184 p.

SELANSKI, W. **A Balada Alemã**. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1998.

SERRA, J. **Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

SIGUÁN, M. **Schiller nella Spagna del XIX secolo**: un autore romantico, in: *Cultura Tedesca*, Roma 2005, p. 197-210.

SILVA, C. A. **Transferências Culturais via Tradução nas Revistas O Archivo (1846) e Revista Americana (1847-1848)**. 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, C.; XAVIER, W. Gonçalves dias e a tradução na imprensa periódica oitocentista. **Cultura & Tradução**, João Pessoa, v. 3, ed. 1, p. 384-396, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/21702/12203>. Acesso em: 12 out. 2022.

SILVA, F. V. O que significa e com que fim se estuda a história universal? SCHILLER, Friedrich. Tradução de Felipe Vale da Silva. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 42, n. 3, p. 219-242, Jul/Set., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/S7Gwz58NWDQZRwrq3v6Fbfr/?lang=pt#>. Acesso em: 8 out. 2022.

SOARES, P. P. **A guerra da imagem**: iconografia da guerra do Paraguai na imprensa ilustrada fluminense. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SODRÉ, M. O patrimônio como virtude. In: **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000. *Transatlântica dos impressos (1789 - 1914)* São Paulo: Editora UNICAMP, 2019

SODRÉ, N. W. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1966.

SOUSA, C. H. M. R. **Do cá e do lá**: introdução à imagologia. São Paulo: Editora Humanitas, 2004. p.367-369

SOUZA, Daniela Montenegro de. **O surgimento do comércio de romances ingleses nas lojas do Rio de Janeiro**: dos requerimentos à Vossa Majestade aos armazéns de 'commodo preço'. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2014.

SOUZA, J. P. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, v. 1, n. 20, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2115>. Acesso em: 9 jun. 2022.

SOUZA, L. L. A imprensa régia. O tardio nascimento da imprensa brasileira. **VERBUM**, v. 9, n. 1, p. 310-323, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/42346>. Acesso em: 10 set. 2022.

SOUZA, M. A. **A Cultura Material na história do Lyceu Maranhense por meio d'ó Publicador Oficial e Publicador Maranhense (1838 - 1885)**. 2018. 80p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2018.

SPINA, S. **A cultura literária medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

STARK, A. C. Augusta Candiani no Rio Grande do Sul: a trajetória artística de uma cantora lírica e atriz durante a Guerra do Paraguai. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 161, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/111527>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SÜSSEKIND, P. A recriação da Grécia: o debate de Goethe e Schiller sobre a imitação dos antigos. **Kléos**, v. 8, n. 11/12, p. 77-89, 2007. Disponível em: <http://pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/K11/K11-PedroSussekind.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2022.

TAUNAY, A. E. **Reminiscências**. 2ª ed, São Paulo, 1932.

THEOBALD, P. **Formas e tendências da historiografia literária: o caso da literatura alemã no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

UFSC-NUPILL, U.-I. Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=8796>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ULHÔA, M. T.; NETO, L. C. L. Jornais como fonte no estudo da música de entretenimento no século XIX. In: **Anais de Congresso Anppom**, São Paulo, SP. 2014, p.1-8

VAZ, A. E. A.; et al. **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. Editora da UFPB, 2014.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. 1st ed. London Routledge, 1995.

VOLOBUEF, K. Friedrich Schiller e Gonçalves Dias. **Pandaemonium germanicum**, São Paulo, 16 abr. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304212734_Friedrich_Schiller_e_Goncalves_Dias. Acesso em: 11 mai. 2022. p. 1-14.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. From Transferts culturels to Transferências culturais: Interdisciplinary and Methodical Dynamics and Translations of the Concept in the Brazilian Context. In JORGENSEN, Steen-Bille; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (Org.). **Cultural Transfer Reconsidered. Transnational Perspectives, Translato Processes, Scandinavian and Postcolonial Challenges**. Brill Rodopi, Leiden, Boston, 2021, p. 198-223.

XAVIER, W. R. A. Goethe além do nacional: Conversações entre Leipzig e Bahia. **Cadernos de Traduções**, v. 41, n. 3, 2021. DOI: 10.5007/2175-7968.2021.e83550. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/83550>. Acesso em: 13 nov. 2021b.

XAVIER, W. R. A.; AUGUSTI, V.; MOLLIER, J. Y. Dossiê: Trânsitos, trocas e transferências culturais. **Revista Letras Raras**, ed. especial, Campina Grande/PB, 2019. Disponível: <http://ch.revistas.ufcg.edu.br/index.php/RLR/issue/view/78>. Acesso: 19 mai de 2023.

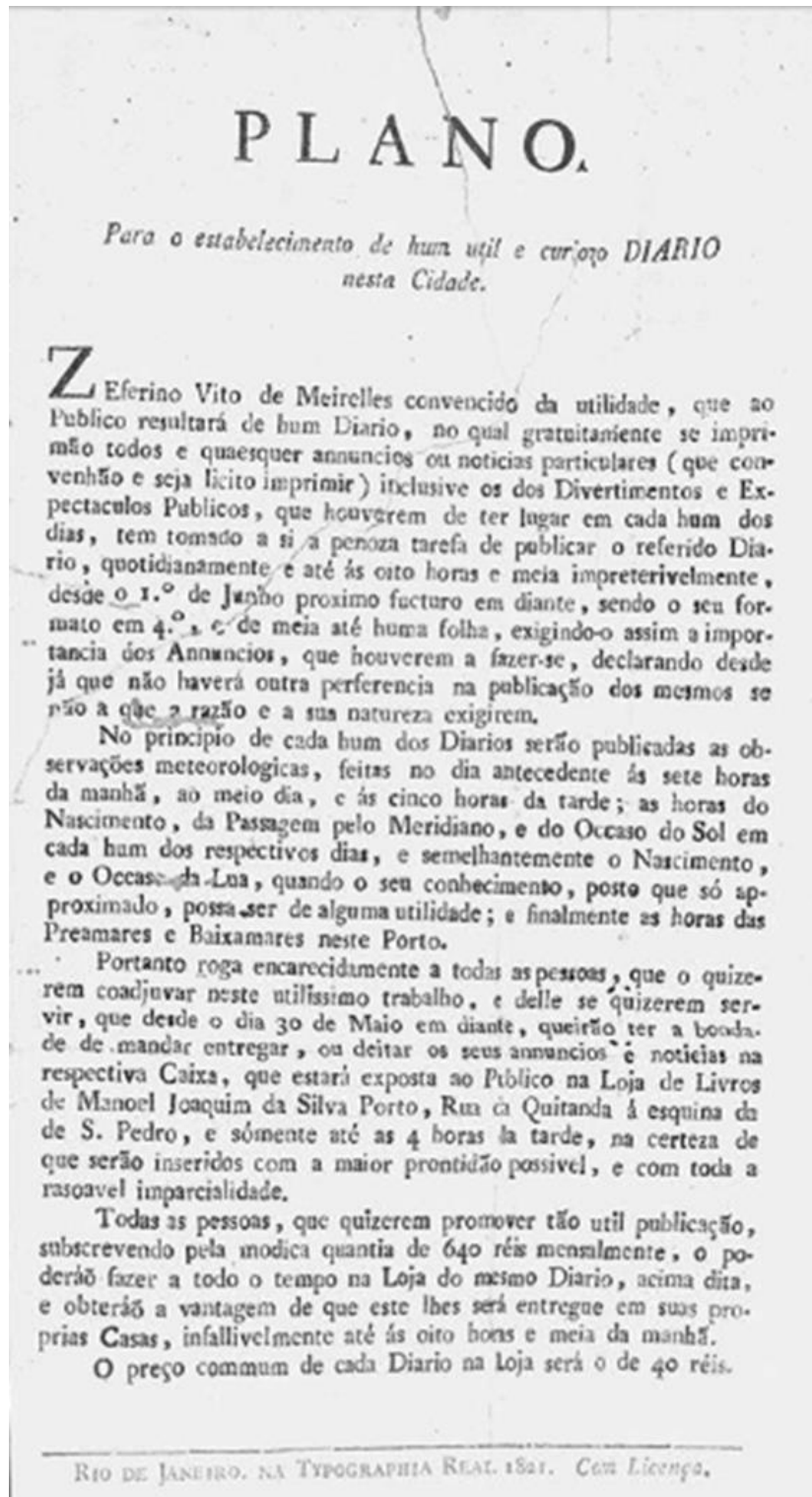
YAMAGAKI, Teiko. **Tradução e cultura: Goethe, Schleiermacher, Berman, Brisset – um estudo comparativo**. São Paulo, 2013.

ZILBERMAN, R. **Literatura Brasileira Contemporânea: A Busca pela expressão nacional**. Comunicação apresentada no Curso de Extensão História, hoje/CPG História UFRGS, Porto

Alegre, n. 2, p. 61, 9 mai. 1994. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/wp/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ANEXOS

Anexo A – Capa da primeira edição do *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) datada de Ano 1821, edição 0600001



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

